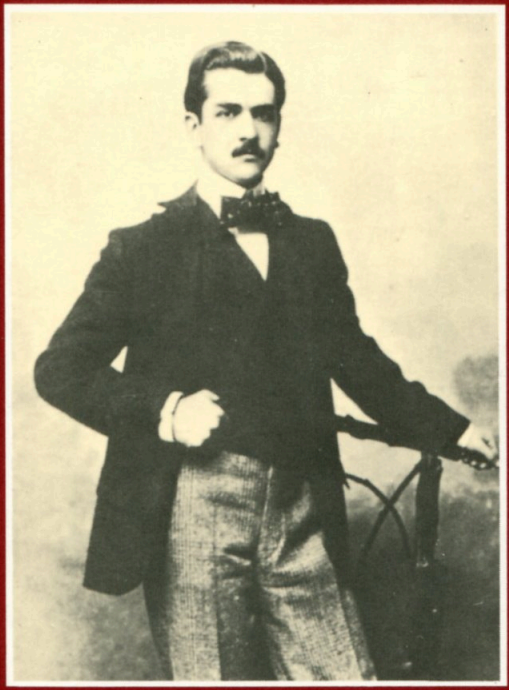
Raymond Roussel

NOVAS IMPRESSÕES DE ÁFRICA



FENDA

NOVAS IMPRESSÕES DE ÁFRICA

RAYMOND ROUSSEL

NOVAS IMPRESSÕES DE ÁFRICA

Tradução de
Luiza Neto Jorge

Introdução de
Manuel João Gomes

FENDA

Raymond Roussel
Novas Impressões de Africa
Título original
Nouvelles Impressions d'Afrique
Tradução
Luiza Neto Jorge
Introdução e Apensos
Manuel João Gomes
Direcção gráfica
João Bicker

Direitos desta versão
para a língua portuguesa
reservados por
Fenda Edições
Apartado 21334
1131 Lisboa Codex

TÁBUA

IX

INTRODUÇAO AO LABIRINTO
DE RAYMOND ROUSSEL

XVII

NOVAS IMPRESSÕES DE AFRICA

CI

BIOBIBLIOGRAFIA DE RAYMOND ROUSSEL

CXI

COMO ESCREVI ALGUNS DOS MEUS LIVROS

INTRODUÇÃO AO LABIRINTO DE RAYMOND ROUSSEL

> Se a linguagem fosse tão rica como o ser, seria o duplo inútil e mudo das coisas; não existiria. Mas, se não tivessem nome para serem nomeadas, as coisas ficariam no escuro. Roussel experimentou esta lacuna iluminante da linguagem até à angústia, até à obsessão, se se quiser.
>
> *MICHEL FOUCAULT*

1.

A partir de certo momento — o momento em que Pessoa começa a ser popular em França — há três nomes que a crítica literária gaulesa gosta de pôr lado a lado:

James Joyce
Raymond Russel
Fernando Pessoa.

Para muitos, eles são os três maiores escritores do século XX. Têm até em comum o serem amados por *poucos*, independentemente da importância que *todos* lhes atribuem e da influência que se admite eles exerceram (exercem... virão a exercer...) sobre as artes e as letras deste século.

Como não há três sem quatro, Kafka poderia também ser incluído neste rol.

Incluamo-lo e teremos assim os quatro doutores da igreja da vanguarda, os quatro evangelistas do texto moderno, presidindo aos destinos da linguagem em que o nosso tempo se escreve/inscreve.

Que mais há de comum entre os quatro?

Para o caso que nos interessa, a desintegração do discurso. Pessoa foi o que se sabe. O drama-em-gente, a personalidade desestruturada, repartida por 4, por 6, por 10 personagens. Kafka é um texto fragmentado, uma obra eternamente incompleta nas partes e no todo. De Joyce, o texto que mais importa para este caso é o *Finnegans Wake:* as palavras a esticar e a encurtar, a desfazer-se e a refazer-se, a estruturar-se e a desestruturar-se, criando um discurso delirante, alheio a todas as gramáticas, a todos os vocabulários, a todos os idiomas.

2.

Quanto às *Novas Impressões de África* de Roussel, é a total dispersão do discurso poético-narrativo, a torrente interrompida, a sintaxe dilacerada, a debandada das frases do corpo da página para o rodapé; o texto que teima em disseminar-se e não evita a justaposição. Cada um dos significantes postos em causa em sucessivos parêntesis, encaixados noutros parêntesis, em notas de rodapé que pedem outras notas de rodapé. Multiplicando-se, os pormenores asfixiam a narração principal. Na imagem de François Caradec, biógrafo de Roussel, «*a linguagem desconjunta-se toda, abrindo sob as palavras alçapões no fundo dos quais corredores sucessivos nos transportam para a câmara quadrada de um labirinto...*» Uma viagem no escuro. Em demanda da luz, como quer Foucault: «*...uma elucidação proliferante, interrompida por uma nova luz, a qual é por sua vez quebrada pelo parêntesis de um novo clarão...*»

Para Leiris, é uma paciente operação estilística, destinada a quebrar, despedaçar, desarticular o fio do sentido. E Jean Ferry, primeiro grande exegeta de Roussel, afirma: «*a composição evoca duas ou três esferas grandes e concêntricas, no meio das quais, igualmente distantes, flutuariam outras esferas que por sua vez são formadas por camadas diversas*».

Tudo isto dentro da maior correcção, da maior concisão e exactidão nos relatos e nas descrições.

Novas Impressões de África é um poema em quatro cantos, centrados respectivamente em quatro cenários egípcios: a casa de Damieta onde São Luís esteve preso, o campo de batalha das Pirâmides, um objecto que, lambido, cura a icterícia e os jardins de Roseta. O primeiro e o segundo cantos são poemas fundamentalmente históricos; o terceiro «*pode ser considerado um poema científico*», na opinião de Michel Leiris; o quarto é um poema lírico. Segundo o mesmo Leiris, a criptografia é um dos temas mais constantes do autor: tudo se complica quando se pressente que Roussel só recorre a palavras dotadas de dois sentidos, àquele género de vocabulário só conhecido pelos amadores de palavras cruzadas. É o próprio Roussel que afirma dar sempre às palavras «um sentido completamente diferente do que elas têm à primeira vista».

Novas Impressões de África é «*um tratado de todas as maravilhosas distorções da linguagem: antífrases, pleonasmos, antonomásias, alegorias, litotes, hipérboles, metonímias, catacreses e metáforas*», «*onde as palavras se entrechocam e se afastam, carregadas de electricidade contrária*» (Foucault).

Roussel confessa que levou sete anos a compor as *Novas Impressões* e que cada verso exigiu cerca de quinze horas de trabalho (e eu estou em condições de adiantar que a tradutora portuguesa não precisou de menos tempo para pôr cada um desses versos em português...)

Michel Foucault chama também a atenção para «*uma impressionante rarefacção dos verbos. Há enunciados com cerca de vinte*

páginas onde não se encontra um único verbo num modo pessoal. Como se as coisas se sucedessem num vazio onde ficam suspensas entre um ponto de apoio esquecido e uma margem ainda por avistar».

3.

Este vazio é sobretudo uma reacção contra a realidade.

Neste texto, mais do que em qualquer outro, Roussel mostra preferir o «*domínio da Concepção ao domínio da Realidade*», como confessa numa carta de 1922 para Michel Leiris. O Real prima pela ausência. Pura Literatura, tirada da Imaginação. Pura Imaginação. Dando razão ao velho Hegel, segundo o qual «*o prazer estético depende exclusivamente do modo como a imaginação é posta em cena*».

Em 1928, Roussel foi eleito para presidir a um corpo de jurados, num processo por agressão. Os jornalistas acharam que um escritor, numa tal função, encontraria pretexto para escrever mais um livro, baseado na experiência de jurado. Roussel respondeu-lhes textualmente: «Já dei a volta ao mundo e nunca me servi das recordações que trouxe dessa viagem. Acabo de visitar a Pérsia e tal visita ser-me-á, literariamente falando, inútil. Todas as minhas obras são pura imaginação».

Novas Impressões de Africa (que foi publicado em 1932 e não é uma continuação de *Impressions d'Afrique*, publicado em 1910...) é, portanto, um poema completamente imaginado, sem relações de espécie alguma com realidades africanas (se descontarmos um ou dois versos que falam do Nilo e da vegetação que cresce nas suas margens).

Apesar dessa consciência de ser um poeta do imaginário, Roussel nunca aceitou que lhe chamassem escritor da vanguarda e morreu convencido de que era um grande estilista ao gosto académico do seu tempo, um hábil manipulador da métrica e da rima (que por sinal também é). Nunca levou a sério a consideração que

por ele tinham os jovens surrealistas. Michel Leiris (que então fazia parte do grupo de Breton) fala da perfeita ingenuidade de Roussel, do cuidado e da precisão que ele punha na fabricação dos versos, sempre de acordo com todas as regras da prosódia... mas corroídos no interior por uma imaginação sem rédeas. Delirante.

Ao seu médico fez Roussel algumas confidências nesse sentido.

O médico era o famoso psiquiatra Pierre Janet que escreveu essas confidências num livro *(De l'Angoisse à l'Extase)*. Citemos: «*...a obra não pode ter nada de real... tem de ser uma combinação totalmente imaginária...*» E de outra vez: «*Se esta descrição tivesse alguma coisa de real, seria feia...*»

Um outro Raymond, não Roussel mas Queneau, então surrealista, fala em artigo de 1933 de «*uma imaginação implacável, metódica na forma e desregrada pelos elementos que emprega; uma imaginação capaz de tornar translúcidas as suas mais desenfreadas liberdades (...); uma imaginação que casa o delírio do matemático com a razão do poeta... É isso que vamos encontrar, entre outras maravilhas, nos romances de Raymond Roussel, romances que são verdadeiros mundos, porque Raymond Roussel cria mundos com um poder, uma originalidade, uma verve de que até hoje Deus Pai julgava ter o exclusivo*».

Da imaginação desenfreada deste poema fala também Salvador Dali no n.º 6 da revista *Le Surréalisme au service de la Révolution*: «*Este é, de todos os livros da nossa época, o mais 'poeticamente impossível de agarrar' e, portanto, o que terá mais futuro. A metáfora, sublimemente depreciada, aflora aqui as raias da 'debilidade mental'. As comparações estabelecidas procedem das mais imediatas, das mais directas semelhanças anedóticas acidentais e, graças a isso, os elementos comparados que se sucedem às centenas, fazem-nos assistir aos conflitos mais obscuros e mais impenetráveis que algum dia se produziram. (...) É a utilização sistemática, até ao infinito, deste mecanismo de associações microscópicas (...) que faz com que as* Novas Impressões de Africa *se nos apresentem*

como o itinerário sonhado dos novos fenómenos paranóicos. A escolha das ilustrações mostra mais uma vez o génio de Raymond Roussel».

(Só um pintor, só Dali poderia referir a genialidade das ilustrações. Elas são da autoria de um ilustrador hoje desconhecido, Zo, que não chegou a ler o texto; foi Raymond Roussel que lhe apresentou uma descrição minuciosa de cada um dos desenhos pretendidos: *Uma casa a arder, rodeada de bombeiros, subindo escadas* ou *Um carvalho muito antigo e frondoso,* etc. O grande objectivo das ilustrações é aumentar o volume.)

4

Só o *Nouveau Roman* e os estruturalistas conseguirão, já nos anos 50 e 60, convencer o mundo da importância e da singularidade da obra de Roussel, do seu trabalho de desintegração da linguagem e recriação do discurso. Uma escrita muitas vezes automática.

Costuma-se comparar *Un Coup de Dés* com as *Nouvelles Impressions.* Ambos os textos levam até às últimas consequências a subversão das normas tipográficas e põem em causa as normas da sequência narrativa. Onde Mallarmé é ultrapassado é, claro está, no domínio da imaginação; o trabalho poético de Roussel é uma brincadeira com a linguagem e não já com conceitos, por muito abstractos que eles sejam.

Estamos diante de uma escrita hieroglífica.

E todo o arrazoado que aí fica deseja ser apenas um fio condutor num labirinto africano onde não é fácil entrar, donde não é fácil sair.

Mas há que tentar. Como Roussel dizia, falando do seu método, *«tenho a impressão de que os escritores do futuro poderão explorá-lo com proveito».*

E eu tenho a impressão de que os leitores poderão, com prazer, seguir as pegadas deste viajante que, mesmo quando percorria as cinco partes do mundo, nunca passava além das paredes da sua imaginação.

M. J. G.

NOVAS IMPRESSÕES DE ÁFRICA

I

Damiette

LA MAISON OU SAINT LOUIS FUT PRISONNIER

Sans doute à réfléchir, à compter cela porte,
D'être avisé que là, derrière cette porte,
Fut trois mois prisonnier le roi saint!... Louis neuf!...
Combien le fait, pourtant, paraît tangible et neuf
En ce pays jonché de croulantes merveilles,
Telles qu'on n'en sait point ici-bas de plus vieilles!
Elles présentes, tout semble dater d'hier :
Le nom dont, écrasé, le porteur est si fier
Que de mémoire, à fond, il sait sans une faute
(Comme sait l'occupant, dans une maison haute,
D'un clair logis donnant sur le dernier palier
— Photographe quelconque habile à pallier
Pattes d'oie et boutons par de fins stratagèmes —
((Pouvoir du retoucheur! lorsque arborant ses gemmes
(((Chacun, quand de son moi, dont il est entiché,
Rigide, il fait tirer un orgueilleux cliché,
— Se demandant, pour peu qu'en respirant il bouge,

I

Damiette

A CASA ONDE SÃO LUÍS ESTEVE PRISIONEIRO

Por certo a reflectir, a contar isto exorta:
Ter presente que ali, atrás daquela porta,
Três meses esteve preso o santo rei!... Luís nono!...
Quão tangível parece esse facto, e quão novo
Neste chão de ancestrais maravilhas juncado,
Tão velhas como não há fama noutro lado!
Presentes como são, tudo de ontem parece;
O nome que, esmagado, o portador estremece
Tanto que, de memória, ele sabe, e o decora,
(Como sabe quem num prédio alto lá mora,
Na mais clara mansarda, último patamar,
— Fotógrafo qualquer hábil em paliar
Botões, pés-de-galinha em finos estratagemas —
((Dom do retocador! arvorando as suas gemas
(((Quando um que, do seu ser, do qual está embeiçado,
Vai, rígido, tirar um retrato aprumado,
Embora ao respirar mal bula, perguntando

Si sur la gélatine, à la lumière rouge,
Dans le révélateur il apparaîtra flou, —
((((Tels se demandent : — S'il diffère d'un filou,
Le fat qui d'un regard (((((parfois une étincelle,
L'entourant de pompiers qui grimpent à l'échelle,
Fait d'un paisible immeuble un cratère qui bout[1];)))))
Enflamma, dépourvu lui de toute fortune,
Une catin de marque ayant voiture, hôtel,
Qu'il vient, le rouge au front, de conduire à l'autel;
— A Nice, l'arrivant, l'œil sur le thermomètre,
Si, défiant le rhume, en toile il va se mettre[2];

1. Que n'a-t-on, lorsqu'il faut d'un feu venir à bout,
Un géant bon coureur, — quand une maison flambe,
Un sauveteur loyal doit-il, traînant la jambe,
Considérer de loin la besogne en boudeur? —
Qui, prêt, tel Gulliver, à vaincre sa pudeur,
Aurait à satisfaire une envie opportune.

2. A l'hiverneur niçois donner un pardessus
(Prêt qu'il est à jurer — les jours même où, pansus,
De durs magots de neige y pouffent d'un air nice —
Qu'en janvier, de bon cœur, on irait nu dans Nice,
Tel Archimède aux cent coups criant : « Eurêka »),
C'est donner : — au novice, en mer, de l'ipéca,
Tandis qu'à la briser l'ouragan tend l'écoute;
Quand un conférencier prélude, à qui l'écoute,
Un narcotique; — à qui hors d'un train bon marcheur
Se penche, un éventail; — lorsqu'il rentre, au pécheur
Ayant communié tard, de la noix vomique;
— Un nez postiche au juif, moins que le sien comique;
— Pendant l'ivresse, avant le serrement complet,
Un aphrodisiaque au pendu; — le soufflet
A qui s'escrime contre un feu de cheminée
Réfractaire; — à qui sort d'un livre, auguste aînée,
Une idyllique fleur sèche, un aplatissoir;
— A qui, sagace, en paix laisse une aragne un soir,
S'assurant une passe heureuse, un porte-chance;
— Lorsque en gants de peau vers l'eau bénite elle avance
Son médius rebelle, à la dévote, un truc
Pour ne rien gaspiller; — quand l'express, truck par truck,
Brûle en route un marchand train, à qui voit leur lutte,
Un pronostic; — le soir venu, quand, dans sa hutte,

Se a gelatina, à luz rubra, irá mostrando
Tremida a imagem sua, após revelação, —
((((Perguntam-se outros: — Se difere do ladrão
O fátuo que, num olhar (((((assim uma faísca,
— E já trepa o bombeiro à escada onde se arrisca —
Faz de um pacato prédio uma cratera em chama[1];)))))
Inflama, já se vê, por grã necessidade,
Uma pêga da alta — uma com casa e carro —,
Que ele ao altar conduz, vermelho como barro;
— Se em Nice o que ali chega, olho na temperatura,
Vestindo fato leve, sua gripe descura[2];

1. Não ter, quando a apagar um fogo a gente chama,
Um gigante expedito — ante uma casa a arder
Um salvador leal fugirá ao dever
E de longe, a empatar, será só espectador? —
Que, tal Gulliver, pronto a vencer o pudor,
Satisfizesse então oportuna vontade!

2. Dar, a quem passa em Nice o inverno, sobretudo
(Pronto a jurar está ele — mesmo quando um pançudo
De um boneco de neve a rir com outros visse —
Que em Janeiro é capaz de nu andar em Nice,
Qual Arquimedes, zuca, aos gritos de «Eureka»!),
É como dar: — ao novato no mar, ipeca,
Quando o furacão tende a escota até quebrar;
Ao que ouve o conferencista a perorar,
Um narcótico; — a quem de um combói' corredor
Se debruça, um leque; em casa, ao pecador
Que já comungou tarde, uma boa noz-vómica;
— Falsa penca ao judeu, menos que a sua cómica;
— Durante a embriaguez, enquanto o nó está mole,
Ao enforcado um afrodisíaco; — um fole,
A quem ateia o lume a uma chaminé
Refractária; — ao que extrai dum livro a que já é
Velha, idílica flor seca, um laminador;
— A quem deixou em paz uma aranha, penhor
Sagaz de vir a ser feliz, um amuleto;
Quando prá água benta avança o médio erecto,
Enluvado e rebelde, à beata, um processo
De nem gota perder; — quando ultrapassar o Expresso
Um de mercadoria, a quem a luta atesta
Um prognóstico; — quando à noite ele se apresta

— Resté seul, Horace, à quelle vitesse fuir;
— Le lièvre si lorsqu'il musait par la bruyère
L'eût distancé même un vieux morceau de gruyère;
— Si valsent ou non les bouteilles de Clicquot
Le soupeur dont le nez tourne au coquelicot;
— L'Yankee si, pour de bon, plus lisse est qu'une orange
La terre, alors qu'il grimpe à l'Alleghanys Range;
— L'étranger si plus rien n'est en *vice* amoral
Dans « vice-président » ou dans « vice-amiral »;
— Si, méthodique, avant de l'arroser, Cerbère
Le flairerait de ses trois nez, le réverbère;
— L'hiver, sur le trottoir, maudissant son bourreau,
S'il rentrera sans rhume, un riflard sans fourreau;
— Quand, poisseuse, elle a l'heur de puer, la semelle,
Si de son sort chanceux jalouse est sa jumelle;
— La fermière, à l'aube, en passant son caraco,
De quel coq debout la mit le cocorico;
— Quand, sonore, entre en danse un conscrit, sa chemise,

Pour son somme il s'apprête, au noir, des bigoudis;
— Quand, martelant le sol, dans ses doigts engourdis
Souffle un mal inspiré dyspeptique, une boule
Puante à qui de près lui parle; — un jour sans houle,
De l'avance au vapeur qu'oseur brave un voilier;
— Au piéton qu'un sellé cheval sans cavalier
Dépasse, un coup double à demi-tour sur l'échine;
— A l'ouvrière, en juin, qui, cousant sans machine,
Se tette une phalange, une rose à tenir;
— A rebours, lorsqu'il gronde avant d'intervenir,
Un coup de brosse au chien sur l'épine dorsale;
— Quand chez lui tout s'attaque, au maigre à langue sale
Qu'on va perdre, une forme à forcer les chapeaux;
— Au reclus, quand dehors claquent dur les drapeaux,
Sur la flûte, ondulant, maint chromatique exemple;
— Quand naît l'orage, à qui, dominé, le contemple
Et l'oit, pour moins que la lumière ailé le son;
— Au souffleur, quand tire à sa fin une chanson,
Lors du refrain un coup d'épaule à chaque ligne;
— Un sursis au coq qui, l'automne enfui, trépigne
Quand tarde une aube; — au Juif errant, un rond de cuir.

— Se Horácio só, enfim, fugirá em segredo;
— Quando, pela charneca, a lebre vagueava,
Se um naco de gruyère velho a ultrapassava;
— Se a garrafa do vinho a valsar está ou não,
O que à ceia o nariz tem como um pimentão;
— O ianque se, de facto, é lisa qual laranja
A terra, quando trepa ao Alleghanys Range;
— O estrangeiro se nada é no *vice* chocante,
Em «vice-presidente» ou em «vice-almirante»;
— Se, picuinhas, Cerbero, antes de o ir regar,
Com seu triplo nariz o poste vai cheirar;
— De inverno, amaldiçoando o dono, a passear,
Um guarda-chuva nu, se a gripe o vai minar;
— A sola, quando tem azo de cheirar mal,
Se inveja a sua gémea uma benesse igual;
— Pela manhã, a quinteira, atando o cachiné,
De que galo o cocórócó a pôs de pé;
— A fralda do recruta enfim chamado à dança,

Pra dormir, na palhota, ao negro, «bigoudis»,
— Quando as dormentes mãos à frente do nariz
O dispéptico sopra, ao que com ele falar,
Uma ampola de mau cheiro; — se calmo o mar,
Um avanço ao audaz vapor frente ao veleiro;
— Ao peão que um corcel sem o seu cavaleiro
À meia-volta passa, um bruto cachação;
— À operária qu'em Junho, a passajar à mão,
Uma falange chupa, uma rosa a agarrar;
— Ao cão, quando este rosna antes de se atirar,
A escova a contrapelo, a eriçá-lo mais;
— Quando é todo ele achaque, ao magro por demais,
Uma forma que faça os chapéus alargar;
— Ao preso que ouve, fora, as bandeiras estalar,
Numa flauta, ondulante, um cromático exemplo;
— Quando ruge a tormenta, ao que opreso a contempla
E ouve, alado, porém não como a luz, o som;
— Ao ponto, se as canções no fim sobem de tom,
No refrão uma leve ajuda a cada linha;
— Um adiamento ao galo, esse que se abespinha
Quando a alva tarda; — ao Judeu Errante, um emprego.

Quelle purge, au réveil, dans la lampe il s'est mise;
— L'enfant qui de travers pousse dans le bassin,
S'il sera de sa mère, en naissant, l'assassin;
— La fleur, si son parfum renaîtra, qu'on asperge,
Sous un arbre écarté, d'un jet qui sent l'asperge;
— Lorsque à l'église un juif cherche un coin dans la nef,
Pourquoi chez Dieu bas on l'a mis, son couvre-chef;
— Le journal, qui le plus sur son revers pullule,
Du dentifrice, du prêt ou de la pilule;
— Réfléchissant sur son passé, si pour jeunot
Il passe, ou pour vieillot, le couteau de Janot;
— Le mur, quelle faute en conscience est la sienne,
Qu'exalté jouet du vent bat la persienne;
— L'archet, lorsque avant qu'il serve on retend son crin,
S'il faudra longtemps pour accorder le crincrin;
— Le thermomètre ailleurs placé que sous l'aisselle,
Si loin du but encore est la prochaine selle;
— S'il sera d'une douche honoré, le genou
Qu'en dada sédentaire a changé la nounou;
— Le procédé frappeur, pourquoi, fière, la bille
Point ne fraye avec lui, qui de rouge s'habille;
— Quel satisfait vient d'en sortir, celui qui sent
Une odeur connue au seuil du numéro cent;
— Le collignon à fouet rageur, à quelle cote,
Dans le Grand Prix, gagnante, on donnerait Cocote;
— Si monter pratique en homme, à la longue, en arc,
Par degrés lui mettra les jambes, Jeanne d'Arc;
— Le sans le sou, s'il est près de rouler carrosse,
Qui, malin, d'un bossu vient de toucher la bosse;
— Quand sous sa dextre on penche un sac de confiseur,
Si des vers vont doubler son plaisir, le liseur;
— L'astronome âgé, si, gâteux, avec un signe
Du Zodiaque, un jour, il confondra le Cygne;
— Les vieux, si saint Martin, vraiment, par son été,

Que purga, ao acordar, ele enfiou na pança;
— Na bacia, ao singrar de través, o menino
Se, ao nascer, não será da mãe o assassino;
— Se irá ter bom perfume a flor nascida ao largo,
Regada por um repuxo a cheirar mal, a espargo;
— Quando um judeu na igreja a um canto se confina,
Porque lhe sacam logo a sua barretina;
— O jornal, no que mais seu avesso é prolífico,
Se em casas de penhor, se pílula ou dentífrico;
— Pensando no passado, a faca de Janot,
Se inda passa por nova ou se já se embotou;
— O muro, qual será a sua falta antiga,
Que, joguete do vento, a persiana fustiga;
— O arco, antes de usar, quando se tende a crina,
Ao fim de quanto tempo aquela gaita afina;
— O termómetro posto em baixo, e não na axila,
Se longe da saída a poia se perfila;
— Se com duche será compensado o joelho
Que transformou a ama em cavalinho velho;
— O taco cuja ponta em vermelho o adorna
Porquê, altiva, a bola, esquiva se lhe torna;
— Quem lá se satisfez, aquele que se atém
A conhecido odor no patamar do cem;
— No Grande Prémio, o jóquei hábil no chicote,
Que cotação terá, vencedora, a «Cocote»;
— Se, prática, montar à homem isso lhe marca
Em arco, gradualmente, as pernas, Joana d'Arc;
— O sem tostão, se breve irá ter maçaroca,
Que, arguto, de um corcunda a bossa vê e toca;
— Quando lhe dão à mão confeitos de licor,
Se versos dobrarão seu prazer, o leitor;
— O astrónomo idoso, acaso se, gagá,
Por signo zodiacal o Cisne tomará;
— Os velhos se, em seu Verão, São Martinho há podido

Rend possible un instant d'être et d'avoir été;
— L'architecte, si lorsqu'il porte, pas plus grosse
Qu'un jouet, sa maquette, on le prend pour un gosse;
— Le théologien, si la Vierge à son fils
Doit sa célébrité plus ou moins qu'à ses fils;
— Le dompteur, si sa veuve, un an, sans gris ni mauve,
Stricte s'habillera, dont se régale un fauve;
— Si ses enfants naîtront sourds, celle dont la main
Fut la veille accordée à son cousin germain;
— Le loustic, si, pour voir où son cordonnier perche,
Mieux vaut dans sa bottine ou son Bottin qu'on cherche;
— Le lait chaud par l'attente attiédi dans son pot,
S'il choira dans la tasse avec ou sans sa peau;
— S'il risque, osé, qu'à grains d'ellébore on le purge
D'autorité, l'ultra-moderne dramaturge;
— Le poète, si l'on pourrait avec « Auteuil »
Faire à souhait rimer « comme dans un fauteuil »;
— Le peintre méconnu, si, du haut des étoiles,
Mort, il verra les snobs se disputer ses toiles;
— L'explorateur, si, loin de ce qu'il a de cher,
Un jour il repaîtra son prochain de sa chair;
— Si va lui sembler fort son enfant, l'accouchée
Qui ne s'est, avec lui, pas encore abouchée;
— Le jeune auteur[1],
Jusqu'à quand ses écrits paraîtront à ses frais[2];
— L'enfant, si, quand de l'ogre il mit les grosses bottes,
Poucet souffla dessus pour les rendre nabotes;

1. La gloire a l'horreur du teint frais.

2. Pour que d'un travailleur les œuvres soient illustres,
Il faut que sur sa tête aient passé force lustres;
Seul le chêne est prospère, envahissant, ombreux,
Dont le tronc est strié de ronds déjà nombreux.

Fazer coexistir o ser e o ter sido;
— O arquitecto quando expõe sua maquete,
Um brinquedo, tal qual, se o tomam por um pivete;
— O teólogo sagaz, se a Virgem deve meia
Fama ao seu próprio filho e o resto ao fio da teia;
— O domador que está regalando uma fera,
Se a viúva vestirá um ano cor severa;
— Se lhe sai surdo o filho, aquela cuja mão
Já foi de antemão dada ao primo co-irmão;
— O farsista ao querer saber do sapateiro,
Se a botina, ou o Bottin, lhe dão seu paradeiro;
— O leite quente, com a espera morno já,
Se com ou sem a pele no copo cairá;
— Se a que o purguem com grãos de heléboro se arrisca
O dramaturgo ousado, ultra-moderno artista;
— O poeta, se é possível com «Auteil»
À vontade rimar «como que em um *fauteil*»;
— O ignoto pintor se, do alto das estrelas,
Verá, morto, os snobs disputarem-lhe as telas;
— Longe do que lhe é caro, o explorador, se um dia
Seu próximo lhe faz da carne uma iguaria;
— Se vai achá-lo grande, a seu filho, a parida
Que inda não pôde ver-lhe à vontade a medida;
— O jovem autor, [1]
Até quando pagar seus escritos é sua sina [2];
— O petiz, se, ao calçar do ogre a grossa bota,
Sopra o polegarzinho e minúscula a bota;

1. Glória a tez fresca abomina.
2. Para, de quem trabalha, a obra ser ilustre
Por cima dele virá a passar muito lustre;
O carvalho só é próspero, largo, frondoso
Se de mil estrias tem coberto o tronco idoso.

— Le vieillard qui parcourt une lettre de part,
S'il sera bientôt mûr, lui, pour le grand départ;
— Le Président, quels points il rend à la solive
Alors qu'il signe ou gâche en discours sa salive;
— L'ouvrier qui se sait un clou dans l'estomac,
S'il le retrouvera demain dans son thomas;
— Le convive en retard risquant l'excuse louche,
Si l'on va rapporter la soupière et la louche;
— A quel prix bout par bout sera par lui vendu
L'homicide licol, l'héritier d'un pendu;
— La poule, comment, l'œuf qu'elle venait de pondre,
Avec l'œuf d'une cane elle a pu le confondre;
— L'ignorant qui voit fuir vers le large un bateau[1]
Dont seul émerge encore un fragment de mâture,
Si des squales déjà son monde est la pâture;
— De qui sont ses marmots, la fille dont le lit,
Tant elle a de savoir, jamais ne désemplit;
— L'amateur de morphine, à quel rang Épicure,
En classant les plaisirs, eût placé la piqûre;
— L'alpiniste en extase au bord d'une hauteur,
Comment de l'univers louer assez l'auteur;
— L'oiseau, quand (((((le soleil échauffant jusqu'au marbre)))))
En juillet on déjeune à l'ombre sous son arbre,
Dans quelle assiette il va, loin de se retenir,
Laisser choir en visant, tout frais, un souvenir;
— Pendant qu'il met la lune à son point, l'astronome,
S'il y va voir marcher, la tête en bas, un homme,
Telle une mouche errant au plafond à pas lents;)))),
Prétend déterminer son rang ou ses talents;
Pour que déféremment avec lui l'on s'exprime,
Le ferrailleur taré pose en veste d'escrime,

1. Pour qui n'a rien appris la terre est un plateau.

— O velho que um cartão de convite recebe,
Se a partir desta vida apto estará em breve;
— O Presidente, em como o bate a dura viga,
Sempre que assina ou gasta em discursos saliva;
— O operário ao sentir no bucho um prego andar,
Se amanhã no bispote o irá encontrar;
— O conviva atrasado, a desculpar-se à lorpa,
Se inda à mesa trarão a terrina co'a sopa;
— De ponta a ponta aquele baraço que matou,
A quanto o venderá quem do enforcado herdou;
— A galinha, como é que, ao ovo da postura,
O pôde confundir co'o ovo da costura;
— O ignorante, ao ver um barco ir pró mar alto[1]
Do qual ainda emerge um fragmento de mastro,
Se dos esqualos já será sua gente pasto;
— Seus filhos de quem são, a moça cujo leito,
Pelo seu muito saber passa a vida desfeito;
— O amador de morfina, onde é que classifica
No que a prazeres respeita, Epicuro a «pica»;
— Em êxtase o alpinista olhando lá pró fundo,
Como há-de assaz louvar o criador do mundo;
— O pássaro, quando (((((o sol até escalda o mármore)))))
Vêm almoçar em Julho à sombra da sua árvore,
Em que prato irá, sem qualquer retenção,
Visando bem, largar fresca recordação;
— O astrónomo, enquanto a lua vai focando,
Se alguém verá, de pés pró ar andando,
Qual mosca a passear pelo tecto em passos lentos)));
Pretende definir posição e talentos;
Pra que a gente com ele doutro modo se exprima,
O tonto ferrabraz posa em trajo de esgrima

1. Pra quem não aprendeu a terra é um planalto.

Comme prêt à fixer un chacun de travers;
Plume aux doigts, l'œil vers Dieu, le ciseleur de vers,
Qui — sans cesse y cherchant la plus millionnaire —
Des rimes sait par cœur tout le dictionnaire;
La richarde, le buste orné d'un cabochon
Digne d'une carafe en quête d'un bouchon;
En surtout d'Esquimau, le revenant du pôle,
Dont les mensonges sont à l'abri du contrôle;
Son violon au cou, le joueur éminent
Que dispute à l'ancien le nouveau continent;
Face à son chevalet, l'émule altier d'Apelle
Dont rayonne le nom, centre d'une chapelle;
Raquette au poing, sans veste, en blanc frais, sans gilet,
Le roi du tennis qui se moque du filet;
Tout équipé, l'oisif épris de vénerie,
Lançant, martiale, en selle une sonnerie;
L'argumenteur de marque, en robe, qu'au barreau
L'on jalouse, tant il fait chômer le bourreau;
L'arrivé pianiste au clavier, chez qui, même,
Énergique et propre au trille est le quatrième;
Tel qu'excentrique, avec l'accent d'un fils de John
Bull, sur la piste il parle à l'écuyer, le clown;
Le grand musicien, comme lorsqu'il compose,
Traçant tel final point d'orgue sur une pause;
Sec sous sa casaque ample à clairsemés gros pois,
Le jockey pour qui cent livres sont un gros poids;)))
Se fait prendre en famille une beauté qui, mûre,
N'entend plus sur ses pas monter aucun murmure,
De mère, sur la plaque, elle se change en sœur;))
L'avis roulant sur l'art de mouvoir l'ascenseur;)
— Racines, troncs, rameaux, branches collatérales —
L'état de ses aïeux; les frustes cathédrales;
Voire le fier menhir, l'original cromlech,
Le dolmen sous lequel le sol est toujours sec.

E em tudo poisa olhar de mui má catadura;
Pena na mão, em alvo o olhar, o verso apura
Um que — sempre a correr atrás de bons partidos —
Mil rimas tem de cor, e nos enche os ouvidos;
A ricaça que ao peito ostenta um cabochão
Mais digno de servir de rolha a um garrafão;
Em fato de esquimó, o que chegou do polo,
Cujas mentiras não terão qualquer controlo;
Ao pescoço o violino, o tocador excelente
Que disputa ao antigo o novo continente;
Frente ao seu cavalete, altivo émulo de Apeles,
Cujo nome abrilhanta a capelinha deles;
Raquete em punho, sem casaco, fresco e branco,
O rei do ténis ri da rede, a meio campo;
Todo equipado, aquele doido por montaria
Que um toque marcial na sela soltaria;
De toga, em pé na barra, o grande advogado
Que ao manter em descanso o carrasco, dá brado;
O pianista para quem, novato no teclado,
O quarto dedo até lhe serve para o trinado;
Sotaque à John Bull, fala sem embaraço
Com o domador, na pista, excêntrico, o palhaço;
O grão-compositor, nesse trabalho em causa,
Traçando um caldeirão final sobre uma pausa;
Seco, no seu blusão de pintas especiais,
O jóquei pra quem cem libras são peso a mais;)))
Tira agora em família uma antiga beldade
Que jamais, ao passar, murmúrios ouvir há-de,
Na chapa, mãe que era, irmã passou a ser;))
O rolante sinal para o ascensor mover;)
— Raiz, tronco maior, ramos colaterais —
De seus avós o estado; as frustes catedrais;
Até o menhir altivo e o cromeleque estranho,
O dolmen que o chão tem enxuto todo o ano.

II

Le Champ de bataille des Pyramides

Rien que de l'évoquer sur ce champ de bataille,
A l'âge où le surtout — le long surtout à taille —
Et le *petil chapeau* — desquels nous extrayons
Quel que soit notre bord d'intimidants rayons —
(Extraire à tout propos est naturel à l'homme;
Il extrait : de ce rien, la chute d'une pomme,
Une loi qui le voue à l'immortalité;
D'une fable ou d'un conte une moralité;
Du grêle épouvantail, simple croix qui se dresse
— Sa tenue accusant la plus noire détresse —
((Que d'aspects prend la croix! un groupement astral
Forme celle du sud au cœur du ciel austral;
Figurément parlant, tous nous portons la nôtre;
Quand un juste succès remporté par un autre
Eut l'approbation d'un de ces envieux
Qui, sourdement rageurs, sans percer se font vieux,
— Cerveaux poussifs privés de toute flamme innée, —
Ses familiers en font une à la cheminée;
Sans faute, une fois l'an, — parti le carnaval, —

II

O Campo de batalha das Pirâmides

Só de evocá-lo aqui, no campo de batalha,
No tempo em que o capote — o que justo se talha —
E o *chapelinho* — os quais a qualquer um convidam
A deles extrair mil raios que intimidam —
(Do homem próprio é extrair, num grande afã;
Extrai ele: disto tão só — queda de uma maçã —
A tal lei que o votou à imortalidade;
Duma fábula ou dum conto uma moralidade;
Do espantalho gentil, cruz que no ar se esgarça
— Acusando o seu trajo a mais negra desgraça —
((Qu'aspectos toma a cruz! um agrupado austral
Forma aquela do Sul em pleno céu austral;
Todos temos a nossa, em estilo figurado;
Quando por alguém foi justo êxito alcançado
E um outro o aprovou, um roído de inveja
Que — a raiva o tem de pé — nada faz que se veja,
— Miolo cheio de pó, sem chama verdadeira —
Sua família traça uma sobre a lareira;
Uma só vez no ano, — após o Carnaval —

(((Pour peu qu'il soit du moins sur le rite à cheval
Et, croyant à l'enfer, redoute d'y descendre)))
Le chrétien, sur le front, s'en fait mettre une en cendre;
Quand délibérément (((s'approcher d'un repas
Est un ravigotant sans rival pour le pas;
Quand vers le râtelier un équipage cingle,
Les chevaux fendent l'air sans que le fouet les cingle,
Tels des pur-sang issus d'illustres étalons;)))
On gagne un restaurant, — à l'heure où les talons
De tout bon estomac sont la place attitrée, —
Souvent, près d'un rôti, par la porte vitrée[1].
On voit se mettre en croix (((tandis que le patron
((((Quelque spécialiste en fait de bonne chère,
Qui frémirait de voir un fruit d'espèce chère
Subir l'attouchement d'une lame d'acier)))).

1. Si l'homme, pour bâtir, n'usait que de cristal
(Tel l'intermède ami qui coupe un récital,
Une note distrait, donne un peu d'insomnie),
Il frapperait à mort plus d'une calomnie
(Et le soleil, enfin, éclairerait les cours!);
Combien continueraient, toutefois, d'avoir cours!
Celle entre autres, hélas! qui consiste à prétendre
(Bien que, sans contredit, même en son âge tendre,
La vieille humanité n'ait jamais vu son dos)
Que la lune (ce monde où règne le repos,
Où nul zéphyr ne souffle, où nul volcan ne jongle,
Monde dont nous portons à la base de l'ongle
— Sans soupçonner à quoi, tel qu'il est, il nous sert —
((Mais à quoi sert le lac qui nous leurre au désert,
Nous faisant espérer la boisson et la pêche?
A quoi notre frisson au vu de la dépêche
Dont nous ne déchirons la bande qu'en tremblant?))
Un timide portrait réduit mais ressemblant,
Décoratif surtout présenté par le pouce,
Monde récalcitrant où nul germe ne pousse,
Vu qu'il n'a pas en tout, sur lui, ce qu'il faut d'eau
— Là, point de naufragé priant sur son radeau
Ni de pays portant le nom de Finistère —
Pour baptiser, pour peindre ou pour prendre un clystère:)
Agit en satellite éminemment poltron.

(((Por pouco que pra ele seja o rito crucial,
Mas no inferno crê, receia ir lá parar)))
Faz, na testa, o cristão, de cinza uma traçar;
Quando, deliberado (((achegar-se ao repasto
Revigora qualquer, fá-lo estugar o passo;
Quando uma mangedoura a parelha lobriga
Voam os animais e ninguém os fustiga,
Quais puro-sangue, quais ilustres garanhões:)))
Se entra num restaurante — a hora, os carrilhões
Da barriga a dão já, com um certo arruído!—
Amiúde se vê, pela porta de vidro,[1]
Em cruz, sobre o assado (((enquanto que o patrão
((((Um perito, quiçá, nisso de carne cara,
Que todo ele estremecesse ao ver fruta tão rara
Sofrer a intrusão duma lâmina d'aço)))),

1. Se o homem que constrói usasse só cristal
(Tal o interlúdio bom que corta um recital,
Uma nota distrai e do sono alivia),
Calúnias mil por certo de morte feriria
(E nos pátios, enfim, o sol iria entrar!);
Mas quantas outras inda haviam de vingar!
Essa, entre muitas, ai! que garante deveras
(Muito embora jamais, mesmo nas verdes eras,
A tenha a humanidade observado de dorso)
Que a lua (esse tal mundo onde impera o repouso,
Onde o tufão não sopra, onde o vulcão não escuma,
Mundo esse do qual nós temos, em cada unha
Sem suspeitar para quê nos serve, em seu teor,
((Servirá, no deserto, o lago enganador
Ao trazer-nos o peixe e a bebida à memória?
E para quê estremecer vendo a convocatória,
Porquê, antes de a ler, nunca se está sereno?))
O retrato parecido, apenas mais pequeno,
Decorativo, oh sim! que o polegar expõe,
Mundo recalcitrante onde o gérmen não põe
O pé, já que não há ali água bastante
— Nem numa jangada há náufrago suplicante,
Nem um cabo haverá de nome «Finistère» —
Pra baptizar, pintar ou levar um clister;)
Satélite é, porém extremamente poltrão.

Sachant que l'homme porte, avisé besacier,
Dans une poche ronde à souhait qu'il croit plate,
Ses personnels défauts derrière l'omoplate
((((Dès que l'homme, au surplus, pour avoir ausculté
(((((Comme on fait d'un jeune être à qui la Faculté
A défendu l'amour et la fenêtre close
En le trouvant miné par la tuberculose,
Qui, dure aux jouvenceaux, respecte l'âge mûr)))))
Pendant qu'on l'épluchait telle porte ou tel mur
(((((Gardons-nous d'oublier qu'en effet la voix porte
Au delà d'un mur mince, au delà d'une porte;)))))),
Voit tout nus ses défauts, ses tics, ses appétits,
Par ses yeux complaisants ils sont rendus petits
(((((Tels : — l'ombre, vers midi, sur le cadran solaire,
Montrant que l'estomac réclame son salaire;
— Par le gel, le niât-on, le mètre étalon;
— Défiant la crotte un retroussé pantalon;
— Un journal sur la planche à trou d'un édicule;
— La botte à retaper dont le talon s'écule;
— Ce qu'attentif décoiffe à coups d'ongle un rabbin;
— Lorsqu'il met le couvert la pile d'un larbin;
— Mû par un barbier, un dossier de fauteuil tiède;
— Le mètre, au réveil, qu'un soldat ancien possède;
— Juliette, au gala d'Éjur, et Roméo
Par deux mimes enfants faits *gratis pro Deo;*
— Le fer vaincu qu'en scène un preux rompt sur sa cuisse;
— Le pain qu'en salivant guide à la messe un suisse;
— L'asperge au rancart mise après le coup de dent;
— Quand sert la bêche, un ver à mortel accident;
— La canne à dard demi-nu quand fausse est l'alerte;
— Le trop haut pupitre à musique fraîche ouverte;
— Quand pousse un pianiste enfant, son siège à vis;
— L'âgé calendrier-bloc, corpulent jadis;
— La suspension qu'on remise après la soupe;

Vendo que o homem traz, à mendigo vivaço,
Na mochila em balão, bolsa que ele julga chata,
As faltas pessoais, atrás da omoplata,
((((Desde que o homem, enfim, por haver auscultado
(((((Como, auscultado, vê ser-lhe, um jovem, vedado
O amor, e o ar livre aconselhado em dose,
Minado como está pela tuberculose
Que poupa quem é velho e para os jovens é dura)))))
Tal porta ou tal parede, o que dele se murmura
(((((A voz pode ir além, bom será não esquecerdes,
De uma porta fechada ou de finas paredes)))))
A nu seus tiques vê, defeitos e paixões,
— Seu complacente olhar reduz as proporções —
(((((Tais: — a sombra, ao mei'dia, em relógio solar,
A mostrar que reclama o estômago seu manjar;
— Pelo gelo, neguem-no ou não, o metro padrão;
Desafiando a lama, as calças, num esticão;
— A folha dum jornal no olho da retrete;
— A bota a consertar cujo salto água mete;
— O que, atento, um rabino espiolha com a unha;
— Os talheres com que a mesa o lacaio enche à cunha;
— Rodadas pelo barbeiro, as costas da cadeira;
— O metro que, acordando, um veterano hasteia;
— Julieta, na gala de Éjur, e o seu Romeu,
Por dois mimos-criança, obra *gratis pro Deo;*
— O ferro que no palco um bravo quebra à mão;
— Um bedel salivando, indo à missa pelo pão;
— O espargo preterido, após dada a dentada;
— Ferido de morte o verme, ao cair da enxada;
— Bengala a mei' ferrão, quando há um falso alerta;
— Na alta estante a música recém-aberta;
— Quando um petiz pianista anda à roda no assento;
— O bloco-notas velho, outrora corpulento;
— A pausa que se faz, sopa uma vez comida;

— La bande de papier postal lorsqu'on se coupe;
— La tache attristant la glace où l'haleine a pris;
— Au premier éclair qui compte, la voile à ris;
— La table après un grand dîner réarrondie;
— L'arche où monte, agressive, une eau qu'on étudie;
— Au puant souffle à but du fumeur, l'amadou;
— La queue à bout neuf en sang du jeune toutou;
— Quand le dressage agit, l'oisif bout de gourmette;
— Quand sa tête arrive à choir, l'éteinte allumette;
— L'ouvert tube à demi plat qu'enroule un rapin;
— Quand, mûr, son bouton part, l'élastique à pépin;
— Quand le lit prend sa place au berceau, la ruelle;
— Le pissenlit qu'exprès l'haleine atteint, cruelle;
— Ses pointes faites, la ballerine à clinquant;
— L'acte interprété par maître X... d'un délinquant;
— Quand l'arroseur cède à la soif, le jet de lance;
— Le fil qui par l'aragne escaladé balance;
— Au bord d'un tapis vert un honnête magot :
— Un cigare réduit à l'état de mégot;
— Le disque du soleil dans le ciel de Neptune;)))))),
Comme si, choisissant la seconde opportune,
Un ensorcellement eût su le rendre enclin
A prendre : — l'appareil qui, trouvé par Franklin,
Sans danger dans un puits fait se perdre la foudre
Pour un fil gris passé dans une aiguille à coudre;
— Pour ceux dont s'orne un bras arrivé d'officier
Au ciel trois jumeaux blancs astres d'artificier;
— Quand, médian, le coupe un trait, pour la bavette
D'un prêtre, un tableau noir; — l'empli tube à cuvette
D'un chaud thermomètre à bientôt péter réduit,
Pour une épingle à chef rond; — la laisse que suit,
Tiède, un collier veuf du chien qui de près lui touche,
Pour un fil d'ombrelle à cercle; — une spire à douche
A système accompli, pour un naïf ressort

— Do cigarro a mortalha aposta sobre a ferida;
— A mancha no espelho onde o bafo se enraize;
— Co'o relâmpago grande, uma vela de rizes;
— Findo o banquete, a mesa enfim arredondada;
— A tina onde transborda uma água a ser estudada;
— Ao bafo mau de quem fuma, uma acendalha;
— O rabo que ao tótó, rente, em sangue, se talha;
— Quando a amestragem age, ocioso é o cinto;
— Caindo-lhe a cabeça, o amorfo extinto;
— A mangueira em funil que um aprendiz enrola;
— Se cai o botão, salta o elástico em mola;
— Se a cama ganha ao berço, o espaço se restringe;
— O dente-de-leão que cru hálito atinge;
— Feitas as pontas, a bailarina esplendente;
— Vista pelo Dr. X, a acção dum delinquente;
— Quando a mangueira cede à sede, o jacto em lança;
— O fio que pela aranha escalado se balança;
— Ao pé dum pano verde, um pé-de-meia honesto;
— O que em beata deu, um charuto no resto;
— O disco do sol em pleno céu de Neptuno;)))))),
Como se, no momento exacto e oportuno,
Qualquer encantamento o inclinasse enfim
A tomar: — o aparelho, invento de Franklin,
Que, sem perigo nenhum, num poço o raio mergulha,
Por pardo fio de linha enfiado na agulha;
— Pelos que enfeitam o braço a militares heróis,
Em fogo de artifício, alvos, três gémeos sóis;
— Se um traço o corta em dois, pelo cabeção
Dum padre, um quadro negro; — o tubo de balão
Dum termómetro quente à beira de estoirar,
Por um simples alfinete; — a trela a arrastar
E a coleira sem cão, que perto está, de guarda,
Pelo fio que fecha a umbela; — a serpentina alada
Do chuveiro de mão, por uma mola singela

A boudin; — l'éteignoir fidèle au cierge mort,
Pour ce qui taille un blanc crayon noir d'ingénue
A carnet de bal; — la boule aquatique et nue
D'un dentaire effrayant recoin, pour l'abreuvoir
D'un serin sobre; — pour l'arrière, à son devoir
Soustrait, qu'un flot soulève, un moulin mal à l'aise
Qu'en brutal favorise un ouragan; — l'anglaise
Clé, de l'écrou gardant mémoire, pour un quart
De soupir; — pour un œuf au plat seul à l'écart,
Salé ferme à son centre, un baissé crâne à rite
D'âgé prêtre à jaunisse; et pour la marguerite
Sans tige où rien n'accuse un revers à tronçon,
L'œuf au plat; — pour trois traits chics rayant sans façon
D'un glacé gant du soir la blancheur magnifique,
Trois touches noires sœurs; — un pied photographique,
Quand part le Rayon Vert, pour un jeté restant
De cerise triple; — en passant, pour l'attristant
Jet d'eau qu'un coude à trou lorsqu'on arrose engendre,
Celui d'un parc; — pour un hamac à se détendre,
Au cirque, un bissecteur filet de sûreté;
— La flèche ignare à bail sublunaire écourté
Qu'on sort d'un cœur, pour une instruite plume d'oie
A rouge encre; — un marin projecteur qui s'octroie
Des droits de balaiement systématique, pour
Un porté falot sourd; — le jet de lest qu'au jour
Met l'aérostier qui part, pour l'interne chute
D'un sablier; — pour un rouleau clos qui débute
Comme ex-bobine à neuf ruban, un poussiéreux
Tambour après l'étape; — un divorcé gant creux
De cardinal, pour la massive main de marque
En corail d'où naît du bonheur; — dans une barque,
Pour deux spatules à l'usage d'un potard,
La paire d'avirons; — le nœud dont, tôt ou tard,
D'une fille d'Alsace à ravir le chef s'orne,

Em espiral; — o extintor fiel à morta vela,
Pelo que lápis branco afia de simpática
Menina debutante; — a nua bola aquática
Dum dentário recanto assustador, pela pia
Dum sóbrio canário; — pela popa, arredia
Ao dever, que a ond'ergue, um moinho opreso
Qu' à bruta um furacão ajuda; — a chave inglesa,
Que às porcas tem rancor, por apátrida clave;
— Por um ovo estrelado, a sós no prato, grave,
Bem salgado no meio, uma calva ungida
De padre com icterícia; ou pela margarida
Sem pé, o qual ninguém prevê esteja num toco,
O mesmo ovo; por três traços, de um chique louco,
Que riscam da luva alta o branco majestático,
Negras teclas irmãs; — um tripé fotográfico
Quando o Rai' Verde sai, pelo que inda subsiste
Duma tripla cereja; — à passagem, pelo triste
Repuxo que a mangueira ao regar, rota, engendra,
O de um parque; — por rede onde a gente se estenda,
No circo a bissectriz rede de prevenção;
— Em trânsito prá lua a seta, em foguetão,
Que dum coração sai, pela, em rubro tinteiro,
Pena de pato; — o que, no mar, quer por inteiro
Varrê-lo a projector, por um farol que acende
Potente e surdo, além; — o lastro que desprende
Quem d'aeróstato vai, pelo cair da areia
Na clepsidra; — por um cilindro que se estreia
Como ex-bobina, nova a fita, um poeirento
Tambor após a etapa; — a luva sem, lá dentro,
A mão do cardeal, p'la, em coral, mão fechada,
Signo de felicidade; — em barca aparelhada,
Por espátulas ao par em uso na farmácia,
Os remos dois a dois; — o laço que na Alsácia
Ostenta na cabeça a moça tão galharda,

Pour un nœud lavallière à cou; — pour une borne.
Près d'un banc, un menhir d'un dolmen peu distant;
— Un groupe au pas d'agents, pour l'essaim contristant
D'internes sans foyer qu'aux jours de fête on croise;
— Pour un pauvre O d'aphone éclos sur une ardoise,
Un cercle en un seul coup fait sur un tableau noir;
— Pour celui dont se coiffe un goulot, l'entonnoir
Avec quoi, d'un café, traçant des huit sans nombre,
On mouille la terrasse; — aux heures de pénombre,
Sous les tropiques, pour une chauve-souris,
Un vampire; — la carte où, chassant nos souris,
D'un mort nous dit merci la famille, pour celle
D'un visiteur en deuil frais; — pour de la ficelle
A sacs de confiseur coté, du cordon d'or
Pour képis d'officier; — dans certain corridor,
Pour deux chevrons pointe en bas proche un esprit rude,
La marque d'huis du fond; — pour une pêche où, prude,
Le regard n'ose atteindre, un rouge arrière-train
D'enfant fautif fouetté; — pour la chaînette à grain
Restant d'un chapelet rompu, la chaîne à boule
D'un forçat du vieux temps; — pour celle qu'à l'ampoule
L'épingle arrache à point, la fuite qu'au désert
Le fer d'un traître extorque à l'outre; — quand, disert,
Le vent rage, un radeau mâté dans une trombe,
Pour un toton; — signal rouge, une fiche en rhombe
De fiole à poison, pour un central débris
D'as de carreau; — pour celle à quoi, de chic épris,
Le myope, en peinant, fait s'unir son orbite,
Une glace à hublot; — pour l'averse subite
D'un arrosoir à fleurs, ce qui sur le chef pleut
D'une pomme à doucher; — quand, sans sauve-qui-peut,
A l'épreuve on le met, pour deux baissers de trappe,
Ceux du rideau de fer; — pour la règle qui frappe,
Quand s'en mêlent les nerfs, des doigts nus d'écolier,

Por um laço de pescoço; — e por um marco de estrada
Junto a um banco, ùm menhir de um dólmem não distante;
— De asilados sem lar o bando contristante
Que nos natais se vê, por policial piquete;
— Por pobre *O* que, na «pedra», um áfono repete,
No quadro negro um círculo em traço único, afoito;
— Pelo sifão dum gargalo, o regador que um oito
Desenhando sem fim, serve pra ir molhando
D'um café a esplanada; — em a noite chegando,
Nas terras tropicais, por um morcego qualquer,
Um vampiro; — o cartão que envia, a agradecer,
A família de quem morreu, pelo de visita
De quem de luto está; — pela bonita guita
De fino confeiteiro, o galão, em redor
Dum boné de mar'chal; — em certo corredor,
Pelo travejado em cruz, pesado e rudo,
A porta em grade, além; — por um pêssego maduro
Que o cauto olhar evita, o traseiro vermelho
De açoites, de um petiz; — por um fio com conta, velho,
Que resta dum rosário, a corrente com bola
Dum forçado de outrora; — e pelo que duma ampola
O alfinete extrai, o que em pleno deserto
Rouba ao odre o traidor punhal; — como, diserto,
Raive o vento, uma jangada a rodar em tromba,
Por um rapa; — a vermelho, a etiqueta romba
Dum veneno em boião, pelo que ao centro fique
De um ás de oiros; — por aquele a que, assaz chique,
O míope, penando, à su'órbita arrolha,
O vidro da vigia; — e pela súbita molha
Dum regador de mão, o que no corpo cai
Do braço do chuveiro; — ou, sem mais água-vai,
Só para a experimentar, por um alçapão baixando,
A cortina de ferro; — os nervos ajudando,
Pela régua escolar que empolar faz a pele,

Une poutre à décor funéraire; — un collier
De pilori, pour des menottes, en spectacle
Ne s'offrant qu'à demi; — pour ce qui d'un obstacle
Borde un gazon, un plant télégraphique à fil
Solitaire; — quand jacte en l'air un pitre vil,
Sa grosse caisse, au bord, pour un tambour de basque
Plaqué contre un miroir; — quand sur eux, sans bourrasque,
Il s'est mis à neiger, des œufs rouges massés,
Pour des fraises qu'on sucre; — en mai, temps noirs passés,
Une épousée, en plein lieu saint, pour une unique
Communiante; — pour le faire-part cynique
Qui par clichés procède, un journal noir de bords
A directeur défunt; — pour ce qu'ivre d'accords,
Sa main rythmant son pas, l'Espagnol fait s'ébattre,
Un claquoir; — pour l'engin d'un chef qui d'un deux-quatre
Multiplierait les bis, par gros temps un beaupré
D'esquif ancré; — pour la carte appelant au pré
L'insulteur, le mural rectangle mortuaire,
Marbre blanc à nom noir; — lorsque en plein sanctuaire
Bruit l'élévation, pour celle d'un laïc
L'hostie en jeu; — quand loin des problèmes à hic,
Son temps fait, il végète, un rogaton de craie,
Pour un sain comprimé; — pour la gemme qui raie
Le carreau vierge auquel s'attaque un vitrier,
Le Sancy; — l'instrument qu'en rêve un meurtrier
Voit prêt à l'accourcir, pour un coupe-cigares;
— Signe au quadruple aspect, la croix qui, dans les gares,
Sur les disques tournants trône, œuvre de leurs rails,
Pour un dièse; — au cirque, un groupe à hauts poitrails
D'altiers chevaux longtemps cabrés, pour une horde
D'hippocampes sans but; — son vol pris, pour la corde
D'un gibet prêt, quand joue avec elle un grand vent,
Un lasso; — dans le cas, équivoque souvent,
Où ses aiguilles font diamètre, une montre,

A trave dum décor funerário; — um anel
De pelourinho, por algemas que espectáculo
Dessem no singular; — pelo que a relva, em obstáculo
Bordeja, um telegráfico poste de um só
Fio; — quando falta um faz-tudo, um trolaró,
O bombo à beira dele, por um pandeiro redondo
Chapado contra um espelho; — em sobre eles se pondo
A nevar de mansinho, ovos rubros escalfados
Por morangos co'açúcar; — maus tempos passados,
A noiva ao pé do altar, por uma comungante
Solitária; — pela participação farsante
Só clichés, um jornal todo em negro onde há pouco
Morreu o director; — pelo que, de acordes louco,
A mão ritmando o passo, o espanhol bailar faz,
A matraca; — pelo compasso qu'alguém, sagaz,
Bisasse, um gurupés com um esquife ancorado,
Se há mau tempo; — o cartão que à desforra num prado
Chama o insultador, por placa mortuária
Em mármore, co'o nome; — em pleno santuário,
Quando da elevação, por essoutra dum laico
A hóstia em jogo; — um pau de giz arcaico,
Qu'aos problemas alheio, a vegetar se arrisca,
Por um comprimido são; — por uma gema que risca
Virgem vidraça à qual se atira o vidraceiro,
O Sancy; — o que vê em sonho o carniceiro,
Pronto para o decepar, por um corta-charuto;
— Aquele sinal em cruz que encima, resoluto,
Os discos que os carris comandam, rotativos,
Por um sustenido; — empinados corcéis, de altivos
Peitorais, em acção no circo, por uma horda
De hipocampos à solta; — em voo, pela corda
Duma forca já pronta onde o vento vai dando,
Um laço; — naquele caso equívoco, que é quando
Os ponteiros estão em linha, o mostrador,

Pour un cadran à pouls; — pour le gant à rencontre
Volant vers un quidam, celui qui drogue en l'air
Comme enseigne; — le croc, par la grue au but clair
Vers un fleuve abaissé, pour un fer sans amorce
D'écervelé pêcheur; — l'annexe qui, de force
Mise à son chevalet, rend sourd un violon,
Pour une *petite m;* — dans un parc de colon,
Quelque intrus caïman proche un parasol fixe,
Pour un lézard contre un cèpe; — au cours d'une rixe,
Un brun chicot craché, pour un pépin de grain
D'un coup de langue exclu; — pour le goinfre à refrain
Qu'à force d'applaudir on prend, le cousin braque
Qui fonce en plein plafond; — dans un tir de baraque,
Pour une épingle à perle infidèle à son nœud,
Le jet d'eau qu'orne un œuf; — lorsqu'un faubourg s'émeut
Où passe un régiment, pour un jonc chic à pomme,
La canne en l'air sautant; — pour l'échelle où s'assomme
La rainette à bocal, celle dont sans périr
Use un scaphandre; — pour un cachet à guérir,
Une paire à mets chaud d'assiettes attractives
Formant bloc bords à bords; — quand, bras nus, mains actives,
Trime un faiseur de tours, son jeu subtil d'anneaux,
Pour un stock neuf de ronds à clés; — roi des tonneaux,
Le joyau d'Heidelberg, pour une tirelire;
— Pour le cachet qui tape, y mettant de quoi lire,
Des lacs de cire à lettre, une hie au travail;
— Pour le trou qu'un poussin fait quand finit son bail,
Celui que laisse au disque en papier l'écuyère;
— Chez un sculpteur, pour un Poucet par la bruyère
Semant droit ses cailloux, un sauf Deucalion
Jetant ses pierres; — quand, touché, grince un lion,
Le fusil du chasseur, pour un revolver juste
Criblant un brun caniche enragé; — pour un buste
Au socle absent, ce qu'un sable ensevelisseur

Por um relógio de pulso; — a luva que o rancor
Atira contra alguém, a outra que pontua
Um letreiro, no ar; — o gancho ao fim da grua
Pendente sobre o rio, pelo anzol sem isco
Dum pescador maluco; — o acessório em risco
De, na estante, tornar surdo o som do violino,
Por um *m pequeno;* — em parque ultramarino,
Um intruso caimão junto a um guarda-sol, quieto,
Por um lagarto e um tortulho; — após rixa em concreto,
Um cuspido queixal, pela pequena graínha
Que a língua exclui; pelo refrão da gaitinha
Qu' à força de aplaudir nos fica, a melga em giro
Embicando com o tecto; — em barraca de tiro,
Pelo alfinete e a pér'la ao seu nó infiel,
Um repuxo com um ovo em cima; — do quartel
Se o regimento sai, por um chique pingalim
O bastão a saltar; — pela escada onde acha o fim
A rela, no boião, a que usam, destemidos,
Os escafandros no mar; — por um rol de comprimidos,
Uns pares, quentes e bons, de pratos atractivos,
Num vasto estendal; — braços nus e activos,
Quando o malabarista actua, os seu anéis,
Pelas argolas-chaveiro; — esse rei dos tonéis,
A jóia de Heidelberg, por qualquer mealheiro;
— Pelo sinete a marcar, à laia de letreiro,
As rodelas de lacre, um maço calcetando;
— Pelo buraco que o pinto abre, o prazo expirando,
O que a do circo faz no disco de papel;
— Por um Polegarzinho a semear atrás dele
Os seixos, num escultor um salvo Deucalião
Lançando as pedras; — quando atingiu um leão,
A caçadeira, por um revolver que, mui justo,
Crivou castanho cão raivoso; — por um busto
De soclo ausente, o que uma amortalhante areia

A nu laissa du Sphinx; — le jour du blanchisseur,
Un drap qu'ont de leur pourpre enrichi des menstrues,
Pour un mouchoir à sang nasal; — aux coins des rues,
La plaque bleue à nom pur, pour celle où se lit
Le chiffre de maison; — pour celle où suinte au lit
Un bouquet de cheveux, la papillote grasse
A côtelette; — pour l'ex-bascule à disgrâce
D'un prometteur piège à rats, un loyal tremplin;
— Un tunnel, quand, vorace, il est de vapeur plein,
Pour un triste auditif conduit à tampon d'ouate;
— Pour un dé, gaine-annexe au tiers doigt adéquate,
Lorsqu'il pose à l'envers, le gobelet à tours;
— Pour celui des croupiers, si pur soit-il toujours
De rouge caoutchouc, le sourd racloir à boue;
— Le jeu qui semble au chien fait pour qu'on le rabroue,
Pour un groupe au rancart, par les noirs pris aux blancs,
D'obscurs pions d'échecs; — quand, de l'eau plein ses flancs,
Presque enfonce un canot, ce qui part des écopes,
Pour d'humains postillons; — un toit pour télescopes,
Pour l'un, de l'autre veuf, des hémisphères forts
De Magdebourg; — l'enfant, fruit d'occultes rapports,
Sur tel voyant rond-point mis, pour l'émergeant hôte
D'une galette à faire un roi; — quand côte à côte
S'emballent deux chevaux, leur timon enchaîné,
Pour une flèche au vol bas; — pour un dégainé
Cuir à rasoir, la carte à commander qu'encadre
Un rectangle à poignée; — un brûle-bout de ladre,
Pour un plat clou-punaise en solitaire exil
La pointe en l'air; — en Suisse, au bazar, pour un cil,
Courbe évadé d'un œil doux, une corne noire
De chamois; — à son clou mise, une bassinoire,
Pour un balancier mort, à revivre appelé;
— Dans un char à bras en état d'être attelé,
L'avilissant harnais d'homme, pour des bretelles;

A nu deixou da Esfinge; — ao ir à lavadeira,
Um lençol que de púrpura o mênstruo enriquece,
Por um lenço com nasal sangue; — a, que aparece
À esquina, placa azul co'um nome, pela que, a par,
Número da porta tem; — pelo que as faz suar,
Às mechas de cabelo, o papelote untado
Da costeleta; — pelo ex-básculo avariado
De útil ratoeira, um trampolim seguro;
— Por voraz túnel onde o vapor ergue muro,
Auditivo canal com tampão de algodão;
— Por um dedal a cintar o médio de uma mão,
Quando posto ao invés, o copo da magia;
— Pelo dos *croupiers*, esse sem porcaria,
De borracha encarnada, o rodo para a lama;
— O jogo que o cão teme o trame, quando o chama
Um grupo de maraus, pelos pretos contra os brancos
Piões, em um xadrês; — com água até aos flancos,
A que vai borda fora ao afundar-se o bote,
Por perdigotos mil; — planetário em calote,
Por um, sem seu igual, dos duros hemisférios
De Magdeburgo; — o indês, fruto de altos mistérios,
Na roda posto bem à vista, pela prenda
À mostra em bol'-de-rei; — quando a par, por uma senda,
Correndo os corcéis vão, o timão atrelado,
Por flecha em voo raso; — ao estojo retirado,
O estreito assentador, por uma ementa enfiada
Em expositor com pega; — uma arandela avara,
Por achatada brocha em solitário exílio,
De ponta para cima; — um recurvado cílio
Que de olho doce cai, por um, suiço e negro,
Corno de uma camurça; — a escalfeta, num prego,
Por morto balanceiro, a reviver chamado;
— Num riquexó que vai ser a alguém atrelado,
Seu aviltante arnês, por um par de supensórios

— Chez l'impure, un suave oreiller à dentelles,
Pour la pelote où rit, de trous vierge, un volant;
— Posé par l'escrimeur las, un masque isolant,
Pour un protège-orbite à remettre aux lunettes
D'un casseur de cailloux; — la tempe aux rides nettes
D'un vieux, pour le revers supérieur d'un poing;
— Pour le décoiffant drap noir d'un metteur au point,
Celui dont, faisant du vent, à quatre on recouvre
Un cercueil; — l'album à gens, s'il faut pour qu'il s'ouvre
Vaincre un ou deux fermoirs, pour un paroissien;
— Pour un tire-bouton vil, le croc quasi sien
Qui, sort noble, aux cinq doigts chez le manchot supplée;
— L'écharpe à mettre un bras, pour celle où, décuplée,
S'est cloîtrée une joue un jour de fluxion;
— Lorsqu'il rend le fer chaud mûr pour la flexion,
Pour un excitateur d'âtre, un soufflet de forge;
— Pour ce qu'un tousseur montre au docteur pour la gorge,
Un cavernaire arceau, par le couchant rougi,
A stalactite unique; — un lac de sang surgi
Dans un quartier suspect, pour le crachat perfide
D'un phtisique; — chez un sellier, l'attache où, vide,
Miroite un étrier, pour un feu ceinturon
D'ombrelle jaune; — pour le grain traître à juron
Qu'un mangeur de gibier, de côté, crache au diable,
Un boulet fendant l'air; — lorsque irrémédiable
L'inondation s'y frotte, un carton à tir,
Pour le domino « double as »; — le voyant partir,
Pour un bouchon sauteur qu'on lâche, un cylindrique
Ascenseur; — pour le dard frêle où le nord s'indique,
Une ligne d'absent qui flotte et coupe en deux
Un bassin; — sentinelle au poste hasardeux,
Au tir, sur son fond blanc, pour une ombre chinoise,
La silhouette noire; — une paire sournoise
De bolas, droit au but volant câble tendu,

— Doce almofada em renda, ócio em reclinatórios,
Pela chincha donde sai, novinho em folha, um folho;
— A máscara que protege, ao esgrimista, o olho,
Por uma pala que aposta aos óculos resguarda
Um calceteiro; — a testa altamente enrugada
Dum velho, pela mão fechada e erguida, em sanha;
— Pelo pano preto que o retocador desgrenha,
O que, fazendo vento, a quatro irá cobrir
Um caixão; — o album, se houver, para o abrir,
Que vencer um ou dois fechos, por um missal;
— Por vil tira-botões, o gancho que, real,
Cinco dedos da mão no maneta supriu;
— Pela *écharpe* que acolhe um braço, o que serviu
Dez vezes a um nariz, em dia de fluxão;
— Quando ele o ferro aquece a molde para a flexão,
Por mero atiçador, um fole de ferreiro;
— Pelo que mostra ao Doutor quem tosse o dia inteiro,
Um arco de caverna ao rubro do sol-pôr,
Co'uma só estalactite; — o sangue indiciador,
Num bairro feio e vil, pelo escarro que não esconde
O tísico; — na alquilaria, a ataca onde,
Vazio, um estribo luz, por antigo cordão
De sombrinha amarela; — o traiçoeiro grão
Que um guloso por caça amandou pró diabo,
Por uma bala a fender o ar; — se, descalabro,
Lhe chega a inundação, um alvo de atirar,
Pelo dominó do ás; — quando começa a andar,
Por uma rolha que salta, uma caixa cilíndrica
D'ascensor; — pelo sutil dardo que o norte indica,
Uma linha de ausente a dividir ao meio
Um tanque; — qual sentinela no seu passeio,
No tiro, em branco fundo, a negra mira a andar,
Por uma sombra chinesa; — as esferas que, em par,
Avançam devagar num cabo aéreo à vista,

Pour un haltère; — quand l'escrimeur s'est fendu,
Pour une serpe, son fleuret fier d'être courbe;
— Pour la gueule, au tonneau, gobant, sans nulle fourbe,
Un palet bien lancé, celle où choit du corbeau
Le fromage; — le pli chargé dont tout est beau,
Lorsqu'il pose, excentrique, adresse contre table,
Pour un cinq rouge; — pour le trident intraitable
Qui monte l'huître au bec, celui qui, du dehors,
Hisse au grenier le foin; — quand devant deux décors
Qu'un mur sépare il tombe, un sec rideau de nues,
Pour un voile abaissé sur un nez fin; — quand, nues,
Elles se croisent, pour des ciseaux trop ouverts,
Deux lames libres; — quand sont clos ses volets verts,
Un blanc bloc de maisons dans une rue en pente,
Pour du roquefort; — un gazon courbe où serpente
Un tuyau d'eau, pour une épaule d'immortel
Où rampe un cheveu long; — pour un couloir d'hôtel
A numéros de clés lourds, un boulevard riche,
Plein d'enseignes à tige; — aveugle ému qui triche,
Pour l'enfant qu'un bandeau sangle au colin-maillard,
Un mûr parlementaire; — aux halles, quand, gaillard,
Il rôde à son abri, pour celui du saint-père,
Le blanc chapeau d'un fort; — un fauve sein prospère
De nourrice en vert clair, pour un marron qui point,
Fendant son contenant; — lorsque à brûle-pourpoint
Il se retourne, pour une coupe trop pleine,
Un rouge parapluie; — assidue à la peine,
Pour celle qu'un chanceux fait trimer au tonneau,
La roue à bain froid d'un moulin; — un blanc panneau
Qu'un porte-riflards plein pare, asile à cinq places,
Pour du neuf papier à chant; — pour l'une des glaces
Qui, des dents, servent, monstre, au dentiste un reflet,
Un miroir concave à barbe; — pour le sifflet
Qu'est la bouche aux index livrée, un jeu de grâces

Por uns alteres; — quando ataca o esgrimista,
Por uma podoa, o seu florete recurvado;
— Pela boca dum tonel que traga, sem enfado,
A malha bem lançada, aquela onde tombou
Do corvo o queijo; — quando, excêntrico, poisou,
Endereço contra a mesa, o «valor declarado»,
Por uma quina vermelha; — o tridente apressado
Que à boca a ostra traz, pelo que o feno alcandore,
De fora, no celeiro; — ao descer, num *décor*
Duplo, que um muro corta, a cortina de nuvens,
Por um véu a velar fino nariz; — se, nuas,
Se cruzam, por tesoura aberta até mais não,
Duas lâminas soltas; — se corridos estão
Os verdes estores, alvas casas em declive
Por um roquefort; — o verde outeiro que se avive
Co'um cano de água, por um ombro de imortal
Onde um cabelo caia; — as chapas de metal
Das chaves dum hotel, pelo letreiro à porta
Em rua comercial; — cego que faz batota,
Pelo garoto «que vê», brincando à cabra-cega,
Esperto parlamentar; — quando dos Halles despega
Alegre carrejão, pelo do santo padre
O seu branco boné; — seio fulvo que enquadre
De ama o verde *soutien*, pela castanha, o cofre
Da casca já fendendo; — acaso se, de chofre,
À chuva se virou, por uma taça cheia,
A sombrinha carmim; — assídua, mas alheia,
Pela que um felizardo activa no tonel,
A roda a pingar duma azenha; — alvo painel
Dum bengaleiro onde há para cinco lugar,
Por novo papel-música; — o auxiliar
Reflector que o dentista aplica ao dente aflito
Pelo, da barba, côncavo espelho; — o apito
Que a boca faz, mais dois dedos, pelo piparote

Avant l'envol du rond; — pour l'os aux branches grasses
Qu'un jour faste à poulet, pour rire, à deux l'on rompt,
Un éperon poudreux; — pour deux pleurs au vol prompt,
Ce qu'expulse un grippé d'espèce malapprise
Qui dans ses doigts se mouche; — un jour exempt de brise,
Pour un vide encrier qu'on repaît d'encre, un seau
Qui d'asphalte s'emplit; — lorsqu'il fait d'un vaisseau
Signe, armé de rouge, un bras, pour une allumette
Dure à tuer; — pour ceux qu'avant qu'on le remette
Montre un bouchon, des mots gravés dans un tronçon
D'arbre scié; — quand du coude seul, sans façon,
Contre un mur il s'appuie, un bras nu de poseuse,
Pour un index frappeur; — lorsqu'une mère, oseuse,
Ouvre un berceau, les blancs rideaux, pour deux feuillets
Non coupés qu'on disjoint; — zigzaguant sans œillets,
Un pliant mètre jaune en passe de s'étendre,
Pour un lacet d'été mis; — quand pour plus l'entendre
Du va-et-vient l'enfant use, un cerceau sonneur,
Pour un cœur de montre; — en plein escalier d'honneur,
Une barre à tapis, pour la charnière en cuivre
D'un coffret se vidant; — pour le signe apte à suivre
Plaît-il, ce qu'un carlin noir, en marchant devant,
Montre à son maître; — pour ce qu'en y prélevant
Le dedans la cuiller ôte à l'œuf à la coque,
La calotte du pape; — un beau toit de bicoque
Neigeux, pour un bouquin docte étalé dos haut,
Frais vêtu d'écolier papier; — quand, comme il faut,
Fait un cheval au vert, le produit, pour des boules
De cochonnet en plein billard; — pour ce qu'aux poules
Râfle au passage l'œuf, les éclaboussements
D'un mollet à bas blanc; — d'angoissants ossements
Dans un bassin vidé, pour la part qu'a l'assiette
D'un suceur d'abatis; — pour deux dents qu'une miette
Disjoint, les deux doigts blancs d'un valet qui, gants mis,

Que ao berlinde se dá; — pelo que, para risota,
Um par ao meio quebrou, um osso de galinha,
Um poeirento esporão; — pelas lágrimas azinha
Secas, o que um gripado expulsa, meio selvagem,
Quando aos dedos se assoa; — em dia sem aragem,
Por um tinteiro onde vai caindo a tinta, um balde
Que de asfalto se enche; — um braço que, debalde,
Rubro, acena no mar, por um fósforo que aposta
Em não morrer; — pelas letras qu'antes de ser posta
A rolha mostra, outras num tronco serrado
Inscritas; — quando a um muro está, nu e apoiado
No cotovelo só, o braço dum modelo,
Por um dedo indicador; — quando a mãe com desvelo
Abre o berço, as cortinas, por um par não cortado
De folhas; — sem ilhós, um metro articulado,
Em ziguezague, amarelo, a pontos de se abrir,
Por atacador estival; — quando, para mais a ouvir,
Lhe dá o bébé corda, a argola musical,
Pelo balancim dum relógio; — em escada principal
Pela barra do tapete, em metal, a charneira
Dum cofre a esvaziar-se; — pelo signo à beira
Do *Que disse*, o que um carlim negro, a andar à frente
Do dono, lhe faz ver; — pelo que, entrando lá dentro,
Uma colher extrai dum ovo escalfado,
O solidéu do Papa; — um telhado nevado,
Por um calhamaço em pé, a lombada para cima,
Forro em papel escolar; daquilo que se estima
Que a égua faz no pasto, o produto, por bolas
Castanhas, num bilhar; — pelo que, das galinholas,
Colhe o ovo ao sair, os salpicos de lama
Num branco calcanhar; — quiçá a ossada humana
Num lago já vazio, pelo que no prato espalha
Quem um frango chupou; — pelos dentes que migalha
De pão desune, dois — polegar não contando —

Pouce oisif, ramasse un croûton; — lorsqu'en amis
Flânent deux noirs, leurs bras crochus, pour deux stupides
Hameçons emmêlés; — pour l'aiguille aux rapides
Parcours qu'enchanté d'elle un tailleur meut du pied,
Un marteau-pilon; — lorsqu'un jour à frac s'assied
Un soigneux, ses pans qu'il ouvre, pour une paire
De faux favoris au repos; — pour un repaire
De dogue, adossé contre une clôture en fer,
Une guérite à grille; — un tison plein d'enfer
Dans une pince à feu, pour le rubis qu'exhibe
Celle d'un lapidaire; — un rond-de-cuir de scribe,
Pour celui qu'a pour nimbe un garçon pâtissier;
— Pour la poche à l'envers qui lorsque entre l'huissier
Sort d'un pantalon lâche, un plat sac à pitance
Pour museau de cheval; — pour deux dés en partance
Dans leur cornet, deux blancs cubes pris, de concert
Sucrant un gobelet vide; — géant qui sert
D'enseigne, pour celui qu'on fixe aux maisons dignes,
Un impur numéro; — pour celui dont les lignes
Fraîches à leurs secrets initient le buvard,
Un cylindre à parc; — pour un petit doigt bavard
Visant une enquêteuse oreille, un index raide
Qu'une narine attire à soi; — sobre offreur d'aide,
Un guide-âne, pour un échantillon rayé
De chemisier; — quand, preste, un crédule effrayé
Fait les cornes, sa main, pour la tête attentive
D'un limaçon rôdeur; pour la même inventive
Main en blanc gant de luxe, un asinal bonnet;
— Quand s'est de l'oculiste ouvert le cabinet,
La pancarte au mur mise, en rang de lettres riche,
Pour un feuillet d'A B C; — pour un fou qui triche,
Quand de son glissement de tour elle fait choix,
La reine; — au sein d'un char funéraire, une croix
En violettes, pour une croix en poussière

Dedos, em luva branca, uma côdea apanhando;
— De dois pretos o braço enlaçado, por um par
De enredados anzóis; — pela agulha a picar,
Veloz, que com o pé o alfaiate alenta,
Um martelo-pilão; — se de fraque se assenta,
As abas que abrirá um zeloso, por um par
De falsas suiças em descanso; — por um lar
De buldogue, encostado às grades dum portão,
Guarita gradeada; — um infernal tição
Na tenaz, pelo rubi que exibe o lapidário
Na pinça; — pelo que tem na manga o escriturário,
Rodela em cabedal, a que nimba um pedreiro;
— Quando irrompe a polícia, o forro da algibeira
Que dumas calças sai, por uma saca vazia
De ração para muar; — pelos dados que se enfia
A dois no copo, dois cubos a açucarar
Vazio pichel; — gigante, a fazer por chamar
A atenção, pelo qu'em prédios sérios se alinha,
Um número impuro; — essoutro rolo cuja linha
Fresca o seu segredo ao mata-borrão traz,
Por um rolo de jardim; — por um sábio e loquaz
Mindinho a espevitar o ouvido, o indicador
Que uma narina atrai; — sóbrio auxiliador,
A pauta de escrever, pela amostra de riscado
Para camisa; — quando um crédulo assustado
Faz cornos, sua mão, pela cabeça expressiva
De vadio caracol; e pela mesma inventiva,
Mão de branco enluvada, umas, de burro, orelhas;
— No oculista, enquanto este atende e aconselha,
Na parede, tão rico em letras, o letreiro,
Por folha de ABC; — por um louco batoteiro,
Quando saltar sua vez na jogada a seduz,
A rainha; — em caixão, num enterro, uma cruz
De violetas, por outra, em poalha verdadeira

D'améthystes à noir écrin; — une brassière
De wagon, pour le bout culotté d'un vieux stick;
— Pour les boulettes dont, à table, un gris loustic
Bombarde un bec d'ami, les sphères choquant, lourdes,
Un passe-boule; — un mur à béquilles, à Lourdes,
Pour la page à l'envers d'un zélé tout petit
A grands A; — le croûton par manque d'appétit
Laissé, quand la serviette y touche, non pliée,
Pour un doigt de gant à cordon blanc; — oubliée,
Une alliance en plein coin clair de lavabo,
Pour l'O d'or d'un pli chic; — cherchant l'absent bobo,
Pour un rouleau d'anglais taffetas, une pièce
D'enroulé satin rose; — un ballon, pour l'espèce
De capsule à filet qu'on fait vaporiser;
— Quand d'un bas on l'expulse, un œuf à repriser,
Pour ce qui d'une chèvre, avec retard, clôture
L'allègement; — pour un reste à mésaventure
De muette mitaine. une flûte de Pan;
— Pour l'oignon d'or qui fuit, taquinant son tympan,
D'un soupeur ivre à plat le gilet blanc, l'aphone
Bassinoire qu'on sort d'un lit; — dès qu'il plafonne,
Un échappé ballon d'enfant dans un ciel beau,
Pour un rouge pâté d'huissier; — un noir tableau
Qu'approprie un torchon, pour le front haut d'un nègre
Qui, s'épongeant, poisse un mouchoir; pour une allègre
Mine de plomb, son doigt humide ornant d'un nom
Un embué carreau; le même à dire « non »
Servant, horizontal, pour une pointe sombre
De boussole bougée; — attiédi donneur d'ombre,
Quand sévit l'astre, pour un couvre-nuque, un mur
De tente à toit plat; — pour un blanc cheveu de mûr
Blond, la sèche égayant un fouillis de havanes;
— Pour deux anneaux serrant mal des doigts diaphanes
D'amaigri, ceux au cirque où deux bras ont plongé;

D'ametistas, num negro escrínio; — a braçadeira
De combóio, pela ponta usada de um stick;
— Pelas bolinhas que à mesa alguém manda, num tique,
À boca dum amigo, as esferas dando em cheio
Num traga-bolas; — em Lourdes, um muro cheio
De muletas, pela, de um fiel baixo, invertida
Folha, com grandes AA; — a côdea preterida
Por fastio, junto ao guardanapo desdobrado,
Por um dedo de luva orlada a branco; — olvidado
Anel em pleno canto alvo dum lavatório,
Por O d'oiro em cartão chic; — em dói-dói ilusório,
Por um rolo de inglês tafetá, uma peça
De cetim rosa em rolo; — um balão, pela espécie
De cápsula com rede, em vaporizador;
— Um ovo de coser, expulso para o exterior
Da meia, pelo que encerra, em atraso, da cabra
O parto; — por um resto um tanto abracadabra
Duma muda *mitaine*, uma flauta de Pã;
Pelo cebola que sai, de oiro, em toada vã,
Do colete de um bêbedo caído, a muda
Escalfeta que se extrai da cama; — sem ajuda
Um balão infantil que tão alto se evola,
Pelo vermelho borrão do escrivão; — numa escola,
Pelo quadro limpo a pano, a, dum negro, alta testa
Que de suor emporcalha um lenço; por uma lesta
Mina de chumbo, o seu dedo húmido escrevendo
Em vidro embaciado um nome; e «não» dizendo,
O mesmo, horizontal, servil, pela agulha escura
De bússula agitada; — amigo na secura
Da hora de mais sol, por um cobre-nuca, em tenda
Um toldo plano; — a cã dum loiro de uns cinquenta,
Por seca palha entre havanas, a alegrar;
— Por dois anéis em dedos magros a dançar,
Esses onde se vai no circo enfiar o braço;

— La feuille en plant où gît le compas en congé
D'un géomètre absent, pour une montre morte
Carrée; — à s'étonner prêt si l'étape est forte,
Pour un campylomètre utilisé, l'avant
D'une brouette au pas; — quand, d'un cheval savant,
La croupe a décrit son rond, pour une torsade,
Ses jambes de devant fixes; — par temps maussade,
Quand la prolonge un V, l'aiguille à bons conseils,
Pour le bout d'un cheveu fourchu; — pour deux orteils
Vus par un trou de bas, ce qu'encadre un malade
Fond de culotte; — pour de la lourde salade
Parmentière, des *blancs* qu'en tas sur un damier
Met un bavard aux doigts distraits; — pour le premier
Papier soyeux tombé d'une carte cornée,
Un gris dallage en verre uni; — pour ce qu'ornée
De clous une semelle a dans la crotte empreint,
Un solitaire sans billes; — lorsqu'il n'étreint
Rien, un saint brassard blanc, en montre, pour un brave
Nœud tout fait du soir — noire, une moustache à grave
Manque de nerf, si la mouche meuble son arc,
Pour un point d'orgue; — quand brille à la pluie un parc,
L'intact fond d'un brisé pot de terre, pour une
Jaune paillette à trou; — lorsqu'ils choient à la brune,
Pour des haricots verts sautant d'un plat, d'étroits
Feuillets de jalousie; et tard, dans les endroits
Commerçants, d'entassés plis jaunes, pour des pommes
Qu'un fricoteur souffla mal; — pour ces gais bonshommes
En papier qu'un plafond balance au bout d'un fil,
Les pendus après la neige; — fruit d'un civil
Baiser, l'aqueux rond d'un gant blanc, pour une marque
D'égoutté chalumeau; — pour celle qu'un monarque
A pour hochet, la main faite en marbre d'après
La dextre d'une belle; — entiché du progrès,
Un Peau-Rouge en complet, pour un môme à rougeole;

— Pela planta onde jaz em férias o compasso
Dum geómetra ausente, um relógio quadrado,
Sem andar; — se é comprida a etapa, espantado,
Por um campímetro em uso, a frente dum carrinho
De mão, a passo; se dum sábio cavalinho
A garupa rodou, o quarto dianteiro
Fixo, por uma torsada; — em tempo não faceiro,
Quando a prolonga um V, a agulha conselheira,
Por um cabelo espigado; — em buraco de meia,
Por dois dedos do pé, o que enquadra rasgada
Cueca, por detrás; — por pesada salada
Parmentière, as «brancas» que um, mais distraído,
Nas damas amontoa; — pelo papel caído,
Ante-rosto de seda em luxuoso cartão,
Lage de vidro liso; — isso que as solas vão,
Co'os pregos, imprimindo em terra enlameada,
Pelo pé dum solitário; — em montra, quando nada
Abraça, um santo laço branco, por um lacinho
Feito, de pôr à noite; — um negro bigodinho
Caído, com uma mosca a enfeitar-lhe o arco,
Por pausa musical; — brilhando à chuva um parque,
O fundo intacto dum vaso quebrado por uma
Palheta ocre furada; — ao cairem, à uma,
Por feijão verde a saltar dum prato, as iguais
Tabuinhas dum estore; e em sítios comerciais,
Amontoados papéis, pelas mal fritas batatas
Que um cozinheiro fez; — pelos joviais acrobatas
De papel, por um fio à pendura dum tecto,
Enforcados após nevar; — dom de selecto
Beijo, em luva alva a aguada mancha, pela marca
Duma flauta escoada; — a que tem um monarca
Como guizo, pela mão de mármore a imitar
A dextra duma bela; — um Pele-Vermelha a par
Da moda, à europeu, por um petiz com sarampo;

— Vu ses rayures, pour une prise rigole
A glissade de choix, un usagé chemin
A lancer les vaisseaux; — pour un bec sans carmin
D'anémique au lit qui fume, un poing à bougie;
— Quand queute un effronté, sa bille non rougie,
Pour une perle ronde à tige d'or pâli
Qu'on sort d'un ruban vert; — l'appendice poli
D'un chien gris, pour l'antenne à bruit d'un métronome;
— Pour l'interne rectangle où le tailleur nous nomme,
La suscription mise, une enveloppe aux durs
Flancs de toile; — rageuse injuste à coups futurs,
La mailloche, au concert, pour un bout débonnaire
D'appui-main; — pour la fente à rond d'un ordinaire
Protège-mine, un vide asile à boutons lourds;
— Pour deux sabots à chocs réchauffants d'orteils gourds,
Deux sauteurs bateaux à l'ancre en temps d'équinoxe
Se heurtant face à face; — un jour sans match de boxe,
Un ballon de cuir qui part, pour un ganté poing
Offensif; — un talon correct dont, récent point
De mire, un chanceux dix de pique est la retourne,
Pour un double-cinq; — pour le poil gris qui séjourne
Dans l'épileuse pince exploratrice, un fil
De fer dont s'est rendu maître un étau viril;
— Pour une humble chapelle où la tête se cogne,
La cathédrale monstre assise en plein Cologne;
— Le brutal iceberg, du pôle nord natif,
Pour l'étroit bloc de glace asservi, portatif,
Qu'en morceaux pour le verre, à l'office, on brésille;
— Chez un pêcheur, pour un pou dans une résille,
Une oisive araignée explorant un chalut;)))),
Cherche un coup d'encensoir à joindre à son salut :
Pour qu'à lui vienne la fortune, dont la roue
((((Témoin : — le gros banquier qu'on file et qu'on écroue;
— Le grinche en paix, la nuit, jouant du rossignol;

— Por uma coleira onde há, pelos regos, vasto campo
Para correr a água, uma rampa a favor
Para lançar um navio; — por uma boca sem cor
De anémico que fuma, a base duma vela;
— Se um tonto faz carrão, sua bola amarela
Por pérola redonda em haste de oiro pálido
Que do verde ressalte; — o apêndice cálido
Dum cão pardo, por, num metrónomo, o ponteiro;
— Pelo rectâng'lo onde assina o fato o costureiro,
Inscrito o endereço, um envelope em duro
Pano; — em ânsias por ferir, injusta, no futuro,
A maça, em recital, pela ponta complacente
Dum tento de pintor; — pela fenda dum corrente
Apara-lápis, oco asilo de botão;
— Pelos socos que, chocando, aos pés um calor dão,
Dois barcos a saltar, em tempo de equinócio,
Embatendo em viés; — no boxe, em dia de ócio,
Uma bola pelo ar, por um punho enluvado
E ofensivo; — um «monte» alinhado e encimado
Pelo que é trunfo agora, um feliz dez de espadas,
Por um doble cinco; — um pêlo que às bicadas
A pinça conquistou, por um delgado fio
De ferro que um viril tornilho adquiriu;
— Por humilde capela onde a cabeça chega,
A monstra catedral que em Colónia se enxerga;
— O brutal *iceberg*, no polo norte estável,
Por uma pedra de gelo escrava e transportável
Que em pedaços irá matar, num copo, a sede;
— Num lar de pescador, por um piolho em rede
De cabelo, uma aranha explorando um escaler;))))
Ao dar a salvação ainda incensar quer
Para a sorte atrair, cuja roda inconstante
((((A prová-lo: — o banqueiro apanhado em flagrante;
— O rabuja que à noite, em paz, solta um trinado;

— Le Commissaire alors que le rosse Guignol;
— Samson faible allant la dextre en avant; — Turenne
Quand, de la bonne sorte, à Salzbach il étrenne;
— L'absinthe à l'hypocondre ouvrant le paradis;
— L'Enfant prodigue au nid rentrant sans un radis;
— L'héritier plein de plans qui, près du catafalque,
Tout bas additionne, arrondit et défalque;
— L'amiral commençant de ronfler sans effroi
Puis de Germain d'Auxerre entendant le beffroi;
— Cinna conspirateur, devenant sur son siège
L'ami d'Auguste après avoir flairé le piège;
— Le soulier visité par le petit Jésus;
— L'odalisque à qui fut jeté le tire-jus;
— Le téméraire qui passe une pièce fausse;
— Daniel sympathique aux lions dans la fosse;
— L'œuf effacé qu'illustre à jamais rend Colomb
En lui persuadant de se tenir d'aplomb;
— Lourdes en petit fou changeant un grand malade;
— Le faux prince tâtant du panier à salade;
— Quand, voyant dans son mur Gretchen, il porte un toast
Puis s'ôte en buvant dix lustres, le docteur Faust;
— Le mal qui foudroie en plein bonheur les toupies;
— L'inventeur riche à sec mis par ses utopies;
— Le lac de cire obscur quand, bravant la cuisson,
Un résolu cachet lui flanque un écusson;
— Le pion à destin qu'un changement de case
Fait dame; — Prométhée aux fers sur le Caucase;
— Le chat dorloté puis cuit de la mèr' Michel;
— L'enfant cossu volé par un romanichel;
— Cendrillon finissant par devenir princesse;)))),
Mouvant ses ailerons, tourne sans paix ni cesse,
— Tel, devant son nombril, le chapeau d'un benêt, —
Tout hôte flatte, écoute — opine du bonnet
Même alors qu'on soutient : — que garder une somme

— O Polícia ao ser pelo Roberto sovado;
— Sansão fraco co'a dextra a tatear; — em Salzbach
Turenne, ao estrear-se a sério no ataque;
— O absinto que abriu ao neura o paraíso;
— O pródigo que ao lar paterno volta liso;
— O herdeiro febril que, junto ao catafalco,
Baixinho adiciona, arredonda e desfalca;
— O almirante que ronca sem sobressalto
Ao ouvir de Germain d'Auxerre o som do assalto;
— Cinna conspirador quando, em plena assembleia,
De amigo Augusto trata, intuindo ratoeira;
— O sapato que o Menino Jesus visita;
— A odalisca ao querer assoar-se, aflita;
— O temerário que passa uns falsos tostões;
— Na fossa Daniel simpático aos leões;
— O ovo humilde que Colombo tornou sumo,
Ao persuadi-lo de se manter com aprumo;
— Lourdes pondo lirú um doente mais grave;
— Falso príncipe o sol espiando atrás da grade;
— Vendo Gretchen no lar, a saúde que o mago
Doutor Fausto lhe faz, dez lustres num só trago;
— O mal que os piões fere, quando em plena alegria;
— O rico inventor que soçobra co'a utopia;
— De cera o lago escuro ao ser-lhe, em combustão,
Por ousado sinete imprimido um brasão;
— O fadado pião que em certas posições
Vale dama; — Prometeu no Cáucaso, em grilhões;
— Pela bruxa amimado, o gato, e após, assado;
— O filho de sua mãe, por um cigano roubado;
— Cinderela princesa, acabado o tormento;))))
Sem sossego e sem paz, gira sempre, co'alento,
— Qual, encostado à pança, o chapéu dum saloio —
— Servil, um hóspede ouve e acena, a dar apoio,
Conquanto ouça dizer: — qu'amealhar uns cobres

Jamais d'un savetier ne compromit le somme;
— Qu'un nain qui vous vient dans la glace à l'abdomen
Vous paraîtrait géant placé sous un dolmen;
— Qu'il faut, quand c'est servi, de force attabler l'homme
Qui d'un ver solitaire à sa charge est le home;
— Qu'amène est d'instinct la femme envers son mari
Plus que la vieille fille envers son canari;
— Qu'outre-Manche à certains essuyages intimes,
En aveugle accomplis, jamais ne sert le *Times;*
— Qu'un phtisique à Paris, plus vite qu'à Menton,
Rien que par le calme et l'air double son menton;
— Qu'en l'honneur de l'asperge, en mai, lorsqu'il urine,
Jamais gourmet repu n'enfle, œil clos, sa narine;
— Qu'ignare en son bocal, la rainette, selon
Son seul caprice, adopte ou lâche un échelon;
— Qu'une mouche accentue en y tirant sa coupe
L'attrait par le breuvage exercé dans la coupe;
— Qu'il en coûte au frileux de relever son col
Quand le mercure gèle et fait place à l'alcool;
— Que rien n'est, du pays, semblable à la bottine,
Où l'abeille en tout temps, d'après Mignon, butine;
— Qu'un poltron recevrait sans secousse un cartel
Pourvu que de nul autre il ne vînt que de Tell;
— Que le feu fît aux rois plus bas courber l'échine
Qu'en stratège émérite alluma Rostopchine;
— Qu'un libéré bouchon, mieux qu'un bas, lorsqu'il part
Traverserait un haut plafond de part en part;
— Que, des astres, plus ronde est la lune et plus crue
Sa clarté, plus la somme, autour d'elle, est accrue;
— Qu'en l'art nul n'égala Napoléon Ier
D'éviter de manger son pain blanc le premier;
— Qu'à nu mis les travers de la femme savante
Jamais n'ont de Molière égayé la servante;
— Qu'unanime un refus s'oppose à qui, poli,

Nunca tirou o sono a sapateiros pobres;
— Que um anão que nos dá no espelho pela cintura
Sob um dólmen terá mais gigante estatura;
— Que se deve obrigar a lauta culinária
Aquele em que fez lar a bicha solitária;
— Que amena é por instinto a mulher para o marido
Mais do que a solteirona é para o canário querido;
— Que além-Mancha, para um certo, um íntimo asseio
Às cegas feito, sempre o *Times* é alheio;
— Que um tísico em Paris, melhor do que em Menton,
Papada criará, só com a calma e o ar bom;
— Que em honra do espargo, em Maio, quando urina,
Jamais, sem ver, *gourmet* farto apura a narina;
— Que ignara em seu bocal, a rela, só guiada
Pelo seu capricho, sobe ou desce pela escada;
— Que, nadando no cálice, acentua a mosca
A atracção que experimenta o que bebe uma mosca;
— Que ao friorento custa a levantar a gola
Quando o mercúrio gela e o álcool consola;
— Que no campo nada há que se iguale à botina
Onde, *d'après* Mignon, da abelha o mel refina;
— Que um poltrão receberá sem abalo um cartel,
Se este de mais ninguém vier senão de Tell;
— Que o fogo fez aos reis curvar mais baixo a espinha
Que, emérito estratego, acendeu Rostopchine;
— Que uma rolha é capaz, quando se solta em salto,
De um tecto atravessar, mais do que baixo, alto;
— Que a lua é mais redonda e mais cru seu fulgor
Quanto a soma é maior, d'astros, em seu redor;
— Que a Napoleão ninguém levou à palma na arte
De em primeiro comer do pão alvo sua parte;
— Que a nu da sabichona as manias mostradas
Jamais de Molière riso foi das criadas;
— Que unânime recusa ouve quem, reverente,

Demande aux gens licence avant d'ouvrir un pli;
— Que si le spécimen noir rare est chez la perle
Plus que le blanc, de même il en va chez le merle;
— Que lorsqu'on l'a servi bien le joueur de *Nain*
Jaune adore finir sans avoir eu la main;
— Que c'est lors d'un de ses étés qu'ému d'une aune
De son manteau l'humain saint Martin fit l'aumône;
— Qu'en amour nul ne sut faire à l'égal d'Onan
Passer avant tout la loi du *donnant donnant;*
— Qu'est l'effet détruit moins bien que par un bécarre
D'une altération par la prochaine barre;
— Qu'à sa voisine à sec, jadis, par la fourmi,
Tout fut, quand vint la bise, obligeamment fourni;
— Qu'Attila, mieux campé que son aîné Rodrigue,
D'alexandrins fameux est plus que lui prodigue;
— Qu'un trait courbe, à l'encontre allant d'un bruit qui court,
Pour marier deux points plus qu'une droite est court;
— Qu'un houleux débat lorsqu'on sonne s'envenime;
— Que l'arme la plus noble est la lettre anonyme
Pour battre ses rivaux dans la course aux honneurs[1]
— Lettre que, révolté, le digne Calino
Sans la décacheter jetait dans la corbeille —
Ou que la loi salique existe chez l'abeille;)))
Deux couteaux cliquetants qu'affûte un découpeur;)),
Veste au dos, feutre au front, — objet si peu trompeur, —
Un brevet pour l'oiseau de foncière bêtise;),

1. Que de prospérités, que de fermes bonheurs
Pour qui n'est point aveugle ont une source infâme!
Le prix de piano dépend plus pour la femme
Du nombre de galants qu'elle a dans le jury
Que de son déchiffrage et du talent mûri
Qu'elle déploie ou non en jouant sa sonate;
Maint X...-les-Bains doit moins à son bicarbonate
Qu'aux joueurs qui, la nuit, hantent son casino.

Antes de carta abrir pede licença à gente;
— Que se o espécime negro é mais raro que o branco
Na pér'la, com o melro acontece outro tanto;
— Que quem foi bem servido ao jogar o *Anão*
Amarelo, acabar quer sem passar de mão;
— Que foi num verão dos seus que, emocionado e bem,
Humano, são Martinho a capa deu a alguém;
— Que em amor como Onan outro igual não terá
Melhor seguido a lei do *toma lá dá cá;*
— Que duma alteração os efeitos apaga
Um bequadro pior do que a sequente barra;
— Que à sua vizinha à míngua a formiga, outrora,
Em vindo a invernia auxílio deu na hora;
— Que Átila a Rodrigo em feitos superior,
Em verso alexandrino é dos dois o melhor;
— Que, o boato assim diz, será o traço curvo
Para dois pontos unir, mais que um direito, curto;
— Que, se a sineta soa, a discussão redobra;
— Que a carta anónim' é das armas a mais nobre
Para bater os rivais à cata de honrarias[1]
— Carta que, revoltado, o tão digno Calino
Sem abri-la sequer atirou prá corbelha —
Ou que a sálica lei existe para a abelha:)))
Duas facas que está um cortador a afiar)),
De casaco e chapéu mole — não há que enganar, —
Brevet para o avejão de estupidez inata;),

1. Quanta prosperidade e fortes alegrias
Têm, para quem não for cego, uma fonte infame!
No que toca à mulher, conta mais, no exame
De piano, ter todo o júri enamorado,
Do que a leitura feita e o talento apurado
Que evidencie ou não ao tocar a sonata;
Às termas menos dá o seu bicarbonato
Que os jogadores que à noite enxameiam o casino.

Surtout gris, chapeau noir (dont l'aspect synthétise
Ces temps où l'on voyait des rois partis de rien
Et qu'inlassablement fouille l'historien;),
Mis par lui jusqu'au bout sur son rocher accore,
Ne magnifiaient pas sa silhouette encore,
Fait que, méditatif, on oublie un moment
L'Égypte, son soleil, ses soirs, son firmament.

Capote pardo e bicorne (um ar que retrata
Os tempos em que reis vindos do nada havia
E no estudo dos quais o historiador porfia;),
Que até ao fim usou, sobre o rude alcantil,
Inda lhe não magnificavam o perfil,
Faz com que, a meditar, se esqueça por um momento
O Egipto e, nele, o sol, a noite, o firmamento.

III

La Colonne qui, léchée jusqu'à ce que la langue saigne, guérit la jaunisse.

MOSQUÉE ABOU'L-MA'ATÈH. — *Environs de Damiette.*

Traitement héroïque! user avec la langue,
Sans en rien rengainer qu'elle ne soit exsangue,
Après mille autres fous, les flancs de ce pilier!
Mais vers quoi ne courir, à quoi ne se plier,
Fasciné par l'espoir, palpable ou chimérique
(Espoir! roi des leviers! tout oncle d'Amérique
((Ce pays jeune encore, inépuisé, béni,
— Si tard, de nos atlas, vierge il resta banni, —
Où l'on rafle plus d'or, vingt fois, qu'en l'ancien monde,
Soit que — l'appétissant a besoin de l'immonde —
Par cent mille kilos on fabrique un engrais
Pour ces champs infinis, où, gaillards, le nez frais
(((Un jour, d'un chien souffrant fait un chien hydrophobe;
S'assurer que toujours ce liquide que gobe

III

A Coluna que, lambida até fazer sangrar a língua, cura a icterícia.

MESQUITA ABOU'L-MA'ATEH — *Arredores de Damieta.*

Desgastar com a língua — heróico tratamento!
Pois só exangue estando a metem para dentro —
Como outros loucos mil, os flancos do pilar!
Mas como não correr, como se não vergar,
Fascinado pela esperança, evidente ou quimérica
('Sperança! alavanca-mor! todo o tio da América
((Esse jovem país, inda úbere e bendito,
— Virgem até tão tarde e dos atlas proscrito —
Onde oiro há aos milhões, mais que no velho mundo,
Quer porque —o apetitoso apela pelo imundo —
Aos cem mil quilos há quem fabrique um adubo
Par' esse campo infindo onde, focinho agudo,
(((Um cão doente fica hidrófobo num dia;
Ver se sempre esse líquido, que até a cria

Même le mieux appris entre les nouveau-nés
Sort de l'ami de l'homme et lui vernit le nez
N'est pas, prenons-y garde, acte moins nécessaire
Que : — lorsque l'ennemi se fend d'un émissaire,
Sur les yeux de l'intrus appliquer un bandeau;
— Quand passe un roi, marquer autour de son landeau
Chaque point cardinal par un mouchard cycliste;
— Quand, chef de conjurés, des noms on fait la liste,
Tout ce qu'on a d'esprit le mettre à la chiffrer;
— Pour que l'oiseau pillard hésite à s'empiffrer,
Meubler d'épouvantails les terres où l'on sème;
— Vieux ((((pendant notre hiver notre tignasse essaime,
Tels les rayons plantés dans le soleil vernal
S'en vont quand il se change en soleil hivernal;)))),
S'imposer de fuir l'air ou de porter calotte;
— Après avoir sombré de culotte en culotte,
Mettre en sûr viager l'argent sauvé du club;
— Engager le verrou quand c'est l'heure du tub;
— Avant de travailler sur une corde raide
S'armer d'un balancier;))), cent chiens prêtent leur aide
(((Besoin d'aide! ô besoin sublime, universel!
Combien mettraient des jours, sans aide, à voir le sel
Dont sont sursaturés un mot, une anecdote!
Pour que le perroquet distinctement radote
Faut-il pas qu'un de nous lui coupe le filet?
L'empereur, la main tiède au sortir du gilet,
Stimulait son génie en humant une prise;
Le superstitieux dont le miroir se brise
Dans sa détresse invite à conjurer le sort
Deux de ses doigts qui, mus comme par un ressort,
Prennent, en se tendant, l'allure de deux cornes;
L'argument — au pouvoir du geste il est des bornes —
Éclaire, d'un ballet, l'imbroglio naïf;
Grâce à l'ongle on peut voir les secrets d'un canif,

Mais ensinada engole, sai do animalzinho
Do homem tão amigo, e lhe pule o focinho,
É acto, atentai bem, não menos necessário
Que: — quando o inimigo envia um emissário,
Nos olhos do intruso uma venda aplicar;
— Quando um rei passa, junto ao seu coche postar
Nos pontos cardiais um moto-ciclista;
— Quando, em conspiração, nomes o chefe alista,
Quanto na mente houver, tudo averbar em cifra;
— Para que o pássaro pilha hesite e mais não esmifre,
A sementeira encher de espantalhos se faça;
— Velho ((((no nosso inverno a trunfa humana é escassa,
Tal o que semeado é ao sol estival
Se vai, quando ele no fim passa a sol invernal;)))),
Fugir de usar chapéu ou de se expor ao ar;
— Resguardar os tostões salvos do lupanar,
Ao fim de muito andar de cueca em cueca;
— Ir ao trinco e corrê-lo, à hora da soneca;
— Antes de em corda bamba exercitar-se, à mão
Um pênd'lo sempre ter;))), cem cães ajuda dão
(((Ajuda! ó precisão sublime, universal!
Sem ela quantos não lobrigariam o sal
Que uma palavra, ou uma anedota, desvenda!
Para que do papagaio a língua se desprenda
Não precisamos nós de lhe cortar o freio?
O imperador, tirando a mão morna do seio,
Para o génio estimular sorvia uma pitada;
O supersticioso, ante a face quebrada
Do seu espelho incita, aflito, a esconjurar
A sorte, dois dos seus dedos que, sem tardar,
Em riste imitam um par de cornos manifesto;
O argumento — não basta o poder do gesto —
Aclara, dum *ballet*, o tão ingénuo enredo;
Dum canivete mostra uma unha o segredo,

Sous un alinéa creuser un trait fragile;
Le jus du raisin pris, exploratrice agile,
La langue, de partout, chasse pépins et peaux;)))
A cent bergers de qui dépendent cent troupeaux;
Soit qu'on ouvre un hôtel dans l'air sain d'une cime
Chère aux débilités du monde richissime;
Soit que par stocks on vende à l'agioteur snob
(((Le rôle du snobisme ((((au vrai qu'était Jacob?[1]
Un franc snob que gonfla l'achat d'un droit d'aînesse
Qu'Esaü pleura, snob lui-même, en digérant;))))
Fut, est et jusqu'au bout sera prépondérant;)))
Des tableaux dont il faut lui seriner l'école;
Soit qu'on fonde un journal, soit qu'on lance une colle
Apte — dit l'étiquette — à forcer au besoin
(((*Lire* souvent égale *être leurré*, témoin :
— Les chèques faux, payés sans délais ni manières;
— Ce que sert ((((sans avoir poussé plus loin qu'Asnières))))

1. Même est-on sûr que Dieu, quand il fit le snobisme
(Si l'animal ne sait pas plus percer un isthme
Que peser le soleil, asservir la vapeur,
Faire d'un ciel son but et ressentir la peur
D'un séjour encombré de flammes éternelles
Ou, s'il parle, sortir des phrases personnelles,
Entre un quidam et lui, pourtant, que de rapports!
Ne retrouvons-nous pas nos instincts chez les porcs?
Chez les chiens sauveteurs qui foncent à la nage?),
Décréta que de l'homme il serait l'apanage?
Gageons que le mulet (monture de combat
Le cheval plus que l'âne est noble; au lieu dubât,
C'est la mitraille, lui, qui, par devant, le blesse;
Et tout dans son aspect signale sa noblesse,
Alors qu'ont est moins sûr, dans le tas des humains,
De reconnaître au port, à la blancheur des mains,
L'individu qu'écrase un nom à particule
Que : — l'instable ataxique à son pas ridicule
Qui fait sur son chemin s'emporter les roquets;
— Le noyeur de soucis qui chez les mastroquets,
Coude léger, front lourd, à grands coups s'intoxique
A son souffle, à son pas ((comme notre ataxique)),

Apôr sob uma alínea um traço muito frágil;
Bebido o sumo d'uva, exploradora e ágil,
Pele e graínha expele a língua, logo pronta;)))
A cem pastores que cem rebanhos têm à conta;
Quer por se abrir um hotel em pleno ar são dum pico
Caro aos doentes ou débeis do mundo rico;
Quer por stocks vender, ao agiota snob,
(((O papel do snobismo ((((e quem era Jacob?[1]
Um que, snob, comprou direito a seu favor
Que, comendo, Esaú chorou, snob também;))))
Ontem, hoje e amanhã grande importância tem;)))
Quadros de que é preciso ir-lhe inculcando a escola;
Quer por fundar jornal, quer por lançar uma cola
Apta — diz a etiqueta — a forçar a contento
(((*Ler* é não raro igual a *ser levado*, exemplo:
— O cheque falso, sem prova ou prazo exigir;
— O que nos conta ((((sem além d'Asnières ir))))

1. Será certo que Deus, ao fazer o snobismo
(Embora o animal não saiba abrir um istmo,
Nem pesar o sol, nem controlar o vapor,
Do céu fazer seu fim e sentir o pavor
Duma estadia em plenas chamas eternais,
Ou, falando, emitir sentenças pessoais,
Entre ele e nós, porém, que relação não há!
Nossos instintos não vimos nos porcos já?
E nos cães que a salvar vidas a nado acorrem?)
Decretou que ele seria apanágio do homem?
Apostemos que o macho (usado na batalha,
Mais nobre do que o burro é o cavalo; metralha
O fere pela frente, a ele, e não o chicote;
E tudo no seu ser indica o nobre porte,
Enquanto que é incerto, entre os que humanos são,
Reconhecer pelo porte ou pela branca mão
O sujeito que ostenta um nome com partícula,
Tal como: — o de ataxia enfermo, pela ridícula
Forma de andar que irrita, ao passar, os mastins;
— O que a beber afoga a mágoa em botequins,
Franzido o cenho e a mão célere se intoxica,
Pelo bafo, pelo andar ((como o que atrás se indica)),

Sur les traits que les noirs trempent dans du poison,
L'anneau qui de leur nez traverse la cloison
Ou leurs déserts sans fin, si vides qu'à la lettre
On n'en tirerait pas un caillou bon à mettre
Contre les dents du fond d'un futur orateur,
Dans ses *Impressions* le faux explorateur,
Qui ((((faisant alterner l'aimable et le sévère
Comme il est ordonné dans un vers qu'on révère)))),
Lorsqu'il place un hors-d'œuvre hydrologique ardu
Sur tel grand fleuve auprès duquel un drap tordu
Semblerait n'engendrer qu'une larme par terre
Et l'Europe n'avoir pour principale artère
((((Bien qu'il s'agisse là du Danube)))) qu'un ru,
Fait suivre, sans souffler, d'un renseignement cru
Sur les rapports qu'entre eux ont l'amour et le lucre
Dans les lieux riverains civilisés ((((le sucre

A la clarté de son horizontal jet fort;
— Un génie immense à surnaturel apport
A l'historique affront qu'à son aube il essuie
Avant de faire école et de passer messie;
— A son sang lorsqu'il crache, à ses mollets de coq
L'homme aux prises avec le bacille de Koch;
— A sa bouche lippue où trempe un nez d'élite
Flanqué d'yeux au bord rouge un pur israélite;
— Au pli de son masque un penseur; — au remuement
Par quoi le contredit son nez l'homme qui ment;
— A leur sinistre anneau les victimes du maire;)
Souffre de ce qu'on ait mésallié : — sa mère
(En qui son double aspect, même s'il la surprend
((Quand, sous un soleil fier des points qu'au nôtre il rend,
En ces pays à sieste où l'on ignore l'âtre,
La femme a, blanche ou noire, un rejeton mulâtre,
Est-elle, s'il s'endort, moins prompte à parler bas,
Moins tremblante, plus tard, en surveillant ses pas,
Quand, rieur, il commence à trouver l'équilibre?)),
Ne paralyse pas cette sublime fibre
Qu'excita Salomon lors de son jugement)
S'il eut pour premier gîte un ventre de jument;
— Son père l'étalon si sa mère est ânesse.

Sobre as feições que o negro a veneno retraça,
O cepto do nariz que um anel lhe trespassa
Ou os desertos sem fim, tão áridos que à letra
Neles nem um calhau haverá que se meta
Contra os dentes do fundo a futuro orador,
Nas suas *Impressões* o falso explorador
Que ((((o gentil e o severo alternando se esmere,
Como cabe a qualquer verso que se venere)))),
Ao dar-nos o hidrológico, árduo aperitivo
Dum rio ao pé do qual um lençol retorcido
Mais parece verter uma lágrima etérea
E a Europa mais não ter, por principal artéria,
Que um riacho ((((e, aqui, está o Danúbio em questão!))))
Acompanha, sem mais, de crua informação
Sobre a relação qu'entre amor e lucro existe
Nas margens civilizadas ((((pois não resiste

Pela limpidez do seu esguicho horizontal;
— Um génio imenso, com dom sobrenatural,
Pela histórica afronta, a que de início espia
Antes de fazer escola e vir a ser messias;
— Pelo sangue, quando escarra, e a perna, que é uma linha,
O homem que de Kock o bacilo definha;
— Pela boca carnuda onde um nariz catita
Pica, e o olho orlado a rubro, o israelita;
— Pelas rugas da fronte, um pensador; — pelo nariz
Que, ao dar-lhe comichão, ao que mente desdiz;
— Quem o *maire* vitimou, pelo esquerdo anel que tem;)
Sofre por mal cruzado haverem: — sua mãe
(A qual, surpresa embora ante o seu duplo ar,
((Se, sob um sol feliz por raios mil nos dar,
Em terra onde não tem lareira cabimento,
Branca ou negra a mulher tem mulato rebento,
Não falará mais baixo, acaso ele adormeça,
E o começar a andar não fará que estremeça,
Quando, risonho, ele já se tem e equilibra?)),
Mantem sempre bem viva essa sublime fibra
Que Salomão no seu julgamento excitou)
Se um ventre d'égua foi aquele que o gerou;
— Seu pai o garanhão, se burra sua mãe for.

Ote le goût laissé par un remède amer;))))
Le bouquet, à savoir qu'à ses bouches la mer
Est sur un champ immense exempte de salure;
— Quand passe un faux aveugle à convaincante allure,
L'écriteau bref qui s'offre à l'œil apitoyé;
— L'impur certificat du docteur soudoyé;
— Le cadran du compas quand l'aiguille s'affole
Et l'étiquette, enfin, que porte une fiole...
Que de tristes produits, en effet, exaltés
Par l'inventeur ((((qui, dur, traite de saletés[1]
Les composés rivaux d'espèce similaire)))),
Bien que, passés ou frais, ils agissent non plus
Que : — sur la masse un nom de chantre aux vers peu lus;
— L'haleine du soufflet quand tout est mort dans l'âtre;
— Sur un membre de bois le plus actif emplâtre;
— Sur le regard, quand l'œil est artificiel,
Un doigt de belladone;))) à menacer le ciel
(((Menace vaine, on sait que l'astre le plus proche
Loge encore trop haut pour que rien le décroche;)))
La moustache rebelle à quoi nul coup de fer

1. Une chose, en son genre, est rarement unique
Comme, en le leur, jadis, le furent : — la tunique
Qu'eut, Déjanire aidant, Hercule après Nessus;
— Chez les simples humains l'insigne processus
(Qui d'autre eut jamais l'heur de se sentir en vie
Après avoir, rigide, aux corbeaux fait envie?)
Du mal dont maints témoins virent Lazare atteint;
— L'effet qu'eut du poisson sur un regard éteint
Quand, Raphaël présent, fut opéré Tobie;
— L'effort que la nature, oubliant sa phobie,
Fit en laissant (jamais l'Écriture ne ment)
Un vide étroit couper en deux spontanément
La mer qui d'Israël rompait l'essor; — la halte
Qu'un soir, au seuil de l'heure où sa splendeur exalte
Ceux qui par le génie ont le front bossué,
Le fougueux soleil fit pour servir Josué;
L'or qu'eut certain bélier pour système pilaire.

Ao açúcar remédio amargo de tragar;))))
O remate final: que em sua foz o mar
Em larga extensão não possui salinidade;
— Falso cego ao passar a crível velocidade,
O letreiro que lê um olho apiedado;
— O atestado vil do médico comprado;
— Da búss'la o mostrador quando a agulha delira,
E a etiqueta, enfim, que num frasco se admira...
Que produtos ruins o inventor porfia
Em exaltar ((((tratando, áspero, de «porcaria»[1]
Os compostos rivais de espécie similar)))),
Se bem que, bons ou maus, ajam tal e qual como:
— Sobre as massas um vate e seu estro bisonho;
— O assopro dum fole sobre extinta lareira;
— O mais activo emplastro em membro de madeira;
— Quando artificial é o olho, já sem véu,
Água de beladona;))) a ameaçar o céu
(((Ameaça vã, já que o astro mais chegado
Está tão longe que lá continuará pregado;)))
O bigode rebelde, ao qual nem mesmo o ferro

1. Em seu género uma coisa é raramente única
Como, no deles, outrora, o foram: — a tal túnica
Que Dejanira obtem, para Hércules, de Nesso;
— O que entre os homens foi o insigne processo
(Que outro jamais gozou o bem de em vida estar
Após, rígido, a fome aos corvos despertar?)
Do mal que houve quem visse a Lázaro atacar;
— Dum peixe o efeito obtido em apagado olhar
Quando, ante Rafael, operado foi Tobias;
— O esforço que a natura, olvidando fobias,
Fez ao deixar (jamais a Escritura nos mente)
Estreito vazio cortar em dois espontaneamente
O mar que a Israel tolhia a fuga; — a pausa
Que ao entardecer, quando o seu esplendor é causa
De exaltação para quem o génio a fronte arqueia,
Fez o fogoso sol, que a Josué presenteia;
Num carneiro, oiro em vez do sistema pilar.

N'ôte la rage, hélas! de menacer l'enfer;
Soit qu'on prépare une eau — poison dont rien ne sauve
Le microbe sournois chargé de rendre chauve —
Capable d'affamer les vendeurs de cheveux;))
Avec le doigt et l'œil fait suivre à ses neveux
Sa stricte volonté, féconde ou saugrenue,
— Ses neveux trépignants, qui, dès qu'il éternue,
Joyeux, rêvent de crêpe et de flux lacrymal;),
De provoquer en soi la détente d'un mal.

De frisar impede, ai! de ameaçar o inferno;
Quer se prepare uma água — de onde não sai a salvo
O micróbio soez que o homem torna calvo —
Capaz de arruinar quem venda capachinhos;))
Com o dedo e o olhar faz cumprir aos sobrinhos
Sua estrita vontade, ou a bem ou com birra,
— Sobrinhos que, joviais, sonham, logo que ele espirra,
Já com os crepes do luto e o fluxo lacrimal;)
De provocar em si o alívio de um mal.

IV

Les Jardins de Rosette vus d'une dahabieh.

Environs du Caire.

Rasant le Nil, je vois fuir deux rives couvertes
De fleurs, d'ailes, d'éclairs, de riches plantes vertes
Dont une suffirait à vingt de nos salons
(Doux salons où sitôt qu'ont tourné deux talons
((En se divertissant soit de sa couardise
(((Force particuliers, quoi qu'on leur fasse ou dise,
Jugeant le talion d'un emploi peu prudent,
Rendent salut pour œil et sourire pour dent;)))
Si — fait aux quolibets transparents, à la honte —
(((Se fait-on pas à tout? deux jours après la tonte,
Le mouton aguerri ne ressent plus le frais;
S'il peut rire, chanter, siffler, faire des frais,
C'est que le perroquet se fait vite à la chaîne
Qui — lui qui sait vieillir comme vieillit un chêne
Quand nul n'est au persil des mets où son bec mord —

IV

Os Jardins de Roseta vistos duma dahabieh

Arredores do Cairo

Rasando o Nilo vejo as margens perpassar
Cheias de asas, flores, luz, verdes plantas sem par
De que uma só daria a uns vinte salões
(Desses onde inda mal rodaram dois tacões
((Divertindo-se quer co' a sua cobardia
(((Por mais que se lhe faça ou diga, há, hoje em dia,
Quem, crendo o talião de emprego algo imprudente,
Dê salvação por olho e sorriso por dente;)))
Se, afeito à vergonha, à piadinha fria —
(((Quem não se afaz a tudo? o carneiro à tosquia,
Pois dois dias após já não receia a fresca;
Se pode rir, cantar, dizer alguma, fresca,
O papagaio, é que da corrente se esquece,
A qual — e como o sobro assim ele envelhece
Se de salsa não for seu bico lambareiro —

Le rive à son perchoir et l'y rivera mort;
L'envieux ((((dont les nuits cessaient de couler calmes
Au vu d'un nom ami dans la liste des palmes
Et chez qui se perdaient le boire et le manger
Quand, non moins célébré qu'en France à l'étranger,
Un confrère — à l'en croire une franche savate —
Voyait se transformer sa rosette en cravate))))
Se fait au sentiment du montage d'autrui;
L'astronome ((((tel astre apparaît aujourd'hui
Comme un feu dont l'éclat aux clignements nous force
Qui, lorsque l'eau couvrait, de la terrestre écorce,
Tout, sauf les pics par l'homme encore non atteints,
S'était classé déjà dans les mondes éteints...
— Tout feu s'éteint, en nous comme dans la nature;
Sur les plis qu'on n'obtient que contre signature
D'un souffle l'envoyeur éteint chaque cachet;
L'âge éteint certains feux : jamais las, le cochet
Prend tout, poulette, poule à point, poule douairière...
Le coq mûr fait un choix; les poltrons, au derrière,
Ont un feu qui s'abstient de survivre au danger
(((((Feu cuisant, mais fictif; jamais, à vidanger,
Nul ne fut intrigué par sa cendre, et le lièvre
Ne le vit pas brusquer les grenouilles;)))))); la fièvre
Crée un feu qui s'éteint, soit quand le sujet meurt,
Soit quand, grandi parfois à menacer d'un heurt,
Lustres, vos cristaux bas et vos basses ampoules[1],

1. Tout progresse; au moment où, rendant pour les poules,
Ces sages couche-tôt, le premier somme urgent,
Le soleil plonge à l'ouest, même riche (l'argent
Fait avec lui, de front, marcher le privilège;
Le cancre chic est sûr d'éclipser au collège
((Aux dessus du prochain on reconnaît son rang
Comme : — sa provenance au son suspect ou franc
Qu'émet une monnaie en sautant sur un marbre;
— A sa striation l'âge d'un tronçon d'arbre;

O prende e prenderá já morto ao seu poleiro;
O invejoso ((((o qual não dorme as noites calmas
Se um nome amigo vir numa lista de palmas,
E perde de comer totalmente a vontade
Se, no estrangeiro como em França, um seu confrade
Célebre — contudo, ele afirma que é um pateta —
Via tornar-se faixa o que era antes roseta))))
Afaz-se à sensação de ver outrém subir;
O astrónomo (((((um astro hoje vemos surgir,
Fogo com tal fulgor que a vista não arrosta,
O qual, quando da terra água cobria a crosta
Toda, só os picos não, que o homem não subira,
Nos mundos já então extintos se incluira...
— Todo o fogo se apaga; em nós, na mãe natura;
Nas cartas que nos dão só contra assinatura,
O expedidor com um sopro apaga o selo a lacre;
Outros fogos a idade apaga: o galo alacre
Gala franga e galinha e choca, prazenteiro...
O galo velho escolhe; o poltrão, no traseiro
Um fogo tem que nunca o perigo por ele roça
(((((Fogo ardente mas fátuo; ao limpar uma fossa
Nunca alguém se intrigou co' a sua cinza, e a lebre
Não o viu chamuscar as rãs)))))); também a febre
Cria um fogo que só com a morte se apaga,
Ou, se cresce o doente, e por pouco não esbarra
Nos lustres, nos cristais e nas lampadazinhas[1]

1. Tudo progride: à hora em que, pondo as galinhas,
As sábias deita-cedo, a dormir no poleiro,
Mergulha a oeste o sol, mesmo rico (o dinheiro
Aumenta frontalmente, em si, o privilégio;
O cábula chique irá eclipsar no colégio
((Vê-se, pelo que alguém veste, a sua posição
Tal como: — donde vem, pelo som suspeito ou não
Que uma moeda emite ao saltar sobre o mármore;
Pelas estrias qual a idade de tal árvore;

— La fièvre nous fait croître, on le sait, même adultes —
Par degrés il se change en frais convalescent
Poussé par la fringale à manger comme cent
Et porteur d'une langue à nouveau bien rougie;
Le feu qui, patient, fait fondre une bougie
S'éteint : — tandis que choit le marteau lorsqu'on vend
Un immeuble à l'encan; — sous un assaut de vent,
Quand, aux flambeaux, l'on sort un roi d'une demeure,
Pompe que l'héritier, qui paierait pour qu'il meure[1],
Grille en secret de voir se déployer pour lui[2];

— A sa denture l'an où naquit un coursier;))
L'aigle dont, à l'envi, les coudes de boursier
D'un proche percement font luire la promesse;
Au suicidé riche on accorde une messe :
Il est dur de partir sans un *De profundis;*),
On portait l'allumette à la mèche jadis,
Geste qu'à fait vieillir l'éclairage électrique;
Le moteur, provoquant la baisse sur la trique,
A mis en discrédit le tirage animal,
— Et depuis les moineaux, pour vivre, ont plus de mal;
Que sont près des canons les gauches catapultes?

1. Que de choses se font attendre, hélas! depuis
Le plongeon du caillou qu'on lâche dans un puits,
Les hommages publics, — sommité disparue
Seule est en droit d'avoir sa statue et sa rue, —
La fin quand dans l'eau froide un bloc de sucre fond,
Pour l'homme sans sommeil ces blancheurs, au plafond,
Par quoi sont annoncées l'aurore et son spectacle,
Dans tout feuilleton sain la chute de l'obstacle
Qui du parfait bonheur sépare le héros,
L'épouseur quand le sac n'est pas réputé gros,
Le revers de costume à ruban écarlate
Jusqu'au tonnerre, alors que, sourd, le coup n'éclate
Qu'une minute après qu'un faible éclair a lui!

2. Nul n'est sans caresser un ambitieux rêve;
L'ouvrier croit se voir dictant, lors d'une grève
(Aujourd'hui l'on raisonne et chacun, l'œil au but
((Tous nous en avons un; tant que son occiput,
Mis nu dans l'intérêt du fer de la machine,
Tient pour plus d'un quart d'heure encore à son échine,
Songeant : « Perdre sa proie arrive — et c'est fréquent —

— Pois que a febre nos faz crescer, inda que adultos —
Aos poucos se transforma em bom convalescente,
Volta a comer por cem, numa fome inclemente,
E a sua língua fica encarnada outra vez;
O fogo que, paciente, a vela fundir fez,
Morre: — e cai entretanto o martelo na venda
De algum prédio em leilão; sob um golpe de vento,
Quando, à luz do archote, o rei sai da mansão,
Pompa que o seu herdeiro, o que o quer no caixão,[1]
Arde em ânsias de ver rodeá-lo a si, delfim[2];

Pela dentadura o ano em que o corcel nasceu;))
A águia, que é o bolseiro, e o pobre fato seu
Cotovelos no fio, a abrir buraco em breve;
O suicidado rico até missa obteve:
Sem um *De profundis* partir inda piora;),
Pegava fogo o amorfo aos archotes outrora,
Gesto que envelheceu, devido à luz eléctrica;
O motor, abolindo a paulada inestética,
O descrédito trouxe à tracção animal,
— Mais lhe custa a viver, desde então, ao pardal —;
Que são, frente aos canhões, as pobres catapultas?

1. De quanta coisa já se está à espera, ai!
Desde o som do calhau que em fundo poço cai,
O público louvor — sumidade, só morta,
Com estátua e rua então o mundo a reconforta, —
O fim, para um torrão desfeito em água fria,
Para um homem sem sono o que no tecto via,
Uns alvores indicando a aurora e o seu espectáculo,
Num folhetim dos bons a queda do obstáculo
Que separa o herói da perfeita ventura,
O noivo quando o pé-de-meia pouco dura,
O avesso do fato enfaixado a escarlate
Até ao trovão, som que ao mesmo tempo parte
Mas só um minuto após o raio chega, enfim!

2. A sonhar de ambição toda a gente se atreve;
Crê o operário ir ditar, a quando de uma greve
(Comanda hoje a razão e cada um, com um fito,
((Todos nós temos um; basta o pescoço aflito,
Curvado a bem da máquina que o domina
Aguentar mais um quarto de hora sobre a espinha
Pensando: « A presa foge — e assaz frequentemente —

— Quand, brutal, au sortir d'un lointain pistolet
Qu'étreint un champion dont tous les coups font mouche,
Un projectile heureux rompt la mèche ou la mouche;
— Quand un liseur, au lit (((((dos hors de l'oreiller,
Front en main, tant il sent l'intérêt s'éveiller))))),
Dévore justement quelque poignant passage
Où, mère sans anneau (((((que l'univers croit sage
Tant son accouchement sut être clandestin)))))
Dont (((((prêt à joindre au sien son plantureux destin)))))
S'est épris pour la vie un banquier de la haute,
Une jeune employée, un an après la faute[1],

A qui la tient le mieux » (((au fait, l'inconséquent
S'enfuit du cabanon, le reclus de la geôle,
Le fromage du bec du corbeau qu'on enjôle;
— De se taire, parfois, riche est l'occasion;))),
L'assassin a lui-même un but : l'évasion;)),
Que son idéal soit : toucher un gros salaire,
Enfanter, voir son grain surabonder sur l'aire
Ou contraindre son pouls à choir, à s'assagir,
Sent que, pour triompher, mieux vaut penser, agir
Que faire — tâcheron, épousée inféconde,
Moissonneur ou malade — un vœu dans la seconde
Où l'étoile filante élonge sa lueur;),
Las de donner à boire au bourgeois sa sueur
(C'est pour Pierre, souvent, que Paul souffre et travaille;
Vespuce, de Colomb, exploita la trouvaille;
Et c'est pour emperler tel doigt ou tel plastron
Qu'une huître est tout labeur;), des lois à son patron;
La garce en son grenier pense à rouler carrosse;
Se voir pousser aux mains l'améthyste et la crosse
Est une fiction chère à tout prestolet.

1. Combien change de force un mot suivant les cas!
Éclair dit « feu du ciel escorté de fracas »
Ou « reflet qu'un canif fait jaillir de sa lame »;
Corbeille qui, trouvé dans un épithalame,
Offre aux yeux de l'esprit l'empire du joyau
Rend ailleurs « dépotoir à vieux papiers »; *noyau*
Ici sert pour « comète » et sert là pour « cerise »;
A *révolution* peut correspondre « crise
Où du prince obéi le peuple dit : Je veux »
Ou « court ébranlement d'un système nerveux »;

— Quando, ao sair, brutal, de longínqua pistola
Na mão dum campião que a acertar não é tosca,
Um projéctil feliz destrói a mecha ou a mosca;
— Quando um ledor, na cama ((((erguido da almofada,
Fronte na mão, tal é a tensão com que aguarda)))),
Justamente devora a passagem pungente
Em que, mãe sem anel (((((que há quem creia inocente,
De tal modo o seu foi um parto clandestino)))))
Da qual (((((prestes a unir ao dela o seu destino)))))
Se prendeu para sempre um banqueiro da alta,
Uma moça empregada, um ano após a falta,[1]

A quem bem a agarrou» (((assim o inconsequente
Do manicómio zarpa, e o preso da cadeia;
O queijo ao corvo cai se alguém o lisonjeia;
De estar calado há muita e bela ocasião;))),
— E o fito do assassino é um só: a evasão;),
Quer seja seu ideal ganhar bom ordenado,
Dar à luz, ver na eira o grão basto e bem grado
Ou constranger o pulso a tanto não subir,
Vê que, para triunfar, mais vale pensar, e agir,
Que fazer — tarefeiro, ou esposa não fecunda,
Ceifeiro ou só doente — um voto no segundo
Em que a estrela cadente alonga o seu fulgor;)
Farto de o burguês ver a beber-lhe o suor
(Foi por Pedro que Paulo alancou e penou;
Vespúcio irá explorar o que Colombo achou;
E é para um dedo perlar, ou um qualquer plastrão
Que a ostra é só labor;) umas leis ao patrão;
A pêga na mansarda à grande quer viver;
O báculo e a ametista entre os seus dedos ver
É uma ficção que a todo o padreca consola.

1.* Conforme o caso, assim ganha a palavra cor!
Raio é «fogo do céu escoltado por estridor»
Ou «reflexo que expele dum canivete a lâmina»;
Se *carbúnculo* inscrito está num epitalâmio,
Do império da jóia oferece a antevisão,
Noutro sítio é «antraz»; para melhor visão
Serve, em óculo, a *lente*, em aula é professor;
Pode *revolução* ser do povo um clamor:
«Eu quero», assim diz ele ao príncipe medroso,
Ou «leve comoção dum sistema nervoso»;

* Aqui a tradução, pra não trair, adapta
Uma nova palavra, em português mais apta
A dar exemplo igual *(Nota do tradutor)*.

Apprête son enfant pour un furtif baptême
Qui n'alourdira pas, hélas! un seul drageoir,
Si, pour rire, quelqu'un planta dans le bougeoir
Une bougie-attrape invisiblement faite
Pour ne pouvoir brûler plus avant que son faîte[1];
— Lorsque part dans son sens un brusque éternuement

De « fauteuil » saute à « mer » *bras*; de « tome » à « roi » *suite;*
De « façon dont croupit l'homme » à « tuyau » *conduite;*
De « grinçant cube en craie » à « civilisé » *blanc;*
D' « écueil traître où la mort plane » à « siège ingrat » *banc;*
« Manger louche » ou « support chic » de *champignon* use;
« Ce dont s'arme un gêneur à marteau qu'on excuse »
Ou « numéro suant le prestige » est dans *clou;*
« Ce qui, le décrassage aidant, rend le bain flou »
Dans *savon* ou « ce qu'un chauffé sous-ordre écoute »;
« Affliction qu'hostile au somme un péché coûte »
Ou « mèche à chatouiller le cou » dans *repentir;*
« Trait par quoi dès l'enfance on s'exerce à mentir »
Dans *bâton* ou « suprême attribut militaire »;
« Emplumé rôtisseur d'humains propriétaire
D'un arc » dans *naturel* ou « simple heureux défaut
D'apprêt »; dans *paradis* « puant cintre » ou « Là-Haut,
Bien habité séjour fleuri rendant les justes
Choristes »; « timbale à tralala pour robustes
Gasters » ou « pleur de plume incongru » dans *pâté;*
« Scientifique choix d'aliments à gâté
Plaisir » dans *régime* ou « façon dont on se laisse
Par la clique au pouvoir tondre et mener en laisse »;
« Cri par quoi, l'un soufflant l'autre, un *alter ego*
Vous raille » ou « paragraphe influent » dans *écho;*
Faute enfin peint l'écart qui fait qu'est *avec tache*
Celle qu'on ne *voit* plus ou l'impair qu'un potache
A tel endroit précis commit dans son devoir;
Or, décidera-t-on, lui, de ne plus le voir
Parce qu'un barbarisme est éclos dans son thème?

1. Tour que valent ceux-ci, quant à l'attrait du neuf :
Faire indûment couver par une poule un œuf
Dont l'auteur avéré n'est autre qu'une cane,
Pour voir trembler la poule (autour de qui cancane,
Cherchant à quel canard elle fit trop la cour,
Bas, le bec demi-clos, toute la basse-cour)
Dès que le caneton s'humecte la cheville;
Cultiver la terreur chez une vieille fille
(Une au cœur faible en qui le goût du célibat

Apronta o filho seu para furtivo baptismo
Que não terá um só pacote de confeitos,
Se alguém no castiçal, para rir com os efeitos,
Pôs uma vela falsa em que, sem parecer,
Do pavio só a ponta é que dará para arder[1];
Quando sobre ele se abate um espirro repentino

Braço vai de «poltrona» a «mar»; de «dente» *coroa*
A «rei»; maldosa cobra e «sem maldade», é *boa;*
Entre «civilizada« e «cã» se move *branca;*
De «mesa tosca» até «jogo de azar» vai *banca;*
De «nota musical» a «pena de alguém», *dó;*
Prego, «aquilo que exige o martelo» e não só,
Também casa onde alguém entra e sai com cautela;
«O que um bom banho implica», uma *ensaboadela,*
E «o que um subalterno acalorado escuta»;
«A que, com o pinguim, da neve mais desfruta»
E «o que muito se agarra ao dinheiro», em *foca;*
«A fina-flor a quem a miséria não toca»,
Em *nata,* ou «gordura ao de cima do leite»;
«Quem tem por seu amigo e fonte de deleite
O vinhinho» em *borracho* ou «a gostosa cria
Da pomba»; em *pano* «a pele que em largas manchas cria
A cara da puérpera» ou «tela que se move
Tapando um palco»; em *fé* o que, dizem, «remove
Montanhas» ou, se for dada, «aperceber»;
«De alimentos científica escolha e prazer
Quase nulo» em *regime* e outrossim «a maneira
De a clique no poder nos ter pela coleira»;
Grito em que, um assoprando o outro, um *alter-ego*
Nos goza» ou «essencial parágrafo» em *eco;*
Falta, em certa acepção, como *mancha,* será
A que já não se *vê,* ou o erro que dá,
Esse visível, sim, o aluno em seu dever;
Ora haverá quem queira, a ele, não mais o ver
Só porque está no tema à mostra um barbarismo?

1. Partida equivalente a estas, pelo seu novo:
Fazer chocar por mal a uma galinha um ovo
Cuja provada autora é afinal a pata,
Só pra ver estremecer a galinha (esgravata
Em volta o galinheiro, admirado com isso
De ela ter — com que pato? — andado no derriço)
Mal o patinho molha a pata na água fria;
Cultivar o terror na que ficou para tia
(Um fraco coração que adopta o celibato

Suivi de vœux faits haut pour voir par Dieu bénie
La personne au nez pris; le saint feu du génie
(((((Qui rend l'élu touché par lui si vaniteux
Qu'il trouve au firmament les vrais astres piteux
Auprès de l'astre neuf qui sur son front rayonne
Et songe à devenir le maître que crayonne
Quiconque a pour métier l'art caricatural,
— Art né, dit-on, un soir, du fou profil mural
Qu'offrait à des rieurs l'ombre d'une personne,
A la porte duquel maint journaliste sonne,
Qui sur vingt grands cordons existants en tient un,
Lui qui souvent, alors qu'il se couche, est à jeun
Non moins que le fidèle en qui descend l'hostie[1])))))
S'éteint quand l'âge rend son détenteur gaga

Fut formé par la peur du mari saoul qui bat
Ou l'exemple fameux du veuf à barbe bleue)
En affublant son chat d'un brandon à la queue
Propre à le faire fuir vers elle éperdument.

1. Si le mérite humain exclut la modestie
Autant que le lundi l'ardeur des travailleurs
(On se fait aux loisirs; l'âme et le cœur ailleurs,
Sombre est le lycéen quand il rentre en octobre;),
Que, chez le criminel, la démence l'opprobre,
Qu'un hiver peu neigeux la cherté du gros sel,
L'orgueil, pourtant, n'est pas un vice universel;
Le paon mis en dehors, il respecte les bêtes :
L'hirondelle, malgré son flair pour les tempêtes;
Le bélier, bien qu'il soit l'emblème d'un crachat
(Tout le monde a nommé la Toison d'Or); le chat,
Bien qu'il se reconnaisse à minuit sans chandelle,
Bien qu'il sache prédire — ainsi que l'hirondelle,
Mais sans tant de justesse et de publicité —
Par ce qu'émet son poil comme électricité
La colère d'un ciel qui feint la gentillesse,
Bien qu'à la vierge il fasse une douce vieillesse
Et puisse marcher en silence sans tapis;
Le loup, bien qu'une louve ait eu d'illustres pis;
Le bouc, bien qu'aux humains sa peau fournisse l'outre;
Malgré les prix courants de la sienne, la loutre;
Bien que son nom désigne un tissu, l'alpaga.

E a Deus se implora a benção, «santinho» se lhe chama
Por que então fez «atchim»; do génio a sacra chama
(((((Que ao tocar o eleito o faz tão peneirento
Que ele lastimáveis acha astros do firmamento
Ao pé do astro novo, o que em sua fronte luz,
E sonha ser aquele mestre que reproduz
Quem a caricatura adoptou como arte
— Nascida dum perfil mural, um disparate
De sombra, com que alguém fez rir os mais trocistas —
Esse à porta do qual batem os jornalistas,
Que dos vários cordéis que existem possui um,
Ele que ao deitar está não raro inda em jejum
Não menos que o fiel pelo qual a hóstia desce [1])))))
Extingue-se mal a idade o homem faz gagá

Por medo do marido avinhado que bate
Ou do cél'bre viúvo, o Barba-Azul horrendo)
Ao rabo do seu gato um archote prendendo
Para o fazer correr atrás dele sem tino.

1. Se o valor humanal modéstia desconhece,
Como a segunda o ardor dos que trabalhar vão
(Afaz-se a gente ao ócio: ainda preso ao Verão,
Alheio à aula está o aluno, descobre-o;)
Como, do criminoso a demência, o opróbrio,
E um inverno sem neve a careza do sal,
Não é porém o orgulho um vício universal;
À excepção do pavão, respeita os animais:
A andorinha, conquanto ausculte os temporais;
O carneiro, apesar de ser de insígnia ornato
(Toda a gente conhece o Tosão de Oiro); o gato,
Embora à meia-noite ande, sem luz, sozinho,
Embora predizer saiba como o andorinho,
Mas sem tanta justeza e sem publicidade
Pois o seu pêlo emite alta electricidade,
A cólera dum céu, mesmo que ameno o visse,
Embora a virgem dê uma doce velhice
E em silêncio andar possa em loucas correrias;
O lobo, embora loba haja de ilustres crias;
O bode, embora a pele de odre sirva ao homem;
A lontra, embora a sua esteja aos preços que correm;
A alpaca que o seu nome em tecido tem já.

(((((Feu qui, si grand que soit tel nom, tel pseudonyme,
Chez nul n'est reconnu de façon unanime;
— L'homme n'a pas ainsi qu'un pantin au bazar
Son prix collé sur lui;)))); sur son mur Balthazar
Vit, en traits défiant le grattoir et la gomme,
Trois mots de feu briller... puis s'éteindre; chez l'homme,
Le feu de l'œil s'éteint à l'âge où dent par dent
Et cheveu par cheveu, sans choc, sans accident,
Par l'action du temps, sa tête se déleste;))))
Se fait aux profondeurs du grand vide céleste
Où la lumière court sans jamais le franchir;
L'aphone à son ardoise, ennuyeuse à blanchir;)))
Il ne sait aux gifleurs que tendre l'autre joue,
Soit de ses fins talents s'il triche lorsqu'il joue;))
Sur celui qui s'éloigne on fait courir maints bruits;),
D'opaque frondaison, de rayons et de fruits.

(((((Fogo que, por maior que um nome, ou um pseudónimo,
Seja, não há-de obter jamais total encómio;
— Não tem o homem, tal um palhaço em bazar,
Afixado o que vale;)))) no muro Baltazar
Viu em traços que não apaga o raspador
Três palavras brilhar... e extinguir-se; o fulgor
De humano olhar se extingue, e um a um, dos dentes
E aos poucos do cabelo, isenta de acidentes
A cabeça, pela acção do tempo se desfaz;))))
Ao vácuo mais profundo, o celeste, se afaz,
Lá onde corre a luz sem nunca o franquear;
O mudo à sua ardósia, hostil a branquear;)))
Só sabe, a quem lhe bate, a outra face dar,
Quer dos talentos seus, se faz batota ao dar;))
Sobre o que se afastou o boato se adensa;),
De sulcos e de fruta e de folhagem densa.

APENSOS

Biobibliografia de Raymond Roussel

Profusamente ilustrada
e anotada por
Manuel João Gomes

Raymond Roussel nasceu em Paris em 1877. O pai tinha uma grande fortuna obtida nas funções de agente de câmbio e da Bolsa ([1]). Financiando ele próprio a

---

([1]) A figura da mãe marca toda a vida do escritor. Sempre ao lado do seu poeta que ninguém compreende, é ela a verdadeira cabeça-de-casal, a principal inspiradora, o único amor da eterna criança que Raymond foi. É até o seu modelo. Uma das manias de Marguerite Roussel era andar sempre, quando viajava, com o caixão atrás. «Imperiosa, bela, autoritária e majestosa», a mãe de Raymond (que gostava de mascarar o menino de menina) passeia o filho pelo mundo, dá com ele volta a todas as estâncias balneares da moda. Como nos filmes.

Roger Vitrac conta sobre ela esta anedota: «*Madame Roussel resolveu visitar a Índia num iate. Embarcou, a viagem foi agradável e, assim que o navio tocou no porto, pediu um telescópio. 'Isto é que é a Índia?' — exlamou. — Vamos voltar para a França, comandante!*»

Raymond Roussel tinha a quem sair na excentricidade.

Em Carlsbad, Madame Roussel reserva para si e para o filho toda uma ala do hotel. Para onde quer que vá, leva médico, cozinheiro e as respectivas famílias. Raymond Roussel organiza festas e jogos com os filhos do médico.

Em Biarritz construíram uma vivenda onde têm por vizinhos Afonso III, a rainha da Sérvia, o rei Eduardo VII. Devem ter-se cruzado algumas vezes com o famoso poeta americano e sua mãe,

edição dos seus escritos ([2]), Roussel começou por publicar poemas: *La Doublure* (1897) e *La Vue* (1904). Vieram depois os romances *Impressions d'Afrique* (1910) e *Locus*

---

o par Sebastien Venable e Violet Venable, duas criaturas sempre jovens, que passeiam de braço dado por todas as praias do mundo.

Aix-les-Bains, Luchon, Sain-Moritz são locais familiares para Roussel, locais que a partir de certa altura olha como tabus e onde se recusa a ir, para não estragar as boas recordações que deles guarda.

([2]) A mãe de Raymond Roussel era amiga pessoal de Paul Bourget. É por intermédio de Bourget que, aos vinte anos, Roussel publica *La Doublure* na editorial Lemerre, onde são editados todos os consagrados da época, entre eles Verlaine e François Copée, por quem Roussel tem uma grande admiração. Estão na moda o parnasianismo e o simbolismo. Na forma como no conteúdo, *La Doublure* é um poema-romance parnasiano.

Entre as suas relações, o jovem autor conta nomes como o de Marcel Proust que, em carta pessoal, faz sobre o livro este juízo: «*Como o Menino-Herói da fábula, você carrega, sem fraquejar, o peso de uma prodigiosa ferramenta poética. Possui, o que é raro, hoje em dia, tamanho fôlego que consegue escrever cem versos como quem escreve dez linhas.*»

Ironia? Roussel não deve tê-lo entendido assim.

Outro poeta por quem Roussel tem a maior admiração é o simbolista Robert de Montesquiou, personagem que inspira a Proust a figura de *Charlus* e a Jean Lorrain a de *Monsieur de Phocas*. Chama à arte versificatória de Roussel «arte de infusório mas infusório de génio» e faz do jovem poeta uma das personagens do seu romance *La Trépidation*.

André Gide leu as *Impressions d'Afrique* e, por carta, manifesta o seu deslumbramento, deslumbramento que afirma ter comunicado «ao grupo de jovens poetas da Rue de l' Odéon», ou seja

Solus (1914). Adaptou depois estes dois romances ao teatro e financiou a produção dos espectáculos ([3]). Escre-

---

aos surrealistas Breton, Aragon, Vitrac, Desnos, Michel Leiris, por sinal filho do guarda-livros de Roussel.

É nestes jovens que Roussel vai ter os seus primeiros admiradores incondicionais. Ele, porém, chama-lhes iconoclastas e deseja pouco a sua admiração. Tal não impede que, por recomendação de Leiris, vá a exposições de pintura surrealista e chegue a adquirir obras de Masson, Miró e Max Ernst. Mas, chegada a hora de procurar ilustrador para as *Novas Impressões de África*, convida o pintor académico Zo, a quem exige exactidão e precisão no traço.

Buscou sempre a consagração académica e nunca se convenceu de que fazia literatura de vanguarda, de que era um precursor do surrealismo e que, só por essa via, décadas depois, obteria a consagração. Não como académico mas como inovador.

Cocteau: «*Academismo, Legião de Honra, todas essas honrarias o fascinavam, porque a sua alma pura as considerava grandes e lhes concedia privilégios que elas deveriam ter na origem e que afinal nunca deviam ter perdido.*»

Tinha uma grande admiração por Copée, corifeu do parnasianismo; prestava um verdadeiro culto ao exótico orientalista Pierre Loti; mas o seu ídolo de sempre foi Jules Verne, que nunca se cansava de ler e que considerava um dos pontos mais altos do Verbo humano. Chamava-lhe «génio incomensurável» e guardava no coração a felicidade de o ter visitado em Amiens, quando estava na tropa. Glorifica-o nestes termos: «Ó mestre incomparável, bendito sejais pelas horas sublimes que passei a ler-vos e a reler-vos durante toda a minha vida.»

Numa entrevista a Philippe Soupault, publicada na *Littérature* de 1922, confessa mesmo: «Jules Verne é maior que Victor Hugo.»

([3]) Raymond Roussel é louco por teatro. O gosto pelas imitações das vedetas do teatro é revelador da paixão de Roussel pela

veu ainda as peças para teatro *L'Étoile au Front* (1925) e *La Poussière des Soleils* (1927). *Novas Impressões de África,* o seu último texto publicado em vida, aparecido em 1932, foi em boa parte escrito no decorrer de longas viagens pela Índia, Austrália, China, Japão e Taiti, viagens que geralmente fazia fechado no iate, sem prati-

---

arte do fingimento. Adorava sobretudo os dramas, os melodramas e as peças históricas. Não gostava de peças psicológicas. Via um espectáculo de teatro dez ou quinze vezes seguidas. Tinha o costume de observar todos os pormenores da encenação e tomava nota das diferenças entre duas ou mais representações da mesma peça. Às vezes via a *matinée* e, logo a seguir, a *soirée,* não saindo sequer do camarote.

Pagou do seu bolso as adaptações teatrais de *Impressions d'Afrique* e *Locus Solus.* O público reagiu mal, a crítica não reagiu melhor. Mas havia sempre na sala um grupo ruidoso de amigos (se bem que Roussel não tivesse amigos): faziam parte do grupo Apollinaire, Picabia, Marcel Duchamp. Este último escreverá mais tarde que o primeiro espectáculo foi determinante na sua evolução estética. Era tudo tão insólito e singular que lhe inspirou novas maneiras de olhar a arte. *La Mariée mise à nu par ses célibataires même* terá sido o resultado directo dessa experiência.

A adaptação teatral de *Locus Solus* foi outro fiasco, mas chamou a atenção das pessoas para o romance. Edouard Dujardin escreve nesse altura que Roussel tem o espírito de um Edgar Poe, de um Villiers de l'Isle-Adam.

Pormenor com interesse nesta adaptação é o facto de o protagonista, Martial Canterel, a certa altura, aconselhar o público a ler o romance com o mesmo título, «da autoria do meu pseudónimo Raymond Roussel».

Marguerite Roussel, mãe de Raymond.

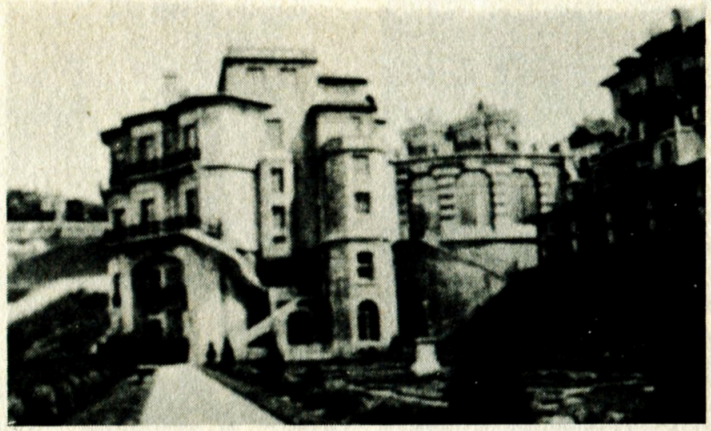
R. R. criança.

R. R. vestido de menina. As suas fotografias mostram-no com frequência travestido.

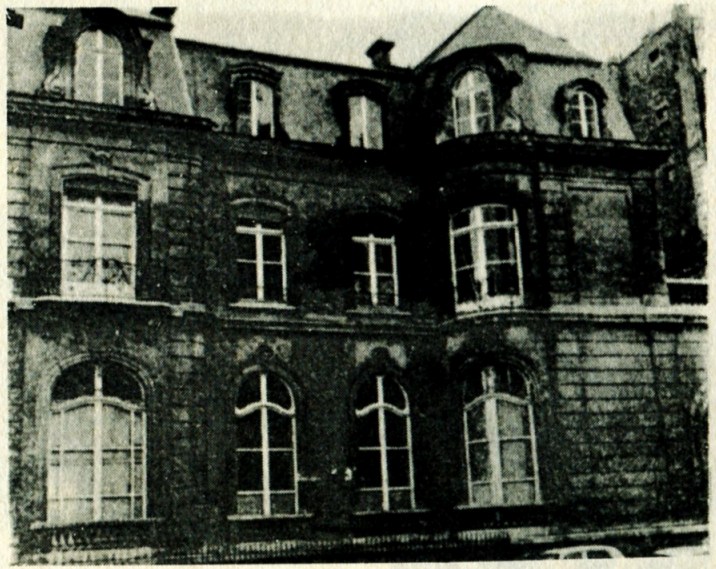
R. R. aos 17 anos, mascarado de marquês Luís XV.

R. R. em uniforme de fantasia; sentada, a mãe.

R. R. vestido de marquês (de comédia); à sua direita Germaine, Georges e Eugène Roussel, seu pai.

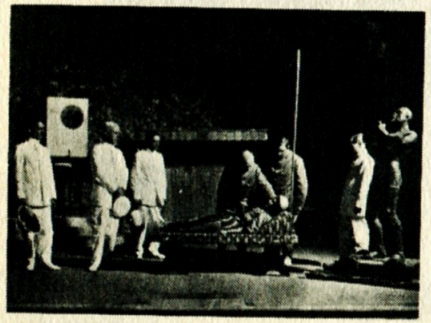


O palacete dos Roussel em Biarritz, antes de 1914.



O palacete privado da Senhora Roussel, n.º 50 da Rua de Chaillot, Paris.

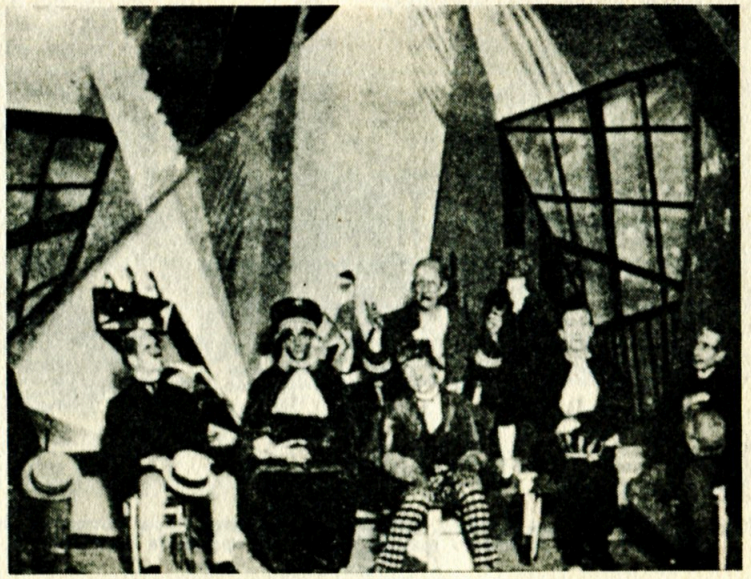
Impressões de África. A minhoca tocadora de cítara.

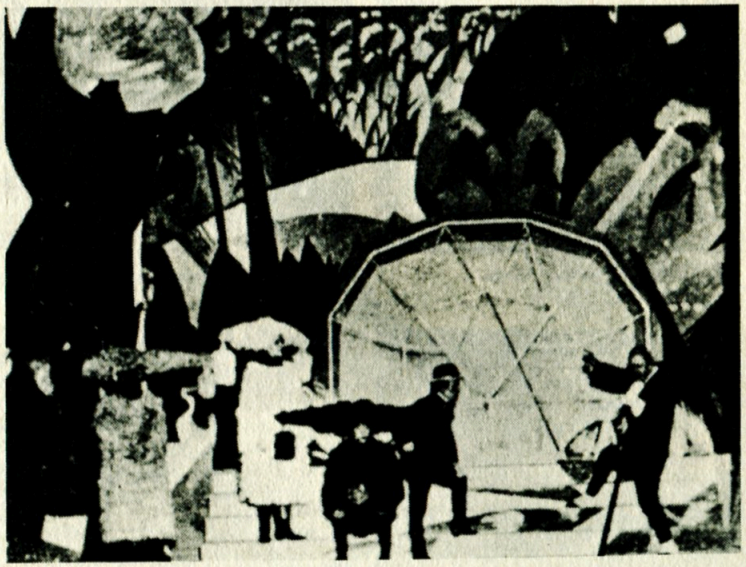


Djizmé voluntariamente electrocutado por um raio.

Os náufragos do Lyncée e o rei Talu.

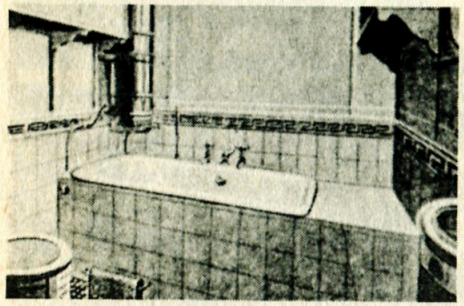
O combate de Talu e de Iaur.



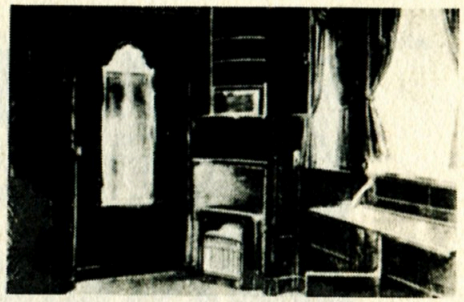


Locus Solus no Teatro Antoine, em 1922.

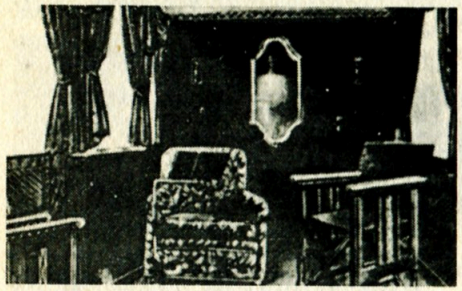
R. R., em 1925, manda fabricar, com planos seus, uma rulote automóvel de 9 metros de comprimento, que inclui diversos aposentos luxuosos.



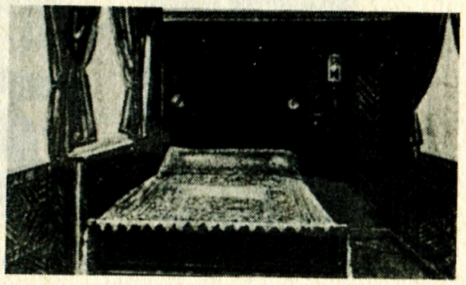
Casa de banho da rulote.



Salão com estúdio de leitura.



Outro pormenor do salão, com cadeirão oriental.

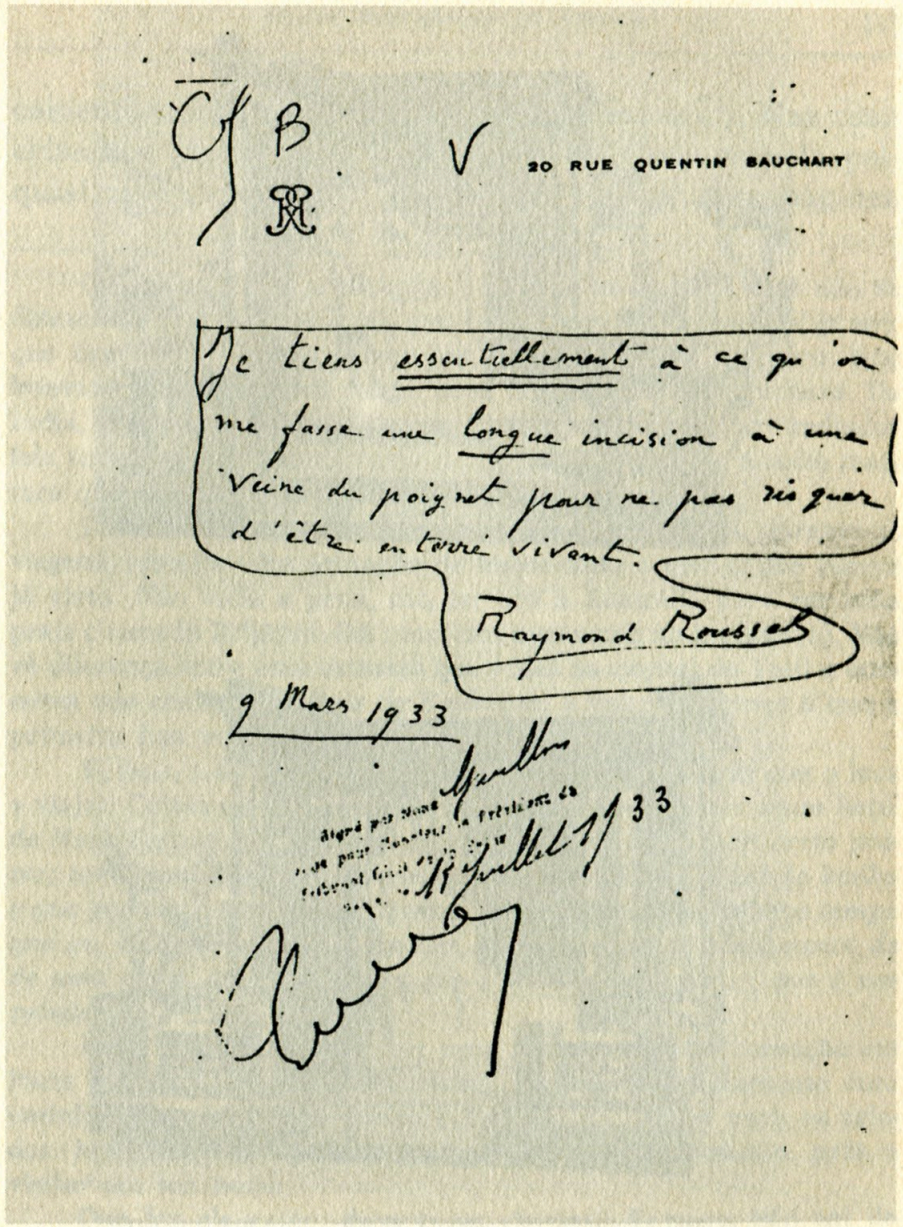


O salão transformado em quarto de dormir.

R. R. em Carlsbad, 1910.

R. R. fotografado com a sua amante titular, Charlotte Dufrène.

Palermo, Grande Hotel das Palmeiras, onde R. R. e Charlotte se instalaram.



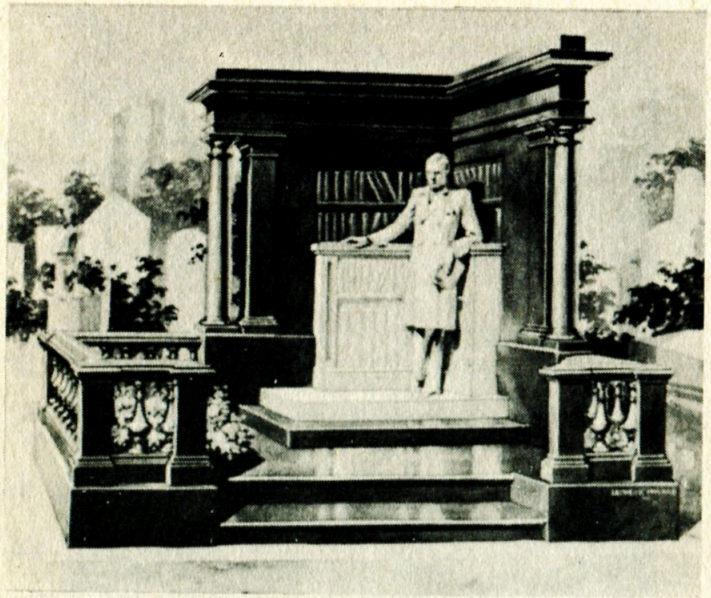
20 RUE QUENTIN BAUCHART

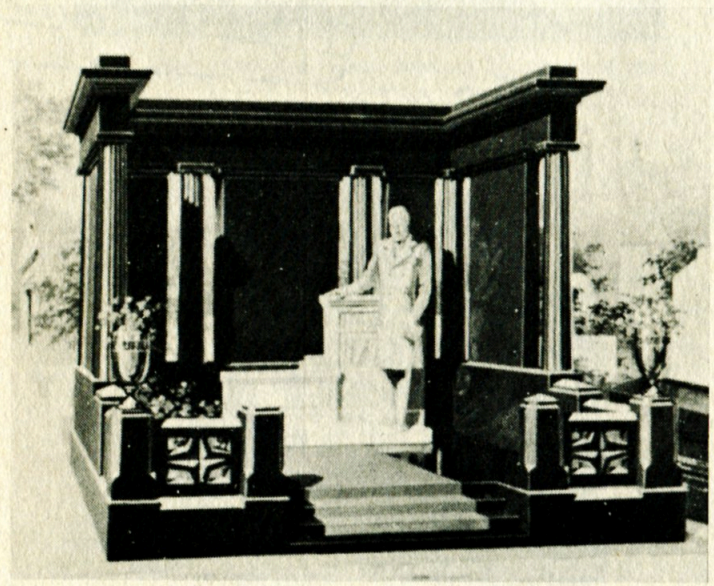
Je tiens essentiellement à ce qu'on me fasse une longue incision à une veine du poignet pour ne pas risquer d'être enterré vivant.

Raymond Roussel

9 Mars 1933

A 9 de Março de 1933, antes de partir definitivamente para a Sicília com Charlotte Dufrène, R. R. confia ao seu notário as últimas vontades; o sobrescrito será aberto quatro dias após a sua morte.





R. R. está enterrado no cemitério de Père Lachaise, em Paris. Encomendara a um estabelecimento funerário um monumento com a sua estátua em tamanho natural, projecto esse que não pôde ser realizado.

camente visitar os países por onde passava ([4]). Nas suas crises de psicastenia, era tratado pelo pioneiro da psiquiatria Pierre Janet que lhe dedica algumas páginas

([4]) Roussel deu praticamente a volta ao mundo, mas não se deteve a contemplar os locais por onde passava. O principal prazer que tirava das viagens parece ter sido o de gastar dinheiro. Não levava malas. Comprava roupa nova nos sítios a que aportava. Da Índia, mandou à amante titular, Charlotte Dufrène, um radiador (ela tinha-lhe pedido uma coisa *rara* e foi um radiador a coisa mais rara que ele descobriu na Índia).

Da rara correspondência que troca com a família, durante as viagens, ressalta uma sensação de tédio: tudo o que vê lhe parece já visto. Não valia a pena, diz, ter ido à Austrália para ver uma praia chamada Brighton (há uma com esse nome na Inglaterra). Não vê diferença entre uma catarata que visita na capital do Taiti e uma outra que conhece no Bois de Boulogne; a única diferença é que a primeira fica nos antípodas.

É, pois, a sensação de fazer o que só poucos fazem que o leva a viajar. Coisas que ele confessa ao Dr. Janet: «*Chegado a um hotel de Nova Iorque, quero tomar banho e a ideia dá-me um certo prazer; tomo conhecimento de que há no hotel três mil salas de banho e que pode haver três mil viajantes a tomar banho ao mesmo tempo que eu, e lá se vai todo o prazer... Para eu gozar plenamente de de uma coisa, tenho de saber que é vedada aos outros, que é um privilégio.*»

Em 1926 manda construir uma *roulotte* que faz sensação em Paris e onde quer que passe: é um verdadeiro apartamento com cozinha, casa de banho, gabinete e até acomodações para os criados. Mussolini vai visitá-la. O papa manda-lhe um núncio, para a visitar em seu nome.

Que faz ele então, durante as viagens? Escreve. Não sai da *roulotte*, do iate, do comboio. Em Pequim, na Oceania, na Itália,

no seu livro *De l'Angoisse à l'Extase,* dando-lhe o nome de Martial (nome do protagonista de *Locus Solus*). Roussel morre, financeiramente arruinado e intoxicado pelos barbitúricos, num hotel de Palermo, em 1933 ([5]). Postumamente, em 1963, apareceu o seu livro *Comment j'ai écrit certains de mes livres* (Como escrevi alguns dos meus livros). *Epaves* apareceu em 1972.

---

fica fechado, dias a fio, a compor incansavelmente os versos das *Novas Impressões.*

([5]) Um dia, tristemente, Roussel perguntou a Cocteau: «Porque é que eu não sou célebre como Pierre Loti?»

Teve sempre a obsessão da glória e previu: «*essa glória caberá a todas as minhas obras, sem excepção, e transbordará para todos os actos da minha vida; hão-de ir rebuscar todos os actos da minha infância, hão-de admirar a maneira como eu brincava ao jogo da barra...*»

No ano da publicação do primeiro livro, sentiu uma «sensação de glória universal de extraordinária intensidade», a qual sofreu um rude golpe com o insucesso do livro. Mesmo assim, quis perpetuar essa sensação de glória e ligá-la à imortalidade. Tinha 19 anos, fez-se fotografar e uma das suas últimas vontades é que esse retrato seja publicado em todos os livros, depois da morte. O eternamente adolescente.

Raymond Roussel morreu no dia 14 de Julho de 1933. Após duas tentativas de suicídio (pulsos cortados). Havia dois anos que abusava dos barbitúricos e tinha marcado para esse mesmo dia o início de uma cura de desintoxicação.

Em Janeiro tinha feito testamento: um texto curto, metade do qual fala do livro póstumo *Comment j'ai écrit certains de mes livres.* Dá uma lista com os nomes e moradas das pessoas a quem o editor o deve enviar; entre esses nomes estão o de Desnos, Eluard, Tzara, Leiris, Breton, Char, Dali, Gide, Soupault, Aragon.

Em Março tinha feito reconhecer no notário uma última vontade, 4 linhas manuscritas: «Peço *encarecidamente* que me façam uma incisão *profunda* numa veia do pulso, para não haver o perigo de ser enterrado vivo.»

Tinha começado a desenhar um monumento tumular que o representava de pé, encostado a uma biblioteca cheia de livros. O modelo da estátua seria a tal fotografia tirada aos 19 anos.

Falta dizer que escolheu para cenário desta morte preparada o Grande Hotel de Palermo. O médico concluiu que a causa da morte tinha sido natural. Leonardo Sciascia, que tinha então 12 anos, procedeu mais tarde a pesquisas e entrevistas que confirmam esse parecer médico.

Ne t'inquiète pas — disse Raymond Roussel para Charlotte Dufrène, e foram as suas últimas palavras.

BIBLIOGRAFIA SUMARIA

André Breton, *Antologia do Humor Negro,* Afrodite, 1974.
Michel Butor, *Repertoire-I, Minuit,* 1960.
François Caradec, *Vie de Raymond Roussel,* J. J. Pauvert, 1972.
Julio Cortázar, *La Vuelta al dia en ochenta mundos,* Siglo XXI ed. 1970.
Michel Foucault, *Raymond Roussel,* Gallimard, 1963.
Sjef Houppermans, *R. R., Ecriture et Désir,* José Corti, 1985.
Michel Leiris, *Roussel l'Ingénu,* Ed. Fata Morgana, 1987.
Revista *Bizarre,* 34-35, 2.º trimestre, 1964.
Obras Completas de Raymond Roussel, J. J. Pauvert, 1963-1972.

Como escrevi alguns dos meus livros

Raymond Roussel

Extractos seleccionados
e traduzidos por
Manuel João Gomes

Sempre tive a intenção de explicar de que maneira escrevi alguns dos meus livros *(Impressions d'Afrique, Locus Solus, L'Etoile au Front* e *La Poussière des Soleils).*

Trata-se de um processo muito especial. E, tal processo, julgo ser meu dever revelá-lo, pois tenho a impressão de que alguns escritores do futuro poderão porventura explorá-lo com proveito.

Muito jovem ainda, já escrevia contos de poucas páginas em que empregava esse método.

Escolhia duas palavras parecidas (que fizessem pensar nos metagramas). Por exemplo *billard* e *pillard (bilhar* e *larápio).* Depois acrescentava palavras semelhantes mas tomadas em dois sentidos diferentes e obtinha assim duas frases quase idênticas.

No caso de *billard* e *pillard* as duas frases obtidas foram:

1.º Les lettres du blanc sur les bandes du vieux billard...

2.º Les lettres du blanc sur les bandes du vieux pillard.

No primeiro caso, «lettres» tomava-se no sentido de «sinais tipográficos», «blanc» no sentido de «cubo de giz» e «bandes» no sentido de «rebordos» (o que dá *As letras feitas a giz nos rebordos do velho bilhar*).

No segundo caso, «lettres» tem o sentido de «cartas», «blanc» o sentido de «homem branco» e «bandes» o sentido de «hordas guerreiras» (o que dá *As cartas do branco sobre as hordas do velho larápio*).

Encontradas as duas frases, tratava-se de escrever um conto que começasse com a primeira frase e terminasse com a segunda.

Ora, era à resolução deste problema que eu ia buscar todos os meus materiais.

No referido conto havia um *branco* (um explorador) que, sob o título de «Em terra de Negros» tinha publicado um livro em que, sob a forma de *cartas*, se falava das *hordas* de um *larápio* (um rei negro).

Logo no princípio via-se alguém a escrever com *giz* umas *letras* nos *rebordos* de um bilhar. Criptograficamente, essas letras formavam a frase final «As cartas do branco sobre as hordas do velho larápio» e todo o conto repousava sobre uma história de charadas baseadas nos relatos epistolares do explorador.

Mostrarei adiante como nesse conto está a génese do meu livro *Impressions d'Afrique*, escrito uns doze anos mais tarde.

Achar-se-ão três exemplos claros deste processo de criação baseado em duas frases semelhantes com sentidos diferentes:

1.º em *Chiquenaude*, conto que apareceu em edição de Alphonse Lemerre por volta de 1900.

2.º em *Nanon*, conto que apareceu no *Gaulois du Dimanche* por volta de 1907.

3.º em *Une Page du Folklore breton*, conto que apareceu no *Gaulois du Dimanche*, por volta de 1908.

No que respeita à génese das *Impressions d'Afrique*, consiste na semelhança que há entre a palavra *billard* e a palavra *pillard*. O larápio (pillard) é Talou que tem as suas hordas guerreiras (bandes); o branco é Carmichaël (a palavra *lettres* foi retirada).

Amplificando depois o processo, procurei novas palavras relacionadas com a palavra *billard*, que deveriam ser sempre tomadas num sentido diferente do que apresentavam à primeira vista, e isso proporcionava-me novas criações.

Assim, *queue* (taco) de bilhar forneceu-me a cauda *(queue)* da túnica de Talou. Um taco de bilhar tem às vezes gravado o *chiffre* (as iniciais) do proprietário; daí o *chiffre* (número) escrito na dita cauda.

Procurei uma palavra a acrescentar à palavra *bandes* e pensei nos rebordos ou abas *reprises* (cosidas com agulha). A palavra *reprises*, tomada no sentido musical de *refrãos*, forneceu-me a

Jéroukka, epopeia que é cantada pelas *bandes* (hordas) de Talou e cuja música consiste num *refrão* repetido continuamente.

Procurando encontrar uma palavra para juntar à palavra *blanc* pensei na *cola* que faz aderir o papel ao fundo do cubo de giz. E a palavra *colle* tomada no sentido (que tem na gíria estudante) de *castigo* forneceu-me as três horas de castigo infligidas ao branco (Carmichaël) por Talou.

Deixando então a palavra *billard*, continuei seguindo o mesmo método; escolhi uma palavra e juntei-a a outra através da preposição *à*. Essas duas palavras, tomadas num sentido diferente do primitivo, forneciam-me novas criações. Foi, aliás, essa preposição *à* que me serviu para aquilo que referi: *queue à chiffres* (taco com iniciais), *bandes à reprises* (rebordos cosidos), *blanc à colle* (giz com cola). Devo dizer que este primeiro trabalho era difícil e me tinha já levado muito tempo.

Vou citar exemplos:

Tomava a palavra *palmier* e decidia tomá-la em dois sentidos: o de *bolo* e o de *árvore* (palmeira). Considerando-o no sentido de *bolo*, procurava casá-la, recorrendo à preposição *à*, com uma outra palavra que fosse também susceptível de ser tomada em dois sentidos diferentes; obtinha assim (e dava, repito, um trabalho considerável) *un palmier* (bolo) *à restauration* (de restaurante); o que me dava também *un palmier* (uma palmeira) *à restauration* (de restauração, no sentido do restabelecimento de uma dinastia no trono). Daí a palmeira da praça dos Troféus, consagrada à restauração da dinastia dos Talous.

Outros exemplos:

1.º *Roue* (no sentido de roda de carro) *à caoutchouc* (borracha, matéria elástica); 2.º *roue* (no sentido de pessoa orgulhosa que se pavoneia) *à caoutchouc* (no sentido de árvore da borracha). Daí, a árvore de borracha da praça dos Troféus, onde Talou se pavoneia, pondo o pé sobre o cadáver do inimigo.

1.º *Maison* (edifício) *à espagnolettes* (fechos de janelas); 2.º *maison* (casa no sentido de família, dinastia) *à espagnolettes* (peque-

nas espanholas). Daí as duas jovens gémeas espanholas de quem descende a raça dos Talou-Yaour.

1.º *Baleine* (baleia, mamífero marítimo) *à îlot* (ilhéu); 2.º *baleine* (lamela de barbatana de baleia) *à ilote* (hilota, escravo espartano); 1.º *duel* (duelo) *à accolade* (dois adversários que se reconciliam após o duelo, dando um abraço *(accolade);* 2.º *duel* (tempo de verbo grego) *à accolade* (chaveta, sinal tipográfico); 1.º *mou* (indolente) *à raille* (pensei aqui num estudante preguiçoso que, pela sua incapacidade, provoca a risada — *raille* — dos colegas); 2.º *mou* (carne de bofe) *à rail* (carril de caminho de ferro). Estas três combinações de palavras deram-me a estátua do hilota, feita de barbatanas de baleia, deslizando sobre carris de bofe de vaca, tendo no pedestal uma inscrição relativa a *duel*, forma de verbo grego.

1.º *Revers* (avesso do fato) *à marguerite* (flor que se põe na lapela, que é o avesso do casaco); 2.º *revers* (revés, derrota militar) *à marguerite* (nome de mulher). Daí a batalha de Tez perdida por Yaour vestido de Margarida do *Fausto*.

1.º *Métier* (profissão) *à aubes* (madrugadas). Pensei numa profissão que obrigue a levantar cedo; 2.º *métier* (tear) *à aubes* (paletas de roda hidráulica); daí o tear instalado em Tez.

1.º *Cercle* (roda) *à rayons* (com raios, linhas geométricas); 2.º *cercle* (círculo no sentido de clube) *à rayons* (raios de glória);

1.º *Veste* (vestimenta) *à brandebourgs* (com galões); 2.º *veste* (revés) *à Brandebourg* (Eleitores de Brandebourg); daí a conferência de Juillard (pus aqui de parte o sentido de revés).

1.º *Parquet* (soalho) *à chevilles* (tornozelos); 2.º *parquet* (gabinete de agentes de câmbio) *à chevilles* (buchas, redundâncias no interior de um verso); daí a pequena Bolsa onde as ordens têm de ser escritas em verso.

1.º *Étalon* (metro padrão) *à platine* (platina de que é feito o metro padrão, como é sabido); 2.º *étalon* (garanhão) *à platine* (língua, em calão); daí o cavalo que é apresentado na cena dos Incomparáveis.

1.º *Dominos* (pessoas que vestem dominó) *à révérences* (vénias); 2.º *dominos* (no jogo do dominó) *à reverences* (suas reverências, os padres); 1.º *cure* (cura de águas) *à réussite* (com êxito); 2.º *cure* (presbitério) *à réussite* (jogo de paciências); daí o trabalho executado pelo palhaço Wirligig; quanto à torre por ele construída com moedas, não me lembra já qual foi a palavra que me serviu de ponto de partida; a segunda palavra deve ter sido *tourbillon* (uma torre — *tour* — feita com *billons*, moedas).

1.º *Tronc* (caixa de esmolas na igreja) *à ouverture (com* ranhura); *tronc* (homem sem braços e sem pernas) *à ouverture* (abertura de ópera); daí o homem-orquestra Trancré de Bouc-haressas.

1.º *Postillons* (cavaleiros) *à raccourci* (atalho); 2.º *postillons* (perdigotos de saliva) *à raccourci* (decapitado); daí o anão Philippo.

1.º *Paravent* (biombo) *à jour* (buraco existente num biombo); 2.º *paravent* (mulher que serve de biombo) *à jour* (em dia de recepção); Daí, Djizmé que serve de biombo e tem dias de recepção.

1.º *Natte* (trança que a mulher faz com os cabelos) *à cul* (até ao cu, pensei numa trança muito comprida); 2.º *natte* (esteira de junco) *à culs* (culs-de-lampe, vinhetas); daí a esteira com desenhos que Nair oferece a Djizmé.

. . . . . .

1.º *Favori* (suiça, parte da barba) *à collet* (colarinho); 2.º *favori* (favorito, amante) *à collet* (armadilha); daí que Nair, amante de Djizmé, fique preso pelo pé a uma armadilha.

1.º *Louche* (concha da sopa) *à envie* (apetite que a sopa desperta num guloso); 2.º *louche* (zarolho) *à envie* (mancha na pele); daí que Sirdah, que é zarolho, tenha uma mancha na testa.

1.º *Melon*, (melão, fruto) *à pincée* (com uma pitada de sal); 2.º *melon* (chapéu) *à pincée* (palavra que aparece escrita no chapéu); daí o chapéu de Nair.

1.º *Suède* (Suécia) *à capitale* (cidade capital); 2.º *suède* (luva sueca) *à capitale* (com uma letra maiúscula); daí que a luva de Djizmé tenha uma maiúscula gravada.

1.º *Jardinière* (jardineira, móvel) *à oeillets* (cravos, flores); 2.º *jardinière* (mulher que faz jardinagem) *à oeilletts* (ilhós dos atacadores); daí Rul, que trabalha como escravo no Béhuliphruen, e é sujeito a um suplício em que entram ilhós.

1.º *Mollet* (barriga da perna) *à gras* (parte carnuda da perna); 2.º *mollet* (ovo mole) *à gras* (espingarda Gras); daí o exercício de tiro de Balbet.

1.º *Toupie* (pião) *à coup de fouet* (chicotada que o menino dá ao pião); 2.º *toupie* (velha) *à coup de fouet* (chicotada, dor súbita); daí o ser Olga Tcherwonenkoff atingida em cena por uma chicotada.

1.º *Pistolet* (pistola) *à canon* (cano); 2.º *pistolet* (homem excêntrico) *à canon* (cânone, peça musical); daí o cantor Ludovic.

1.º *Sabot* (tamanco) *à dégrés* (degraus da escada); 2.º *sabot* (pião musical) *à dégrés* (graus do termómetro); daí o instrumento musical de Bex.

1.º *Aiguillettes* (tiras de carne) *à canard* (de pato); 2.º *aiguillettes* (alamares de uniforme) *á canards* (fífias); daí as fífias musicais da Louise Montalescot.

1.º *Théorie* (livro) *à renvois* (com notas, chamadas de atenção); 2.º *théorie* (grupo de pessoas) *à renvois* (arrotos); daí a dança — Luenn'chétuz — executada pelas mulheres de Talou.

1.º *Phalange* (falange de dedo) *à dé* (dedal); 2.º *phalange* (falange, tropa) *à dé* (dado de jogar); daí a falange dos filhos de Talou e o seu dado de jogar.

1.º *Marquise* (senhora marquesa) *à illusions* (uma marquesa que vive de ilusões); 2.º *marquise* (varanda envidraçada) *à illusions* (miragens); daí a *marquise* onde Séil-Kor vê desfilar toda a espécie de imagens.

1.º *Loup* (lobo, animal) *à griffes* (garras); 2.º *loup* (mascarilha) *à griffes* (com assinaturas); daí a máscara de Séil-Kor.

1.º *Fraise* (morango) *à nature* (a bela natureza); 2.º *fraise* (colarinho de pregas) *à nature* (o jornal *La Nature*); daí o colarinho de Séil-Kor.

1.º *Feuille* (folha) *à tremble* (do álamo); 2.º *feuille* (folha de papel) *à tremble* (tempo do verbo *trembler*, tremer); daí o gorro de Séil-Kor, feito com uma folha de papel.

1.º *Marine* (marinha) *à torpille* (torpedo, arma); 2.º *marine* (vestido azul-marinho) *à torpille* (tremelga, peixe); daí o acidente em que esteve envolvida Nina, vestida de azul-marinho.

1.º *Boléro* (peça de vestuário) *à remise* (com desconto); 2.º *boléro* (dança) *à remise* (cocheira); daí o *boléro* dançado por Séil-Kor e Nina.

1.º *Tulle* (tule, tecido leve) *à pois* (bolinha bordada num véu de tule) 2.º *Tulle* (nome de cidade) *à pois* (pinta); daí, o mapa de Corrèze em que Tulle é assinalada com uma pinta.

1.º *Martingale* (presilha, pedaço de tecido) *à tripoli* (substância para polir os botões da presilha); 2.º *martingale* (martingala, sistema de jogo) *à Tripoli* (nome de cidade); daí a martingala utilizada por Séil-Kor no casino de Trípoli.

1.º *Mousse* (grumete) *à avant* (proa do navio); 2.º *mousse* (musgo) *à Avent* (no Advento); daí a cama de musgo em que Nina dorme durante a primeira noite do Advento.

1.º Quinte (quinta, intervalo musical) à résolution (resolução, termo musical); 2.º *quinte* (ataque de tosse), *résolution* (resolução, decisão); daí o ataque de tosse que abala Nina enquanto ela toma uma resolução.

1.º *Pratique* (freguês) *à monnaie* (com dinheiro); 2.º *pratique* (gaita de lata) *à Monnaie* (o Teatro de La Monnaie em Bruxelas); daí a gaita de Cuijper.

1.º *Guitare* (Guitarra, título duma poesia de Victor Hugo) *à vers* (em verso); 2.º *guitare* (guitarra que subsituí por uma cítara) *à ver* (minhoca); daí a minhoca de Skarioffsky.

1.º *Meule* (meda) *à bottes* (feixes); 2.º *meule* (roda de amolador) *à bottes* (botes na esgrima); daí o aparelho de La Billaudière-Maisonnial.

1.º *Portée* (pauta de música) *à barres* (barras para separar os compassos); 2.º *portée* (ninhada de gatos) *à barres* (jogo da barra); daí os gatos que jogam à barra.

1.º *Plante* (planta) *à faux* (foice); 2.º *plante* (planta do pé) *à faux (falso);* daí o suplício sofrido por Mossem.

1.º *Arlequin* (arlequim) *à salut* (vénia); 2.º *arlequin* (iguaria) *à salut* (ofício religioso); daí o arlequim servido ao zuavo no momento da Bênção do Santíssimo Sacramento.

1.º *Châtelaine* (castelã, dama) *à morgue* (com ar altivo); 2.º *châtelaine* (cordão com berloque) *à morgue* (na morgue); daí o cadáver que tem um cordão com berloque, no episódio do zuavo.

1.º *Crachat* (escarro) *à delta* (formado pelo escarro, como se fosse um rio); 2.º *crachat* (condecoração) *à delta* (com um delta, letra grega); daí a Ordem do Delta.

Não posso citar tudo; vou-me ficar por aqui quanto à criação baseada na união de duas palavras tomadas em dois sentidos diferentes.

O processo evoluiu e fui levado a pegar numa frase banal da qual extraía imagens, fragmentando-a, como se faz quando se trata de charadas.

Um exemplo, tirado do conto *Le Poète et la Moresque* (p. 121 e p. 253). Servi-me da canção popular «J'ai du bon tabac». O primeiro verso «J'ai du bon tabac dans ma tabatière» deu «Jade tube onde aubade em mat a basse tierce». Podem reconhecer-se nesta frase todos os elementos do início do conto.

A continuação «Tu n'en auras pas» deu-me «Dune en or a pas» *(Duna de ouro tem passos).* Daí o poeta a beijar as pegadas na duna. «J'en ai du frais et du tout râpé» deu-me «Jaune aide orfraie édite oracle paie». Daí o episódio em casa do chinês. «Mais ce n'est pas pour ton fichu nez» deu-me: «Mets sonne et bafoue, don riche humé». Daí a iguaria *(mets)* que toca *(sonne)* e que Schahnidjar cheira *(humé).*

Continuarei o conto com a canção «Au clair de la lune».

1.º «Au clair de la lune mon ami Pierrot»; 2.º «Eau glaire de là l'anémone à midi négro». Daí o episódio no éden, iluminado pelo sol do meio-dia *(midi).*

Não me lembra como utilizei os outros versos da canção. Claramente, só me lembro disto: «Ma chandelle est...» que me deu «Marchande zélée».

. . . . . .

Queria referir aqui uma curiosa crise que tive aos dezanove anos de idade, quando escrevia *La Doublure.* Durante alguns meses, experimentei uma sensação de glória universal de extraordinária intensidade. O Doutor Pierre Janet, que me tratou durante longos anos, fez uma descrição desta crise no primeiro volume da sua obra *De l'Angoisse à l'Extase* (p. 132 e seguintes); designa-me pelo nome de Martial, escolhido por causa do *Martial Canterel* de *Locus Solus.*

*

* *

Desejava também nestas notas prestar homenagem ao homem de incomensurável génio que foi Jules Verne.

A admiração que tenho por ele é infinita.

Em certas páginas da *Viagem ao Centro da Terra,* das *Cinco Semanas em Balão,* das *Vinte Mil Léguas Submarinas, Da Terra à Lua* e *À Volta da Lua,* da *Ilha Misteriosa* e do *Hector Servadac,* ele ergueu-se aos pontos mais altos do Verbo humano.

Tive a felicidade de ser por ele recebido uma vez, em Amiens, onde prestava o meu serviço militar, e de poder apertar a mão que tinha escrito tantas obras imortais.

Ó mestre incomparável, bendito sejais pelas horas sublimes que passei a ler-vos e a reler-vos durante toda a minha vida.

*
* *

Devo referir também aqui um facto bastante curioso. Viajei muito. Principalmente em 1920-1921, dei a volta ao mundo pelas Índias, a Austrália, a Nova Zelândia, os arquipélagos do Pacífico, a China, o Japão e a América. (Durante esta viagem passei uma temporada bastante prolongada no Taiti, onde pude ainda encontrar algumas personagens do admirável livro de Pierre Loti). Conhecia já os principais países da Europa, o Egipto e todo o Norte da África, e visitei mais tarde Constantinopla, a Ásia Menor e a Pérsia. Ora, de todas estas viagens nada retirei para os meus livros. Pareceu-me que a coisa merecia ser referida, por mostrar claramente como, em mim, a imaginação é tudo.

*
* *

Algumas breves notas biográficas para terminar esta obra.

Fui criado com a minha irmã Germaine, mais tarde duquesa de Elchingen, depois princesa de Moskowa, desde 21 de Outubro de 1928, data em que, sem deixar descendentes, morreu o irmão mais velho do meu cunhado, Napoléon Ney, príncipe de Moskowa, casado com Sua Alteza a princesa Eugénia Bonaparte, descendente do rei Joseph e de Lucien Bonaparte. Facto curioso: na família do meu cunhado encontravam-se reunidos quase todos os nomes do Império: o seu meio-irmão era príncipe de Essling e duque de Rivoli; a irmã mais velha tinha desposado Sua Alteza o príncipe Murat, pretendente ao trono de Nápoles; as suas outras irmãs eram a princesa Eugène Murat, a duquesa de Camastra, a duquesa de Albufera e a duquesa de Fezensac. Além disso, o meu sobrinho e único herdeiro Michel Ney, duque de Elchingen e futuro príncipe de Moskowa, desposou em 23 de Fevereiro de 1931 Mlle Hélène La Caze, neta, por parte da mãe, de Ferdinand de Lesseps e sobrinha-neta de

Napoléon III e da imperatriz Eugénie. As testemunhas do casamento fomos eu e o príncipe Murat.

O nosso irmão mais velho George, falecido em 1901, era quase homem, sendo nós ainda crianças.

Guardei da minha infância recordações deliciosas. Posso dizer que conheci então muitos anos de uma felicidade perfeita.

A minha mãe adorava a música e, vendo-me dotado para esta arte, fez-me trocar, aos treze anos, o liceu pelo conservatório, depois de ter vencido uma certa resistência do meu pai.

Entrei na classe de piano de Louis Diemer e obtive um segundo e depois um primeiro *accessit*.

Aos dezasseis anos tentava compor melodias cujos versos eram feitos por mim. Os versos vinham com facilidade, mas a música mantinha-se rebelde. Um dia, com dezassete anos, decidi abandonar a música para me dedicar somente aos versos; estava decidida a minha vocação.

A partir de então fui tomado por uma grande febre do trabalho. Trabalhei, por assim dizer, noite e dia, durante longos meses, no termo dos quais escrevi *La Doublure*, cuja composição coincidiu com a crise descrita por Pierre Janet.

Quando apareceu *La Doublure*, em 10 de Junho de 1897, o seu insucesso causou-me um choque de uma violência terrível. Tive a impressão de ter sido precipitado em terra, do alto dos píncaros da glória. Este abalo provocou em mim uma espécie de doença de pele que se traduziu por uma vermelhidão em todo o corpo e a minha mãe levou-me ao nosso médico, convencida de que tinha a rubéola. Desse choque resultou uma doença de que sofri durante muito tempo.

Retomei o trabalho, mas de forma mais sensata do que durante a minha grande crise de *surmenage*. Durante alguns anos limitei-me a fazer prospecção. Nenhuma das minhas obras me satisfez, a não ser *Chiquenaude*, que publiquei por volta de 1900.

Aos vinte e cinco anos escrevi *La Vue*. Este poema apareceu no *Gaulois du Dimanche* e atraiu a atenção de alguns letrados. Foi-

-lhe feita uma alusão em *Sire de Vergy*, opereta que então se representou nas *Varietés*. Uma das personagens, não sei qual, contemplava, numa caneta trazida por Eve La Vallière, uma vista que representava a batalha de Tolbiac.

Depois de *La Vue*, escrevi o *Concert* e a *Source* e depois voltei à prospecção durante vários anos, durante os quais publiquei apenas (no *Gaulois du Dimanche*) o *Inconsolable e Têtes de Carton du Carnaval de Nice*. Esta prospecção não deixou de me fazer sofrer e cheguei a rebolar-me no chão com crises de raiva, por sentir que não era capaz de ter as sensações de arte a que aspirava.

Finalmente, por volta dos trinta anos, tive a impressão de ter encontrado o meu caminho naquelas combinações de palavras a que me referi atrás. Escrevi *Nanon, Une Page du Folklore Breton* e depois *Impressions d'Afrique*.

Impressions d'Afrique apareceu em folhetim no *Gaulois du Dimanche* e passou completamente despercebido.

Quando foi publicado em livro também ninguém lhe prestou atenção. Só Edmond Rostand, a quem mandei um exemplar, o compreendeu de imediato, apaixonou-se pelo livro, falou dele a toda a gente, indo ao ponto de ler fragmentos em voz alta aos familiares. Dizia-me muitas vezes: «Do seu livro podia tirar-se uma peça extraordinária». Fui muito influenciado por estas palavras. Mas sofria por não ser compreendido e pensei que, pelo teatro, talvez pudesse atingir o público mais facilmente do que pelo livro.

Tirei, pois, uma peça das *Impressions d'Afrique* e fi-la representar primeiramente no Théâtre Fémina e depois no Théâtre Antoine.

Foi mais do que um insucesso, foi a indignação geral. Chamavam-me doido, assobiavam os actores, atiravam moedas para o palco, enviavam cartas de protesto ao director.

Não foi feliz a tournée pela Bélgica, Holanda e pelo Norte da França.

Durante esse tempo escrevia *Locus Solus*.

Tal como as *Impressions d'Afrique*, a obra apareceu em folhetim no *Gaulois du Dimanche* e passou também completamente despercebida.

Saiu em livro com nulo resultado.

Mais uma vez quis recorrer ao teatro e pedi a Pierre Frondaie que extraísse de *Locus Solus* uma peça que fiz representar com todo o luxo no Théâtre Antoine.

Na estreia houve um tumulto indescritível. Houve batalha, pois, desta vez, se quase toda a sala estava contra mim, tinha pelo menos um grupo de partidários aguerridos.

O caso deu que falar e, de um dia para o outro, tornei-me conhecido.

Mas, mais do que sucesso, foi um escândalo. Pois, para lá do pequeno grupo favorável que referi, toda a gente se sublevou contra mim.

Segundo a expressão de um jornalista foi «um motim de canetas». Tornaram a chamar-me doido e mistificador. Toda a crítica deu gritos de indignação.

Mas consegui pelo menos um resultado: tornei famoso um título de uma obra minha. Naquele ano, em todas as revistas teatrais, houve uma cena sobre *Locus Solus* e duas dessas revistas inspiraram os seus títulos no meu: *Cocus Solus* (que, mais feliz do que a minha peça, ultrapassou as cem representações) e *Blocus Solus ou les bâtons dans les Ruhrs*.

Pensando que a incompreensão do público podia vir de facto de, até então, eu só lhe ter dado adaptações de livros, decidi compor uma obra especialmente para a cena.

Escrevi *L'Etoile au Front* que fiz representar no *Vaudeville*. Novo tumulto, nova batalha, mas os meus partidários eram já mais numerosos. No terceiro acto, foi tal a efervescência que foi preciso, no meio da uma cena, baixar o pano e abri-lo só passado algum tempo.

Durante o segundo acto, um dos meus adversários gritou para os que aplaudiam: «Hardi la claque» (Força claque!). Robert Desnos

respondeu: «Nous sommes la claque et vous êtes la joue». (Nós somos a claque (ou a bofetada) e vocês são a cara (onde se dá a bofetada). A frase teve sucesso e foi citada por diversos jornais. (É interessante que, invertendo as posições do *L* e do *T*, fica: «Nous sommes la claque et vous êtes jaloux» (Nós somos a claque e vocês são invejosos), frase em que não deixava de haver alguma justiça.

Mais uma vez a crítica me caiu em cima, e como sempre, falou-se de loucura e mistificação. Chamaram à peça «L'Araignée au Front» *(A Aranha na Testa*, em vez de *A Estrela na Testa)*, os jornalistas foram entrevistar os actores e queriam saber se eu escrevia as peças a sério ou se o meu objectivo era zombar das pessoas. Vim a saber que no final de uma das representações, um grupo de estudantes tinha ficado algum tempo à saída, à minha espera, para me apupar.

Mas o número dos meus partidários não parava de aumentar.

Depois de *Etoile au Front* escrevi *La Poussière des Soleils* que fiz representar na Porte-Saint-Martin.

Foram disputadíssimos os bilhetes para a estreia e a afluência foi enorme. Muitos vinham para terem o prazer de assistir a uma sessão tempestuosa e nela tomar parte. Mas a representação foi calma. Mais uma vez, num começo de manifestação hostil, um dos meus partidários gritou: «Silêncio, idiotas!»

A peça não foi compreendida e, com raras excepções, os artigos da imprensa foram uma desgraça.

Não foi mais feliz uma série de representações que houve mais tarde na Rennaissance. Quando caía o pano, as pessoas gritavam ironicamente «o autor... o autor...». O facto é que, em cada uma das minhas manifestações, via novas pessoas juntarem-se a mim.

*

* *

Para escrever *L'Etoile au Front* e *La Poussière des Soleils*, tinha interrompido a composição de uma obra em verso iniciada em 1915.

Naquela época tinha-me dedicado outra vez à poesia, abandonada havia muitos anos, e a obra em questão era exactamente as *Novas Impressões de Africa* que só terminei em 1928.

Não se imagina, de facto, o tempo imenso que exige uma composição em verso deste género.

Vou tentar dar uma ideia desse trabalho.

As *Novas Impressões de Africa* deviam conter uma parte descritiva. Tratava-se de um binóculo pendente e minúsculo em que cada um dos tubos, com a largura de dois milímetros e colado ao olho, encerrava uma fotografia sobre vidro, com o bazar do Cairo num dos tubos e no outro um dos cais de Luqsor.

Fiz em verso a descrição de cada uma destas fotografias. (Era, em suma, retomar exactamente o meu poema *La vue*).

Terminado este trabalho, retomei a obra desde o princípio para dar aos versos a forma definitiva. Mas, ao cabo de algum tempo, tive a impressão de que nem a vida inteira chegaria para o conseguir e pus esse trabalho de parte. Tinha consumido com tudo isto cinco anos de trabalho. Se o manuscrito for encontrado nos meus papéis, é possível que, tal como está, interesse a algum dos meus leitores.

Ora, se, dos treze anos e meio que passaram entre o Inverno de 1915 e o Outono de 1928, subtrairmos os cinco anos de que falei, mais o tempo que me levou a escrever *L'Etoile au Front* e *La Poussière des Soleils*, concluo que levei sete anos a compor as *Novas Impressões de Africa*, tal como as apresentei ao público.

*

* *

Para terminar, retorno ao sentimento que sempre experimentava quando via as minhas obras depararem com a incompreensão hostil de quase toda a gente.

(A primeira edição das *Impressions d'Afrique* levou nada menos de vinte anos a esgotar-se).

Só conheci verdadeiramente a sensação do sucesso quando cantava, acompanhando-me ao piano, e sobretudo com as numerosas imitações que fazia de actores e outras pessoas vulgares. Aí, pelo menos, o sucesso era enorme e unânime.

À falta de melhor, refugio-me na esperança de que talvez tenha um pouco de brilho póstumo com os meus livros.

FENDA

Publicado

A FALA DO ÍNDIO
Teri C. McLuhan

O QUILOMBO DE PALMARES
Benjamin Péret

CANTOS DE MALDOROR
Conde de Lautréamont

MANUAL DE CIVILIDADE PARA MENINAS
Pierre Louÿs

ANTINOO
Fernando Pessoa

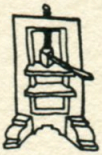
A POESIA NA ACTUALIDADE
Antero de Quental

DEUS TEM CASPA
Júlio Henriques

Z LEIBNIZI
Vasco Sérlei

A ILUSTRE MÁQUINA DE RAMIRES
António Pocinho

THE RAPE
Fanny O.



Esta obra foi composta e impressa
na Tipografia Lousanense, Lda. (Lousã)
para Fenda Edições (Lisboa) em
Dezembro de 1988
Depósito legal n.º 16663/88

Se a linguagem fosse tão rica como o ser,
seria o duplo inútil e mudo das coisas;
não existiria.
Mas, se não tivessem nome para serem nomeadas,
as coisas ficariam no escuro.
Roussel experimentou esta lacuna
iluminante da linguagem até à angústia,
até à obsessão, se se quiser.

MICHEL FOUCAULT